

A Virgem Maria: Está Morta ou Viva?

O que nos diz a Bíblia sobre tudo isso?
Mais de 580 referências bíblicas!



Por

DANNY VIERRA

Publicado e distribuído gratuitamente por

MODERN MANNA MINISTRIES

1997

Primeira edição em português.

Todas as ênfases deste livro são fornecidas pelo autor.

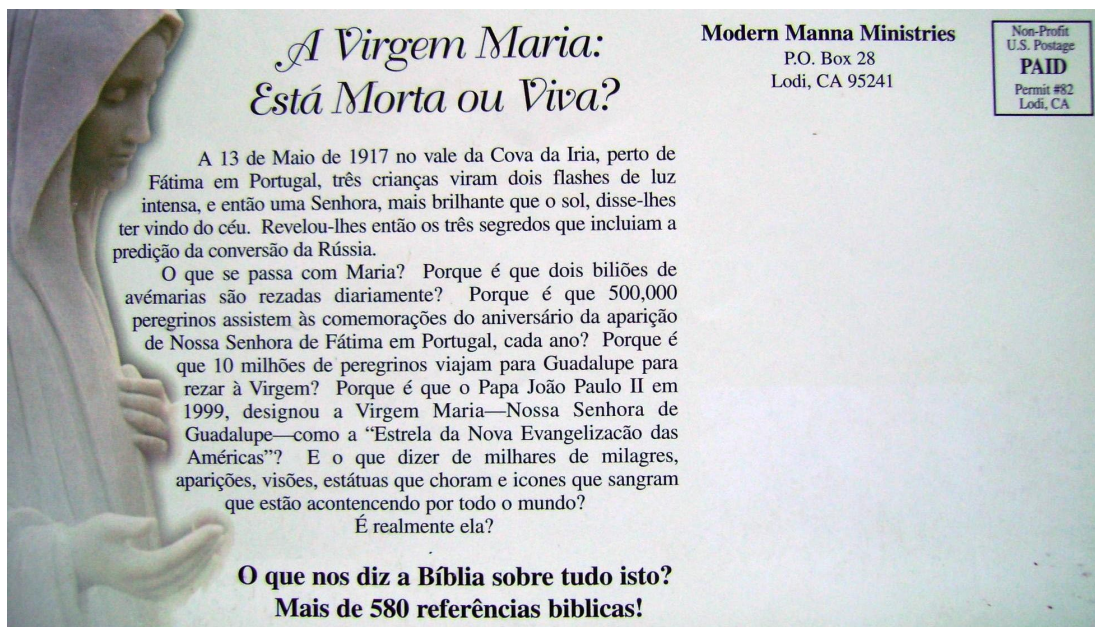
Foto de Art Zammur (tirada em Medjugorje, antiga Iugoslávia)

Contato:

P.O. Box 28

Lodi, CA 95241

209-334-3868



*A Virgem Maria:
Está Morta ou Viva?*

Modern Manna Ministries
P.O. Box 28
Lodi, CA 95241

Non-Profit
U.S. Postage
PAID
Permit #82
Lodi, CA

A 13 de Maio de 1917 no vale da Cova da Iria, perto de Fátima em Portugal, três crianças viram dois flashes de luz intensa, e então uma Senhora, mais brilhante que o sol, disse-lhes ter vindo do céu. Revelou-lhes então os três segredos que incluíam a predição da conversão da Rússia.

O que se passa com Maria? Porque é que dois biliões de avémarías são rezadas diariamente? Porque é que 500,000 peregrinos assistem às comemorações do aniversário da aparição de Nossa Senhora de Fátima em Portugal, cada ano? Porque é que 10 milhões de peregrinos viajam para Guadalupe para rezar à Virgem? Porque é que o Papa João Paulo II em 1999, designou a Virgem Maria—Nossa Senhora de Guadalupe—como a “Estrela da Nova Evangelização das Américas”? E o que dizer de milhares de milagres, aparições, visões, estátuas que choram e ícones que sangram que estão acontecendo por todo o mundo?

É realmente ela?

**O que nos diz a Bíblia sobre tudo isto?
Mais de 580 referências bíblicas!**

ÍNDICE

1. A minha adoração à Virgem Maria durante a minha juventude / 3
 2. A Primeira Mentira: A Imortalidade da Alma / 6
 3. O Espiritismo Atual: Obra Mestra do Engano / 11
 4. O Trovão da Justiça e o Movimento Mariano / 13
 5. A Mulher de Gênesis 3:15 e Apocalipse 12:1-6 / 20
 6. A Profecia dos 1260 dias e a sua relação com o Papado / 26
 7. A Ferida Mortal foi Curada / 30
 8. Outra Característica do Chifre Pequeno de Daniel 7: A Blasfêmia / 37
 9. Cuidará em Mudar os Tempos e a Lei / 42
 10. A Mudança Gradual do Quarto Mandamento operada por Satanás / 45
 11. O Selo de Deus / 48
 12. A Origem do Mistério: “A Grande Babilônia, a Mãe das Prostituições e das Abominações” / 52
 13. O Meu Testemunho Pessoal acerca dos Sacramentos / 56
 14. Mãe e Filho: Grandes Objetos de Adoração / 62
 15. O Falso Selo de Deus / 65
 16. A Nossa Senhora de Roma é a Nossa Senhora da Antiga Babilônia / 70
 17. A Marca da Besta e o papel dos Estados Unidos na Profecia Bíblica / 73
 18. A Nova Eva da Nova Era Vindoura / 82
 19. O Ato Capital do Drama do Engano- Satanás faz-se passar por Cristo / 84
 20. Epílogo: A Mensagem dos Três Anjos / 88
- Capítulo Extra — Maria Continuou Virgem após o Nascimento de Jesus? / 92

CAPÍTULO 1

A minha adoração à Virgem Maria durante a minha juventude

Recebi educação católica no seio de uma família de classe média. Os meus pais enviaram-me para a Escola da Anunciação, onde recebi a minha educação primária. Durante os oito anos que permaneci nessa escola era requerido assistir à missa todos os domingos na Catedral da Anunciação, onde por fim viria a servir por dois anos como sacristão, dando assistência aos sacerdotes. Recordo bem a beleza da catedral- os seus tetos com cerca de nove metros de altura, as formosas janelas mosaicas, os mobiliários de ouro, as cores violeta e escarlata, e as estátuas dos santos, Maria e o menino Jesus.

Não levei muito tempo para considerar a Virgem Maria como mais importante para mim que o próprio Jesus. Sentia um amor fervoroso e devoto por ela. Rezei milhares de “aves marias” na minha juventude, algumas vezes enquanto estava ajoelhado perante uma estátua da “Mãe de Deus”. Maria estava em todas as partes. Recordo a estátua de Nossa Senhora no jardim de minha mãe, e o floreiro com a figura de Nossa Senhora que estava sobre o toucador. Dentro do floreiro havia folhas de palma, postais religiosos e contas de rosários. Por motivo da minha descendência italiana e como membro da Igreja de Roma, aprendi com diligência a respeitar e venerar a Virgem Maria como sacrossanta. Ouvi mencionar o seu nome muito mais freqüentemente do que o de Jesus, e ela prontamente se converteu no meu mais apreciado ser “mediador” perante o trono de Deus.

Foi apenas quando me graduei na Escola da Anunciação, [a “anunciação”, de acordo com os ensinamentos católico-romanos, é o anúncio feito pelo Anjo Gabriel à Virgem Maria de que ela iria ser a mãe de Jesus Cristo, segundo se relata em Lucas 1:26-38, e se celebra anualmente a 25 de março como *Dia da Senhora*] e fui aceite na Escola Secundária Santa Maria [outra escola dedicada a Virgem Maria], onde receberia os próximos quatro anos da minha educação, que comecei a questionar as doutrinas do catolicismo. As freiras da Anunciação, que foram as minhas únicas professoras durante oito anos, ensinaram-me acerca dos nossos primeiros pais, Adão e Eva, os quais foram criados por Deus e viveram no Jardim do Éden. Mas quanto estudava na Escola Secundária Santa Maria, onde fazia os meus estudos secundários, sofri um grande desapontamento que nunca esqueci. Recordo muito bem o dia que o sacerdote, professor da minha classe de religião, disse a mim e aos demais estudantes, que o relato de Adão e Eva não deveria considerar-se literalmente. Que era simplesmente um **conto** relatado na Bíblia- **e algo não verídico**. Isso perturbou-me muito, ficando a minha confiança abalada nos ensinamentos e doutrinas da Igreja Católica Romana. Por esta razão comecei a por em

dúvida o próprio sistema. Seria possível que me tivessem enganado, durante os primeiros oito anos de escola? Que outras doutrinas me teriam ensinado que não estavam corretas?

Foi apenas vinte anos mais tarde que finalmente decidi esquadrinhar as escrituras por mim mesmo. Enquanto estudava a Palavra de Deus, descobri muitas verdades que nunca tinha aprendido nas escolas católicas. Na realidade, encontrei que muitas das doutrinas de Roma eram contrárias à Bíblia. Uma delas, por exemplo, era a da imortalidade da alma — a doutrina de que os mortos têm conhecimento. Que sucede a uma pessoa quando morre? Porventura a sua alma vive para sempre na forma de um espírito que se eleva ao Céu, onde desfruta da eternidade, ou baixa ao Inferno, onde é atormentada para sempre? Como poderiam explicar os sacerdotes, os que supostamente me “corrigiram” a respeito da história da criação, as seguintes passagens das escrituras: “A Alma que pecar, essa **morrerá**” (Ezequiel 18:20); “Muitos dos que **dormem** no pó da terra **ressurgirão**, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e desprezo eterno” (Daniel 12:2)

Tem porventura o leitor reparado nos imensos anúncios que têm aparecido por todo lado nos últimos anos sugerindo a fazer uma chamada telefônica para ouvir uma mensagem da Virgem Maria? “Por que se rezam bilhões de aves marias diariamente? Porque visitaram Lourdes este ano cinco milhões de pessoas, muitas delas não cristãs, para beber de suas águas curadoras? Porque têm viajado cerca de dez milhões de pessoas a Guadalupe com o propósito de rezar a Nossa Senhora? Porque têm ido 15.000 sacerdotes a Medjugorje desde 1981? Porque é que mais meninas têm recebido o nome de Maria do que o de qualquer outra figura histórica? Porque existe a necessidade de falar com ela? Porque se estão a introduzir nos hinários metodistas os hinos de honra a Maria?” (Life, dezembro de 1996 p. 45). Em todo o caso, onde está a Virgem Maria atualmente? Está no Céu com Jesus, ou em Nova York, ou em Fátima? Ou está no sepulcro dormindo até que Jesus venha? E o que dizer dos relatos de milagres, as visões, as aparições, as mensagens, as predições, e as imagens que choram sangue? O que está a se passar a redor de Maria? Segundo os adeptos do “Movimento Mariano”, mais de 300 aparições suficientemente significativas para merecer atenção (porque ascendem as milhares que tem sido relatadas) têm ocorrido desde Fátima. “Fátima é a aparição mariana chave do século vinte. De fato, o Papa Pio XII assinalou que a mensagem de Fátima era uma das maiores intervenções de Deus por meio de Maria na história do mundo desde a morte dos apóstolos” (*O Trovão da Justiça*, p. 132).

O número de 30 de dezembro de 1991 da revista Time, informou que “a última parte do século vinte retornou à idade da **peregrinação mariana**” para os múltiplos santuários que se estabeleceram com o propósito de comemorar estas aparições da Virgem Maria em anos recentes. “Estas aparições têm trazido milhões de pessoas à fé na Maria do catolicismo. O santuário de Lourdes, França, atrai cerca de 5,5 milhões de

peregrinos atualmente; a Virgem Maria negra da Polônia atrai 5 milhões; Fátima, Portugal, ‘atrai a cifra constante de 4,5 milhões de peregrinos por ano com uma variação cada vez mais ampla de países’. Desde que João Paulo II visitara o santuário de Maria em Knock, Irlanda, ‘a assistência duplicou a 1,5 milhões de pessoas por ano. Para poder acolher a afluência de visitantes, abriu-se novo aeroporto internacional em Knock em 1986’. Um ‘santuário a Maria, rainha do universo’ abriu recentemente em Orlando, Flórida. O santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, próximo da cidade do México atrai cerca de 20 milhões de visitantes por ano! ... Maria, **uma deusa idônea para todas as religiões, já é adorada por uma quarta parte da população da Terra**” (*Uma Mulher cavalga a Besta* p. 465, 466, 469). Indiscutivelmente, as aparições de Maria estão atraindo um grande número de seguidores, superando a da Disneyland, em Anaheim, Califórnia, que reportou incrível assistência de 15 milhões de visitantes em 1996.

“São Luis de Montford, descobriu no século XVII como seria a Igreja nos últimos dias, e o papel de Maria nesse plano. Ele disse: **‘Na segunda vinda do Senhor, o Espírito Santo, nos fará conhecer Maria de forma especial para que através dela alcancemos um maior conhecimento de Jesus e o sirvamos melhor...** Maria resplandecerá mais do que nunca nestes últimos dias para atrair os pobres pecadores que se têm afastado da família de Deus... Maria fará surgir os apóstolos dos últimos tempos para fazer guerra ao maligno”. (*O Trovão da Justiça*, p. 73). Séculos depois em 1987, na sua encíclica *Redemptoris Mater*, o Papa João Paulo II escreveu que “as aparições marianas significam que a Santíssima Virgem está a trasladar-se, através do tempo e do espaço, numa peregrinação para a segunda vinda de Cristo **e a vitória final de Maria sobre Satanás**. Este é o papel dela agora como foi predestinado desde o princípio” (Id. P. 19).

Certamente, baseando-se nas declarações preditas, alguém poderia chegar a considerar Maria como o ser mais importante que jamais tenha existido, mais ainda que o próprio Jesus. Mas se estudarmos a Bíblia e, por sua vez, pedirmos em oração ao Espírito Santo que nos esclareça a palavra e nos dê a conhecer as suas verdades, estou seguro de que veremos claramente que as ditas declarações não somente são erradas e enganosas, mas também as participações de Maria nos eventos futuros é algo totalmente impossível!

CAPÍTULO 2

A Primeira Mentira: A Imortalidade da Alma

No início da história, Satanás, havendo assumido a forma de serpente, pronunciou a primeira mentira a Eva. Disse-lhe que se desobedecesse á ordem de Deus de não comer do fruto da Arvore do Conhecimento do Bem e do Mal, **“Não Morrereis”**, apesar de Deus ter expressamente advertido o homem que “no dia em que dela comeres **certamente morrerás**” (ver Gênesis 3:4, 2:17). Satanás traiçoeiramente assegurou a Eva (outra mentira descomunal) que ao comer o fruto “os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal” (Gênesis 3:5). Prezados amigos, estamos todavia a acreditar no que disse o diabo? A Bíblia estabelece claramente que Deus é **“aquele que tem, ele só, a imortalidade”** (I Timóteo 6:16). De fato, a Bíblia contém um bom número de passagens que provam que o homem mortal não recebe a sua imortalidade até a segunda vinda de Cristo- na ocasião da ressurreição (I Coríntios 15:51-55; João 5:28,29). Agora, por favor, fixemo-nos nestas declarações inequívocas e com a autoridade sobre o estado dos mortos em Eclesiastes 9:5,10: **“Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa alguma... Tudo o que te vier a mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, pois na sepultura, para onde vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”**

Recordo a primeira vez que li estas passagens bíblicas. Imediatamente me questionei porque tinha eu sempre crido que uma pessoa morta podia comunicar-se comigo á vontade. Seria este, outro erro da Igreja Romana, que os sacerdotes me haviam inculcado? No fim das contas, e de acordo com a Bíblia não são as sessões espíritas reuniões nos quais o diabo procura enviar mensagens funestas a pessoas incautas através de um médium humano, que supostamente pode comunicar-se com os presumíveis espíritos dos mortos? A maior das sessões espíritas relatadas na Bíblia ocorreu quando Saul visitou a **Feiticeira de En-Dor**, descrita nas escrituras como “uma mulher que tem o espírito de adivinhar” — uma mulher que recebia mensagens de um anjo maligno que pretendia ser o “espírito” de uma determinada pessoa morta, geralmente conhecida por indagador- e pediu-lhe que fizesse subir a Samuel dos mortos pois **“o Senhor não lhe respondeu**, nem por sonhos, nem por Urím, nem por profetas” (I Samuel 28:6,7). Desde quando acode um homem de Deus ao diabo para procurar conselho quando o Senhor explicitamente disse: “Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles. Eu sou o Senhor vosso Deus”? (Levítico 19:31, ver também Isaías 8:19, 20). A Bíblia diz claramente: **“os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio”** pois quando o homem morre, **“sai-lhes o**

espírito e eles tornam-se em sua terra: naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos” (Salmos 115:17; 146:4).

Então porque é que a maioria das pessoas, tanto cristãs como não cristãs, crêem na doutrina da imortalidade da alma? No meu parecer, o problema existe devido a uma má interpretação das escrituras. Em Gênesis 2:7, a Bíblia diz: “Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, **e soprou nas suas narinas o fôlego da vida**, e o homem foi feito alma vivente”. A palavra hebraica que foi traduzida como “alma” nesta passagem é *nephesh*. Além de ter sido traduzida 428 vezes como “alma” no antigo testamento, *nephesh* também foi traduzida da seguinte forma: *vida* — 119 vezes; *pessoa* — 29 vezes; e *criatura*— 19 vezes. “ Não existe nada nas palavras traduzidas como ‘alma’ ou em seu emprego na Bíblia, que nem de forma remota implique uma entidade consciente que sobrevive ao corpo depois da morte, ou que atribua imortalidade a ela. *Nephesh* não é parte de uma pessoa, mas sim a própria pessoa!” (*Bible Dictionary*, por Siegfried Horn, Phd p.1061).

Creio que a confusão é o resultado de uma interpretação equivocada de versículos como o seguinte: “E o pó volte a terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Eclesiastes 12:7). Muitas pessoas procuram usar este versículo para comprovar que a “alma” ou o “espírito” é, por isso, imortal e que regressa a Deus ao experimentar a morte. Não obstante, segundo o conceito hebraico expresso nas escrituras, o “espírito” não é outra coisa senão o *alento da vida* que mantém vivo o ser humano, o qual é préstimo da parte de Deus e que no fim regressa de volta ao Grande Autor da Vida. É isso precisamente o que quer dizer João 27:3, 4: “Enquanto em mim houver **alento** [*nephesh*], e o **sopro** de Deus no meu nariz, não falarão os meus lábios iniquidade”. A palavra hebraica que se utiliza para espírito é *ruach*, a qual define no Léxico de Genésio da seguinte forma: a) espírito ou fôlego; b) fôlego das narinas; c) sopro de ar. Quando o espírito, ou seja, o sopro nas narinas, regressa a Deus, então o corpo, formado originalmente do pó da terra, cessa as suas funções normais e começa o seu processo de regresso à terra, o seu lugar de origem. O indivíduo já carente de alento ou respiração deixa de existir como ser vivente, consciente e pensante, e passa a descansar no sepulcro até ser chamado pela voz de Cristo no “último dia” (João 6:39). “Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em **que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz**. E os que fizeram o bem sairão para a **ressurreição da vida**; e os que fizeram o mal para a **ressurreição da condenação**”. (João 5:28, 29). Os justos mortos levantar-se-ão por ocasião da segunda vinda de Cristo e junto com os santos vivos serão arrebatados nas nuvens a receber o Senhor nos ares (ver I Tessalonicenses 4:15-18), mas os mortos ímpios não se levantarão até mil anos depois da ressurreição dos justos. “Mas os outros mortos **não reviveram** até que os mil anos se completassem” (Apocalipse 20:5). Como pode alguém “reviver” sem ter primeiro experimentado a morte?

Amigos, já devem porventura estar a questionar-se o seguinte: “Como pode estar viva a Virgem Maria quando a Bíblia claramente diz que não há nenhum conhecimento na morte?”. Para esclarecer melhor este ponto, examinaremos mais algumas citações bíblicas que provam que o homem é mortal. No livro de Jô lemos: “Mas, morto o homem, e, consumido; sim rendendo o homem o espírito [expira, segundo Strong’s Concordance], então onde está? Como as águas se evaporam de um lago, e o rio se esgota e seca; até que não haja mais céus [o céu há de se recolher “como um pergaminho quando se enrola” quando Cristo regressar pela segunda vez (Apocalipse 6:14)] não acordará nem despertará de seu sono” (Jô 14:10-12). E como se isso não fosse suficientemente claro, Jô continua a dizer: “Morrendo o homem tornará a viver? Todos os dias da minha lida esperaria, **até que viesse a minha mudança**. Chamar-me-ias, e eu te responderia... (Jô 14:14, 15). Evidentemente a crença de Jô era que iria dormir no sepulcro até que Jesus o chamasse na Manhã da Ressurreição (ver também Jô 17:13-16). Além do mais, foi o próprio Jesus que se referiu ao estado de Lázaro na sepultura como um sono. Em nenhum momento deu a entender que Lázaro havia ascendido ao Céu. Pelo contrário, declarou que: “Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou desperta-lo” (João 11:11). Seguidamente, em João 11:23 Jesus disse a Marta que: “Teu irmão há de ressuscitar”, a qual Maria respondeu: “Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia”. Jesus, ao ordenar a Lázaro que saísse do sepulcro disse: “Lázaro, vem para fora”!, e não “Lázaro sobe”! ou “Lázaro desce”! Considero que a palavra empregada por Jesus em lugar de *morte* (a qual se refere a *primeira morte*) é um sinônimo muito apropriado porque ela se refere a um estado transitório da qual, segundo Daniel 12:2, todos “ressurgirão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e o desprezo eterno” [esta é a *segunda morte*, ver Apocalipse 20:12-14].

O grande mestre, o apóstolo Paulo, entendia claramente que ele também dormiria no sepulcro até a segunda vinda de Cristo: “Quanto a mim, já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida [morte] está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fê. Desde a agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará **naquele dia**; e não somente a mim, mas também a **todos os que amarem a sua vinda** [a de Cristo]”. (2 Timóteo 4:6-8). Paulo sabia, assim como Marta, que seria apenas na ressurreição do último dia, na ocasião da segunda vinda de Cristo, que ele receberia a recompensa da vida eterna e seria transformado de mortal a imortal. Não esqueçamos que foi Paulo que nos deixou escrito nas Sagradas Escrituras que o homem mortal não será dotado de imortalidade até que soe a trombeta final que despertará os justos mortos ao vir Jesus pela segunda vez: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos **dormiremos**, mas todos seremos transformados; Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos **ressuscitarão** incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade,

e que **isto que é mortal se revista da imortalidade**.” [repare que esta mudança ocorre, não ao morrer a pessoa, mas por ocasião da segunda vinda de Cristo] (I Coríntios 15:51-53). Numa passagem anterior, e dentro do mesmo capítulo da epístola, Paulo tinha dito: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque assim como a morte veio por um homem, [Adão] também a **ressurreição dos mortos** veio por um homem [Cristo]. Porque, assim como **todos morrem** em Adão, assim também todos **serão vivificados** em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, **depois os que são de Cristo, na sua vinda**”. (I Coríntios 15:20-23)

Para realçar ainda mais esta posição, examinaremos agora o pedido do ladrão crucificado ao lado de Jesus registrado no capítulo 23 do evangelho de Lucas. O ladrão arrependido, crendo que Jesus era realmente o Filho de Deus, disse a Jesus: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino”. Perante este pedido, Jesus respondeu-lhe dizendo: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:42-43). Aqueles que crêem na doutrina da imortalidade da alma, referem-se frequentemente a esta passagem bíblica para provar que ao falecer uma pessoa, o seu espírito ascende imediatamente ao Céu. Mas examinaremos esta passagem com mais pormenor.

O novo testamento foi escrito originalmente em grego. Os escrivões antigos escreviam sem deixar espaços entre as palavras ou orações e, por conseguinte, sem sinais de pontuação, um estilo conhecido como *Scriptio Continua*. Os espaços e os sinais de pontuação foram acrescentados séculos mais tarde. Seguindo a ordem das palavras que aparecem na última edição do *New Testament Greek* [Novo Testamento Grego publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas, 4ª Edição, Revisada, 1994] mas ignorando as vírgulas previstas pelos seus editores, em português traduziríamos Lucas 23:43 da seguinte maneira: “E disse-lhes Jesus: Em verdade te digo hoje estarás comigo no Paraíso”. Imediatamente notamos a ausência da conjunção *que*, acrescentada pelas versões em português. Simplesmente não aparece no texto original. Realmente, tudo o que falta é determinar onde colocar a vírgula. Para que esta passagem concorde com o ensinamento bíblico, o conceito hebraico acerca da natureza humana e o estado dos mortos, a vírgula deve ser colocada depois da palavra *hoje*. Nesse caso, o versículo ler-se-ia assim: “Em verdade te digo hoje, estarás comigo no paraíso”.

Também teremos que ter em mente que Jesus não ascendeu ao Céu ao morrer, visto Ele ter dito a Maria na madrugada de sua memorável ressurreição: “Não me detenhas, porque ainda **não subi para o meu Pai**”. (João 20:17). Notemos que esta declaração foi feita **dois dias depois de sua morte na cruz**. Do mesmo modo, ao ladrão arrependido foi lhe dada naquele dia [sexta feira santa — o dia da crucificação], a segurança da vida eterna e um lugar no paraíso, mas ele, como o resto dos justos, não

receberão a sua recompensa até que Jesus venha pela segunda vez (ver Apocalipse 22:12).

CAPÍTULO 3

O Espiritismo Atual: Obra Mestra do Engano

Então, qual a razão de tanto engano? A razão é que o espiritismo está bem vivo! Enquanto existir o diabo, haverá espiritismo. E enquanto o espiritismo estiver vivo, perpetuar-se-á a mentira de que há vida para além da morte! E a inclinação desta tendência afetará freqüentemente o trabalho de tradutores que de outro modo são bem intencionados. Já porventura se deu conta que cada vez mais filmes cinematográficos giram em torno da comunicação entre os vivos e os mortos? Satanás está a trabalhar com esforço redobrado nestes últimos dias porque sabe que lhe resta pouco tempo e que uma de suas armas mais eficazes para subjugar o mundo sob o seu enganoso controle é o espiritismo, o qual está fundamentado na sua grande mentira de quem o homem possui um espírito imortal que transcende a morte e de que é possível que os vivos recebam luz e benefícios vitais mediante a comunicação com os espíritos de seres queridos falecidos. Na verdade, dão-se as suspeitas aparições destes defuntos seres amados, os quais se manifestam tal como eram em vida e são reconhecidos pela sua fisionomia ou traços físicos, o timbre da voz, e pela informação exata que comunicam, a qual é conhecida somente pelos vivos que presenciam a aparição e o próprio defunto supostamente aparecido. Também é conhecida por Satanás e seus anjos caídos, os quais procuram constantemente que as multidões humanas sigam o seu plano diabólico, que está diametralmente oposto à grande comissão evangélica de Jesus, cujo propósito é preparar o mundo para a Sua gloriosa vinda e anunciar a destruição final de Satanás e do seu reino.

Assim, **“a doutrina da consciência do homem na morte, especialmente a crença de que os espíritos dos mortos voltam para ministrar aos vivos, abriu caminho para o moderno espiritismo.** Se os mortos são admitidos à presença de Deus e dos santos anjos e se são favorecidos com conhecimentos que superam em muito o que antes possuíam, porque não voltariam eles à Terra para iluminar e instruir os vivos? Se, conforme é ensinado pelos teólogos populares, os espíritos dos mortos estão a pairar sobre os seus amigos na Terra, porque não lhes seria permitido comunicar-se com eles, a fim de os advertir contra o mal, ou consola-los na tristeza? Como podem os que crêem no estado consciente dos mortos rejeitar o que lhes vem como luz divina transmitida por espíritos glorificados? Eis aí um meio de comunicação considerado sagrado, e de que Satanás se vale para realizar os seus propósitos. Os anjos caídos que executam as suas ordens aparecem como mensageiros do mundo dos espíritos. Ao mesmo tempo em que professam pôr os vivos em comunicação com os mortos, o príncipe do mal exerce sobre eles a sua influência fascinante.

Eles tem poder para fazer surgir perante os homens a aparência dos seus amigos falecidos. A contrafação é perfeita: a expressão familiar, as palavras, o tom da voz, são reproduzidos com maravilhosa exatidão. Muitos são consolados com a afirmação de que os seus queridos estão gozando de ventura celestial; e, sem suspeita de perigo, dão ouvidos a ‘espíritos enganadores, e doutrinas de demônios’.

Induzindo-os Satanás a crer que os mortos efetivamente voltam para comunicar-se com eles, faz o maligno com que apareçam os que baixaram ao túmulo sem estarem preparados. Pretendem estar felizes no Céu, e mesmo ocupar ali elevadas posições; e assim é largamente ensinado o erro de que nenhuma diferença se faz entre justos e ímpios. **Os pretensos visitantes do mundo dos espíritos algumas vezes proferem avisos e advertências que se demonstram corretos. Então, estando ganha a confiança, apresentam doutrinas que solapam diretamente a fé nas Escrituras.** Com aparência de profundo interesse no bem estar dos seus amigos na Terra, insinuam os mais perigosos erros. O fato de declararem algumas verdades e poderem por vezes predizer acontecimentos futuros, dá as suas declarações uma aparência de crédito; e os seus falsos ensinamentos, são tão prontamente aceitos pelas multidões e, tão implicitamente cridos, como se fossem as mais sagradas das verdades da Bíblia. A lei de Deus é posta de parte, desprezado o Espírito da graça, o sangue do concerto tido em conta de coisa profana. Os espíritos negam a divindade de Jesus, colocando o próprio criador no mesmo nível em que estão. Assim, sob novo disfarce, o grande rebelde ainda prossegue na sua luta contra Deus — luta iniciada no Céu, e durante quase seis mil anos continuada na Terra... Muitos serão enredados pela crença de que o espiritismo seja meramente impostura humana; quando postos em face de manifestações que não podem senão considerar como sobrenaturais, serão enganados e levados a aceitá-las como grande poder de Deus” (O Grande Conflito, capítulo 34, p. 557-559).

Por conseguinte, Satanás, em seus esforços para enganar até os próprios escolhidos nestes últimos dias, operará por intermédio dos seus demônios para imitar aos nossos seres queridos falecidos na forma de **espíritos de parentes e pessoas conhecidas**: esposos e esposas, pais e mães, avôs e avós, tios e tias, irmãos e irmãs. E sendo capaz de fazer tudo isso, duvidaremos que seja capaz de realizar uma magistral obra de engano — **que um demônio se faça passar pela mãe de Jesus Cristo?**

CAPÍTULO 4

O Trovão da Justiça e o Movimento Mariano

O mundo já se encontra pronto e bem preparado para aceitar este engano que é quase irresistível. De fato, na capa do número de dezembro de 1996 da revista *Life* apareceu uma foto de uma estátua de Maria com o seguinte cabeçalho: **“Dois mil anos depois da Natividade, a mãe de Jesus é mais QUERIDA, PODEROSA e CONTROVERSA, do que nunca. O mistério de Maria”**. O final deste artigo foi de especial interesse para mim. Declarava: **“Maria... poderia conduzir-nos a uma reunião ecumênica das igrejas cristãs**. Ela poder-nos-ia levar a uma melhor compreensão daquela jovem que deu à luz em Belém faz dois mil anos. Chegaríamos a conhecer Maria”...

“Poderíamos nós, pedir a esta simples jovem que dirija o que se converteu já não apenas num culto, mas sim numa imensidão de apaixonados crentes, um movimento que requer um herói, um rebanho mundial que por longo tempo tem exigido mais dela; que em alguns casos tem rogado **que ela mesma proclame a sua própria mensagem?** Pergunto-me: Se Maria se transformasse num ser puramente humano — se as pessoas na verdade lhe pudessem estender a mão e **tocar em Maria** — seria realmente Maria?”

Meus amigos, cuidado com aqueles que expõem esta espécie de pensamentos e que também se referem a Maria como “Co-redentora, Mediadora e Advogada”. Em primeiro lugar, não há na Bíblia referencia à Virgem Maria como “co-redentora” da humanidade. O profeta Isaías, referindo-se a Jesus Cristo, escreveu o seguinte: “...Então saberás que eu, o Senhor, sou o teu Salvador, e o teu **Redentor**, o Poderoso de Jacó” (Isaías 60:16). No Novo Testamento, Paulo e Pedro, ambos apóstolos aludiram de uma forma decidida ao **preço** que se pagou e ao **sangue** que se derramou para obter a redenção da humanidade. Paulo disse: “Ou não sabeis que o nosso corpo é o santuário do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus? Não sois de vós mesmos; fostes comprados por bom preço. Glorificai, pois, a Deus [a não a Maria] no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus”. (I Coríntios 6:19-20). E Pedro diz-nos qual foi o preço dessa redenção: “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver a qual por tradição recebestes dos vossos pais, **mas com o precioso sangue de Cristo**, como de um cordeiro sem defeito e sem macha” (I Pedro 1:18-19). Só pode haver, então, **um só Redentor**- Jesus Cristo, o qual pagou o preço do resgate com o seu próprio sangue, tendo renunciado a vida infinita no Céu para vir ao mundo redimir a raça humana perdida. Em segundo lugar, como pode Maria ser nossa “Mediadora” quando a Bíblia explicitamente nos

adverte que: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu **nenhum outro nome há**, [que o de Jesus Cristo — ver Atos 4:10] **dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos**” e “**Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem**”. (Atos 4:12; I Timóteo 2:5)? Evidentemente Jesus é o único ser qualificado para ser o Mediador da humanidade. E, em terceiro lugar, teria a mãe de Jesus alguma vez pretendido ser a nossa “Advogada” quando em I João 2:1 diz: “...Se, porém, alguém pecar, temos um **Advogado** para com o Pai, **Jesus Cristo, o justo**”? Se a verdadeira Virgem Maria estivesse viva, contradiria as palavras do seu Filho? Apesar disso, o livro ***O Trovão da Justiça***, que registra muitas das presumíveis declarações feitas pela falsa Virgem Maria a diferentes pessoas ao redor do mundo, diz que o papel que Maria desempenha é o de “Co-redentora, Mediadora e Advogada”. Apesar do calvário ter sido em primeiro lugar, e sobretudo, o cenário dos sofrimentos da Paixão e Morte de Nosso Senhor, estes também foram a causa pelo qual Nossa Senhora padeceu feridas místicas ocultas. Deus não quer que as preciosas feridas de Nossa Senhora permaneçam ocultas por mais tempo, mas pelo contrário, o seu povo deve compreender **a singular purificação que a humanidade recebeu, e continuará a receber, mediante a devoção às Feridas Ocultas e Místicas de Maria**”. (O Trovão da Justiça p. 29). Como se ela tivesse sido crucificada e oferecido uma vida infinita por nós!

Amigos, foi porventura por causa das feridas de Maria que Isaías escreveu no seu famoso capítulo 53? Porventura foi a ela que a “consideramos como aflita, ferida de Deus e oprimida” e a quem foi “ferida pelas nossas transgressões”, ou a que “como um cordeiro foi levada ao matadouro”? Não, não! Foi Cristo! Isaías escreveu claramente: “**Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados... foi oprimido e humilhado... como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca**”. (Isaías 53: 4, 5, 7). Foi Jesus Cristo, o Filho de Deus, que disse: “Eu sozinho pisei o lagar; dos povos **ninguém houve comigo** [nem sequer Maria]...” (Isaías 63:3).

Apesar disto, O Trovão da Justiça alega além disso que quando a suposta Maria aparece às pessoas, alguns dos outros títulos blasfemos **que ela emprega para identificar-se** são os seguintes: “Nossa Senhora de Todas as Nações”, “A Guardiã da Fé”, “A Imaculada Conceção”, “Puríssima e Sem Pecado”, “Mãe da Igreja”, “Rainha do Santo Rosário”, “Nossa Senhora de Guadalupe” (que significa “a que esmaga a serpente”), “A sua Imaculada Esposa [do Espírito Santo]”, “A Segunda Eva” ou “A Nova Eva”, “A Rainha do Mundo”, “A Rainha dos Céus e da Terra”, e por último, mas não menos importante, “A Rainha da Nova Era Vindoura”.

Por favor, espero que ninguém pense que estou faltando ao respeito a Maria ao escrever este livro na medida em que eu anelo e rogo a Deus que me permita conhecê-la na Manhã da Ressurreição quando os santos saírem dos sepulcros. Ela desde logo foi uma admirável mulher cristã. Foi por isso que Deus a escolheu para ser a mãe do messias. **Mas quando Satanás se aproveita da figura dela como meio para enganar as almas**, então eu, como sentinela sobre os muros de Sião, vejo-me obrigado a tocar a trombeta. Por conseguinte, tenho que ter tempo para revelar a blasfêmia que implicam alguns destes nomes. Primeiro, permita-me comentar sobre dois dos títulos dados a Maria: “A Imaculada Conceção” e “Puríssima e Sem Pecado”. Sabia o leitor que quando se menciona o nome de “Imaculada Conceção” quase todas as pessoas crêem que o título se aplica ao nascimento virginal de Jesus? Mas isso é um engano. A Imaculada Conceção, que é uma doutrina católica romana, de nenhuma forma se aplica a Jesus. **Refere-se ao nascimento da Virgem Maria, a qual, de acordo com a Igreja Católica Romana, foi concebida sem a mancha do pecado original** e por isso é chamada “Puríssima e Sem Pecado”. Eis aqui, o que ensina oficialmente a Igreja Católica: “... Maria, a Virgem Mãe de Jesus, pelos méritos de seu divino Filho, foi preservada do pecado original desde o primeiro instante da sua concepção no ventre de sua mãe Santa Ana. Este grande privilégio chama-se a Imaculada Conceção e foi proclamado um dogma de fé pelo Papa Pio IX em 1854. Celebra-se a cada ano como dia de preceito em 8 de dezembro” (*Catecismo Básico*, publicado por Pauline Books & Media, 1985, p. 35). A Bíblia, pelo contrário, diz-nos claramente que “... **todos pecaram** e destituídos estão da glória de Deus...” e “**Não há um justo, nem um sequer...**” (Romanos 3:23; e 3:10). Além disso, fica claramente estabelecido nos registros genealógicos bíblicos, que Maria era uma israelita de puro sangue, sendo da descendência de Abraão por parte de pai e mãe. Observemos agora esta declaração do apóstolo Paulo em Hebreus 2:16 referente a natureza humana de Jesus: “Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão”. (Hebreus 2:16). E Abraão viveu com a herança de uma natureza humana caída 2.000 anos depois de Adão e Eva terem sido expulsos do Éden, e vários séculos depois de Deus ter destruído o mundo por intermédio de um dilúvio por causa da grande maldade da humanidade. Não obstante, a Igreja Católica e o Movimento Sacerdotal Mariano quiseram que crêssemos que Maria era santa. De fato, a bem conhecida reza católica, “A Ave Maria”, inclui as palavras: “**Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte**”. Na obra *Catechism of Christian Doctrine*, p. 27, a Igreja Católica crê que tais palavras foram compostas por ela mesma sob a inspiração do Espírito Santo. Todavia, nem uma vez sequer nas Escrituras Maria é chamada de “Santa Maria” sendo precisamente o contrário quando se referem a Jesus. As Escrituras, cujo o autor é o Espírito Santo (2 Pedro 1:21), ao referi-se a Jesus, chamam-no “o ente santo” e “teu

santo Filho Jesus” (Lucas 1:35 e Atos 4:30). Cristo é a única pessoa na Bíblia cujo nascimento humano se descreve dessa maneira!

Mas novamente *O Trovão da Justiça* contraria a Palavra de Deus quando se refere ao que foi denominado como a “Assunção”: **“Maria havia sido elevada ao Céu... Visto que era livre de pecado, o seu corpo não teve que sofrer a corrupção da sepultura...** A Igreja sempre sustentou a veracidade da assunção de Maria e em 1950 o **Papa Pio XII a declarou oficialmente parte do dogma católico** (p. 43). Esta doutrina recebeu portanto, a aprovação infalível do papa. Mas terá a aprovação das Sagradas Escrituras? Os crentes fiéis da antiga Beréia estudavam as escrituras para ver “se estas coisas eram assim” (Atos 17:11) e se nós também a estudarmos com tal propósito, aprenderemos que os únicos **mortais** trasladados ao Céu desde os dias de Adão até ao presente foram Enoque, Moisés, Elias e muitos santos que foram ressuscitados com Cristo quando Ele se levantou dos mortos. A Bíblia diz de Enoque: “E andou Enoque com Deus; e já não era, porquanto Deus para si o tomou”. (Gênesis 5:24). Sobre Elias, a Palavra diz: “Quando o Senhor estava para tomar Elias ao Céu num redemoinho” (2 Reis 2:1). De Moisés, Judas 9 diz: “Mas o arcanjo Miguel quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés” e Mateus 17:1-3 diz que quando Jesus se transfigurou, “...então lhes apareceram [a Pedro, Tiago e João] **Moisés e Elias**, falando com ele”. Por intermédio dessa cena impressionante, Jesus deu o vislumbre da Sua glória aos três discípulos que observavam e àqueles dois valorosos homens de Deus apareceram com ele. Estes eram perfeitos representantes de cada pessoa que será salva através da história. Moisés, que sucumbiu a morte, foi ressuscitado por Cristo, e pode assim afirmar-se que constituía uma **promessa** ou garantia para todos os que morrem em Cristo; ou seja, àqueles que também se hão de levantar dos sepulcros a ressurreição dos justos (João 5:28, 29; I Tessalonicenses 4:16). Elias era um **tipo** de todos os salvos que estarão vivos e que hão de ser trasladados quando Cristo vier pela segunda vez (I Tessalonicenses 4:17). Para confirmar que esta é uma interpretação correta leia Mateus 16:27, 28; 17:1-3 e compare com o próprio parecer de Pedro em 2 Pedro 1:16-18.

Além destes três patriarcas, houve uma multidão de santos que saíram dos seus sepulcros quando Cristo ressuscitou. Mateus 27:51-53 declara “...Tremeu a terra... Abriam-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressurgiram. E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos”. Efésios 4:8 diz-nos que estas pessoas- como troféus adicionais- foram levados para o Céu quando Cristo ascendeu: “Por isso diz: subindo ao alto, **levou cativo o cativoiro** (ou “**levou cativos**”, segundo algumas versões), e deu dons aos homens”. Estes heróis da fé foram ressuscitados juntamente com Jesus como parte da oferta antitípica das “primícias” da sepultura, o que constitui uma garantia da grande colheita final do resto dos redimidos no dia da Ressurreição que será por ocasião da Segunda Vinda! Por

outro lado, também é interessante notar que no meu idioma natal, o inglês, a Assunção se chama *Assumption*, palavra esta que tem um duplo sentido. Refere-se ao dogma da Igreja Católica Romana da “elevação corporal aos Céus da Virgem Maria”, mas que também quer dizer “**presunção, suposição ou hipótese**”. Atualmente tenho mais conhecimento acerca da “Assunção” do que quando era aluno nas escolas católicas, porque enquanto ali estava, eu apenas **supunha** que era a pura verdade.

Além disso, parece-me incrível que o Apóstolo João, alguns anos após a morte de todos os outros discípulos — em meados da década dos anos 90 do primeiro século D.C — escreveu o Evangelho de João e Apocalipse (já em idade avançada), **e nem sequer por uma só vez** menciona que Maria foi elevada ao Céu, como o pretende Roma. De todos os discípulos, João teria tido toda a autoridade definida sobre este assunto. Vejamos porquê. Momentos antes da sua morte no Calvário, Jesus contemplou a sua mãe e ao seu discípulo João que estava junto a ela ao pé da cruz. Fixando o seu olhar sobre o rosto angustiado de Maria e de seguida sobre João “... disse dirigindo a ela: ‘*Mulher, eis aí o teu filho*’; e depois a João: ‘*Eis aí a tua mãe*’. João compreendeu as palavras de Cristo e aceitou o encargo. Levou imediatamente Maria para sua casa, e daquela hora em diante cuidou dela ternamente. “Ò piedoso, amorável salvador! No meio de toda a sua dor física e angústia mental, Ele teve um pensamento de desvelo para com a sua mãe!... E, acolhendo-a como um santo legado, João estava a receber uma grande benção. **Ela era para ele uma recordação contínua do querido mestre**” (*O Desejado de Todas as Nações*, cap. 78, p. 815-816). E João escreveu sobre este assunto no Evangelho de João pouco antes da sua própria morte, numa altura em que Maria, cerca de 25 a 30 anos mais velha, indubitavelmente já teria morrido. Então, porque é que João não registrou nada sobre a suposta “Assunção” nas Sagradas Escrituras? **Porque simplesmente este fato não ocorreu!** Porque ela, da mesma forma que o apóstolo João, está a dormir tranquilamente no sepulcro até àquele dia culminante em que ela escutará uma vez mais a voz do seu Filho a chamá-la para que saia do sepulcro na gloriosa Manhã da Ressurreição!

Mas é verdade que Maria era “muito favorecida” por Deus e “bendita...entre as mulheres” (Lucas 1:28), por ter sido escolhida por Deus para conceber [milagrosamente] no seu ventre e dar à luz um filho a quem chamaria Jesus (Lucas 1:31). Não obstante, o versículo seguinte identifica com precisão **a única pessoa** que merece ser louvada: “**Este [Jesus]** será grande, e será chamado **Filho** do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim” (Lucas 1:32, 33). De fato, apenas alguns versículos mais adiante, depois de ter concebido e saído para visitar a sua prima Isabel, Maria simplesmente declara com os seus próprios lábios: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus **meu salvador**” (Lucas 1:46). Repare que Maria humildemente admite que o filho

que levava em seu ventre era o Filho de Deus- o messias prometido desde os tempos antigos e o Libertador da humanidade que teve por bem converter-se num membro da raça humana com o fim de salva-la, ao qual ela deveria pôr o nome de Jesus. Ele era para ela, o mesmo que para o mundo inteiro, **o seu salvador**... porque o nome “Jesus” significa “O Senhor [Jeová] salva”.

Maria, em nenhum momento se intitulou como a “Mãe de Deus” [frase de origem católica e que faz parte da Ave-Maria] porque nenhum dos membros da Deidade teve uma mãe original. O nome divino Yavé ou Jeová tem como significado básico “o que existe por si mesmo”. Ou o grande “EU SOU”. Moisés, o qual falou com o grande “EU SOU” durante um período de quarenta anos, entendeu claramente isto. No salmo 90, do qual ele é o autor, escreveu: “De eternidade a eternidade, tu és Deus”. E a profecia de Miquéias 5:2 que identificou com exatidão a Belém a Judéia como o lugar de nascimento do messias prometido, descreve o a Ele como aquele “cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. Maria certamente se considerava como “bendita entre as mulheres”, como alguém que havia sido “muito favorecida” ao ser escolhida como instrumento humano mediante o qual um membro da Deidade poderia encarnar-se como ser humano para efetuar o resgate da humanidade perdida. **Ela era a mãe do messias, o Deus- Homem, quando Ele transferiu a sua existência original para a humana. Tornou-se no Filho do Homem, mas continuou a ser parte da Deidade- o Filho de Deus.**

Maria sempre soube reconhecer e manter-se no seu lugar. Quando Gabriel a informou que milagrosamente conceberia um filho por intervenção do Espírito Santo e que “o ente santo que de ti há nascer, será chamado Filho de Deus... Pois para Deus nada é impossível”, a sua humilde resposta foi: “Eu sou a serva [em grego, *escrava*] do Senhor. Cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lucas 1:35, 37, 38). No idioma grego serva é *doule*, que significa *escrava*, pela força ou *por vontade própria*, sendo este o caso de Maria. É uma palavra que se utiliza para designar *escravidão* ou a *servidão* propriamente ditas. Mas ainda que a palavra se aplique principalmente ao tipo de relação que se estabelece entre uma pessoa e outra, como na sobredita declaração de Maria à qual ela se refere como serva, em todo o caso aplica-se a uma atitude de sujeição e submissão da parte dela. Desta forma, as palavras de Maria claramente dão a entender que ela humildemente se submetia à vontade de Deus.

Isto volta a verificar-se quando ela visita a casa de sua prima Isabel, futura mãe de João Batista — mensageiro de Cristo que anunciaria a sua chegada e a sua missão- e ambas sob a inspiração do Espírito Santo se saúdam. Tendo Isabel reconhecido a Maruá como “a mãe do meu Senhor” (Lucas 1:43), Maria contestou, como já tinha sido dito anteriormente: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em **Deus meu salvador**”. Mas repare cuidadosamente a atitude que refletem os seus

comentários subseqüentes: “Pois olhou para a humildade da sua serva. Desde agora todas as nações me chamarão bem aventurada” (Lucas 1:46-48). A palavra “humildade” enquadra-se perfeitamente com a palavra “serva”, à qual Maria se atribui a si própria e que quer dizer “escrava” submissa. O que de fato Maria está a dizer é o seguinte: “Socialmente, no que se refere a prestígio, não sou nada”. Mas reconhece imediatamente que o filho que levava em seu ventre era o verdadeiro **Protagonista** cujas façanhas seriam tão admiráveis e perduráveis que todas as gerações futuras, até mesmo por toda a eternidade, a chamariam “bem aventurada” por ter sido um instrumento humano amoldável que com a ajuda divina tornou em realidade a redenção da humanidade. Custa-nos imaginar que uma mulher que possui um tal grau de humildade possa surgir na atualidade como uma pessoa que se atribui e faz alarde de títulos pretensiosos e obras vangloriosas, como tem sido mostrado neste capítulo. É interessante notar, que **não se encontra em toda a Bíblia nem uma só prece que se tenha elevado Maria, nem tampouco um só instante em que ela tenha socorrido alguém ou tenha prometido que poderia ou seria capaz de fazê-lo.**

Jesus é o Salvador do mundo, o Cordeiro que foi imolado, e Portador de pecados, por cujas chagas e feridas somos curados, a Ressurreição e a vida, o nosso Sumo Sacerdote e Mediador perante o Pai, a “Descendência” da mulher que feriria a cabeça da “serpente”, o descendente de Davi que governaria desde o trono de Davi para sempre. Observe esta bela e clara profecia acerca do nascimento do Messias e do Seu futuro governo sobre o trono do seu antepassado humano Davi pronunciada pelo “profeta evangélico”, Isaías: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e o seu nome será: **Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.** Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim. Reinará sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o fortificar em retidão e justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. (Isaías 9:6, 7) . Esta profecia, prezado amigo, abrange e cumpre todos os propósitos divinos!

CAPÍTULO 5

A Mulher de Gênesis 3:15 e Apocalipse 12:1-6

Os autores de O Trovão da Justiça alegam que Maria se referiu a si mesma como a que “esmagaria a serpente [Satanás],” no tempo do fim, visto que ela supostamente é a mulher de Gênesis 3:15. Examinaremos detalhadamente esta passagem bíblica e vejamos se esta interpretação é correta. Em Gênesis 3:15 a Bíblia diz: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e o seu descendente; este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Este versículo é uma profecia e por sua vez uma promessa de que algum dia certo Filho, especificamente um menino varão, nasceria neste mundo [um descendente de Eva], para lidar com o Diabo, e que, apesar d’Ele próprio ser gravemente ferido na contenda (a sua morte na cruz), de qualquer forma venceria o inimigo dando-lhe um golpe fatal na cabeça no final dos tempos. “Portanto, visto que os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hebreus 2:14).

Em Gálatas 3:16 a Bíblia aclara mais que “...as promessas foram feitas a Abraão e a seu descendente. A Escritura não diz: E a seus descendentes, como falando de muitos, mas como de um só: **E a teu descendente, que é Cristo**”. Desta forma, é definidamente fácil verificar que não é Maria mas o seu descendente, que é Cristo, que finalmente destrói Satanás. Voltemos agora a ler Gênesis 3:15 com a sua devida clareza: “E porei inimizade [hostilidade] entre ti [Satanás] e a mulher [Eva], e entre a tua descendência [os seguidores de Satanás] e o seu descendente [os descendentes da mulher por via de Cristo o Libertador]; este [Cristo, o descendente prometido, o próprio Libertador] te ferirá a cabeça, [o golpe de morte — a vitória definitiva de Cristo sobre Satanás e a destruição terminal e eterna de Satanás depois do milênio (ver Ezequiel 28:18 e 19 e Apocalipse 20:6-9) e tu [Satanás] lhe ferirás o calcanhar [a morte de Cristo na cruz- uma ferida grave, mas não permanente, porque Ele levantou-se dos mortos, tendo as chaves da morte e do Hades ou sepulcro (Apocalipse 1:18), depois de ter saqueado por completo o império e a potestade de Satanás] .”

O livro, O Trovão da Justiça, pretende além disso que a profecia de Genesis 3 “se cumpriu em Apocalipse 12, onde Maria é o grande sinal do Céu: ‘Viu-se um grande sinal no Céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça’. O Papa Paulo VI, na sua encíclica de 1967, *Signum Magnum*, identificou a Nossa Senhora de Fátima como a representação bíblica da mulher vestida de sol” (O Trovão da Justiça p. 94). O livro, além disso declara que “Maria, a mulher

vestida de sol, aparece como um sinal e explica os segredos do Livro da Revelação” (Id. P. 88)

Este livro também sustém que “O 12 de abril de 1947, em Tre Fontane (Três Fontes), Roma, Itália, Nossa Santíssima Mãe, anunciou, **‘Eu sou a Virgem do Apocalipse’** (Ibid. p. 89). O Padre Gobbi, um dos sacerdotes do Movimento Mariano, que se diz ter recebido mais revelações da parte de Maria do que qualquer outra pessoa, afirma que a Virgem Maria lhe disse o seguinte a 24 de abril de 1980: **“Eu sou a Virgem da Revelação. Em mim, a obra suprema do Pai se realiza de maneira tão perfeita, que Ele pode derramar em mim a luz da sua predileção. O verbo assume a natureza humana no meio seio virginal, e assim pode vir vós por meio da minha verdadeira função de mãe. O Espírito Santo atraí-me, como um íman, para o íntimo da vida de amor entre o Pai e o Filho, transforma-me interiormente e assemelha-me tanto a Ele que me faz a sua Esposa... Leva-los-ei [plural] à plena compreensão da Sagrada Escritura”.** (Id. P. 90).

Prezados amigos, a Bíblia nunca disse que Maria interpretaria as Escrituras, mas sim o Espírito Santo teria essa função. “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito. O Espírito penetra todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus... Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus... Disto também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais” (I Coríntios 2:10, 11b, 13). Novamente em João 16:13 e 14, Jesus disse a seus discípulos: “Mas quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a verdade... e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará porque há de receber o que é meu, e vo-lo há de anunciar”. De modo que foi ao Espírito Santo, membro da Deidade — e um ser não criado — que foi incumbida a interpretação das escrituras com o propósito de guiar àqueles que de coração procuram as verdades da Palavra de Deus. Não obstante, *O Trovão da Justiça*, continua a dizer que Maria falou da seguinte maneira ao Padre Gobbi: **“Sobretudo, ler-lhes-ei as páginas do seu último livro [Apocalipse], que estão vivendo. Nele já está tudo predito, até mesmo aquilo que há de suceder. Está claramente descrita a batalha à qual vos chamo e está preanunciada a minha grande vitória”.** (Ibid.)

Estudemos agora Apocalipse 12 com mais detalhes para ver se é verdade que a “mulher vestida de sol” é a Virgem Maria: Mas, antes de fazê-lo, vejamos bem alguns fatos relacionados com o livro de Apocalipse. Em primeiro lugar, este livro não é um “mistério”, mas sim **“a revelação de Jesus Cristo... ao seu servo João”** (Apocalipse 1:1). O nome *Apocalipse* é idêntico em português à palavra grega da qual se deriva e que significa “divulgação”, “descobrimento” ou “revelação”. Portanto, o livro de Apocalipse não deve ser visto como um mistério, mas como algo que todo o estudante sincero da Bíblia pode e deve entender. Em segundo lugar, o Apocalipse é um livro profético que

prediz “coisas que brevemente devem acontecer” (Apocalipse 1:1). Em terceiro lugar, o livro está repleto de sinais e símbolos, e este é o método por meio do qual Deus mostrou o futuro a João, que segundo ele mesmo diz: “testificou da Palavra de Deus, do testemunho de Jesus Cristo, de tudo o que viu” (Apocalipse 1:2). Ele, por exemplo, viu uma besta que tinha sete cabeças (Apocalipse 13:1); “um grande dragão vermelho que tinha sete cabeças e dez chifres” (Apocalipse 12:3); e “a grande prostituta que está assentada sobre muitas águas” (Apocalipse 17:1).

Todo estudante da Bíblia deve saber que a Bíblia é a sua própria intérprete. Tomemos como exemplo Apocalipse 17:1- “da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”. Se consultarmos o versículo 15 do mesmo capítulo, vemos que a escritura diz: “As águas que viste, onde se assenta a prostituta são povos, multidões, nações e línguas”. Torna-se então patente que a prostituta não é uma prostituta literal sentada no Oceano Atlântico, mas sim uma representação ou figura de um certo tipo de organização poderosa que abarca muitos povos, multidões, nações e línguas sob a sua jurisdição. E não importa qual seja a política e a influencia desta identidade, pois definitivamente não funciona com a aprovação do autor do Apocalipse. É interessante que através de todas as Escrituras, a sagrada relação de Deus e os seus seguidores fiéis compara-se a um **matrimônio**. Reparemos na reação de Deus quando esta relação se degenerou até chegar a infidelidade: “Se um homem despedir sua mulher, e ela se ausentar dele, e se ajuntar a outro homem, tornará mais ele para ela? Não se poluiria de todo aquela terra? Mas, tu [Israel] te maculaste com muitos amantes [seguindo a idolatria e as práticas corruptas das nações pagãs que os rodeavam]; tornarias agora para mim diz o Senhor. Levanta os teus olhos aos altos, [lugares de adorações de ídolos e dedicados a imortalidade] e vê: onde não te prostituíste? [a implicação é que não existia lugar em que não se houvesse contaminado] Nos caminhos [as vias principais de transporte] te assentavas para eles, [como a prostituta a procura de clientes] como o árabe no deserto [ou seja, como o ladrão escondido no deserto ansiosamente esperando assaltar a viajantes e caravanas]. Manchaste a terra com as suas devassidões, e como a tua malícia. Pelo que foram retiradas as chuvas, e não houve chuva tardia; mas tu tens a testa de uma prostituta, [uma atitude descarada ou desavergonhada] e não queres ter vergonha... Volta, ó rebelde Israel, diz o Senhor... pois eu vos desposarei” (Jeremias 3:1-3, 12, 14). Portanto, uma prostituta na Bíblia emprega-se como **símbolo de uma igreja infiel** que abandonou o seu Esposo, Jesus Cristo, e está tendo relações ilícitas com outros homens, líderes ou deuses deste mundo. (Vejam-se os capítulos 16 e 23 de Ezequiel para maiores detalhes). Com isto em mente, passemos agora a estudar a “mulher” de Apocalipse 12m que é tanto um símbolo de uma organização religiosa de muita influência como o é a “prostituta” de Apocalipse 17, e vejamos se a “mulher” é a na verdade a Virgem Maria.

Apocalipse 12:1 começa com a visão que João tem de uma mãe simbólica que aparece no Céu “vestida do sol, tendo a luz debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça”. Está grávida e ansiosa de dar a luz (verso 3), e Satanás está presente na forma de um dragão “para que, dando ela à luz, lhe devorasse o filho” (verso 4). Milagrosamente, o menino escapa e “foi arrebatado para Deus e para o seu trono” (verso 5).

Se procurarmos interpretar estas Escrituras literalmente, conjecturando que a mulher é a Virgem Maria, imediatamente surgem muitas perguntas. Os que aceitam esta interpretação raciocinam da seguinte maneira: “No fim de contas, não foi a Virgem Maria que deu a luz o menino Jesus, e não foi o seu filho o objeto primordial da cólera do diabo? Portanto, a mulher tem de ser Maria!” Para podemos responder notemos o seguinte: Em primeiro lugar, João viu “um grande sinal” no Céu e imediatamente reconheceu como algo de grande importância para o mundo. Apesar dele conhecer a Maria muito bem, jamais declarou: **“Eis que aqui vejo a figura glorificada da mãe do meu Senhor no Céu”!** Em segundo lugar, já se viu alguma vez uma mulher “tendo a lua debaixo dos pés” ou “vestida de sol”? Em terceiro lugar, já se viu alguma vez um dragão, e para o cúmulo, um que tenha “sete cabeças”? Portanto, estas palavras têm de ser uma aplicação simbólica a eventos literais. E porventura não é isto o que esperaríamos descobrir dado que “a revelação de Jesus Cristo” é algo que Deus lhe deu e “as enviou [através de sinais, ou símbolos] pelo seu anjo, e as notificou ao seu servo João...”? (Apocalipse 1:1). E não era esta uma maneira excelente de revelar informação confidencial aos seus fiéis seguidores que viviam sob um governo totalitário e que o leitor ocioso e desinteressado não veria mais do que uma quantidade de palavras e imagens desconexas? Quão sábio é, e como cuida do seu povo o Deus das Sagradas Escrituras!

No antepenúltimo parágrafo referi que uma mulher, quando aparece representada por uma *prostituta*, entende-se que é um *povo* ou uma *igreja apóstata*. Mas, além disso, a palavra tem todavia outro significado quando se utiliza simbolicamente. Assim como uma *prostituta* podem simbolizar uma *igreja impura*, a figura de uma virgem podem empregar-se como representação de uma **igreja pura**. Isto está exemplificado nas duas seguintes citações das Escrituras: “À **formosa e delicada** assemelhei a filha de Sião” (Jeremias 6:2). e “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como **uma virgem pura** a um marido, a saber, a Cristo” (2 Coríntios 11:2). Desta forma, não será então possível que a **“mulher”** de Apocalipse 12 represente a **“verdadeira igreja”** e não a **Virgem Maria**? Além disso, as suas vestes são o “sol”, tem a “lua” debaixo dos pés, e tem uma coroa de “doze estrelas”. Qual é o significado da “mulher” vestida de “sol”? Certo dia, de manhã muito cedo, Jesus achava-se ministrando no templo de Jerusalém quando nascia o sol que se levantava em todo o

seu esplendor sobre o Monte das Oliveiras e a propósito pronunciou as seguintes palavras: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida” (João 8:12). Malaquias, o último profeta do antigo testamento, descreveu o Prometido como “o Sol da Justiça” (Malaquias 4:2). Quando estava em visão na ilha de Patmos durante a última década do primeiro século de nossa era, João viu **“uma mulher vestida de sol”** — ou seja, vestida da gloriosa luz do **“Sol da Justiça”**! Claramente este evento transcendental aplica-se ao nascimento do Deus-Homem, o Messias. A notícia mais importante de todos os séculos é que o Libertador por tanto tempo prometido chegou! A mulher formosa — por tanto tempo reconhecida por ele (ao envelhecido João), como uma representação dos fiéis seguidores de Deus tanto dos tempos do Antigo Testamento como do Novo — agora por fim aparece **iluminada por um brilhante resplendor da Sua imediata Presença!**

Além disso, ela aparece com “a lua debaixo dos pés”. A dispensação mosaica (a do Antigo Testamento) acabara de terminar e tinha sido substituída pela dispensação evangélica. Assim como a luz menor da lua vem do sol, da mesma maneira o sistema de sacrifícios, como seu sacerdócio levítico, festas etc., havia refletido uma glória menor que provinha de tipos e sombras. Perante a plena glória espiritual da era evangélica, tudo isto se converteu em antítipo e substância. A “mulher” leva uma “coroa de doze estrelas” que representam os doze apóstolos. “Pela figura da prolepse, a igreja é representada como inteiramente organizada com os seus doze apóstolos, antes de Cristo, como criança, aparecer em cena. Finalmente se explica isso pelo fato de que ela devia ser assim constituída logo depois de Cristo começar o seu ministério. Ele está relacionado de uma maneira mais especial com esta igreja do que com a primeira dispensação” (*As Profecias do Apocalipse* p. 162). Para João, com a sua perspectiva da conclusão da Era Apostólica e o começo de outra, descrita na sua visão de Apocalipse 12, que apenas entrava nas suas primeira etapas, esta dita antecipação pareceria tão lógica como apropriada. E também o é para nós atualmente. Contudo, os eventos do nascimento de Cristo e da sua curta vida aqui na Terra, descritos na visão de João, tiveram tanto impacto sobre o desenvolvimento da história de nosso mundo que atualmente e de forma universal se designam os anos como *antes e depois* de Cristo (em português utilizam-se as abreviações A.C e D.C). De toda esta informação esclarecida até o momento, depreende-se o fato de que “seu filho”, Jesus Cristo, nasceu para o benefício da igreja verdadeira. Ele foi um Dom do Céu para os fiéis seguidores de Deus em geral, inclusive Maria, a qual formava uma pequena mas importante parte da “mulher” descrita na visão de João.

E quem foi que ocasionou sofrimento e tentação ao maravilhoso menino Jesus? “Viu-se também outro sinal no Céu: um grande dragão vermelho... parou diante da mulher que estava prestes a dar á luz...” (Apocalipse 12:3. 4). No versículo 9, inteiramo-

nos que o Dragão é “a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, que engana todo o mundo” e que em certa altura procurou destruir o menino Jesus. Trata-se de símbolos! Na visão, o dragão é visto no Céu — todavia, Jesus, como é bem sabido, nasceu na Terra. Então, o que representa na Terra o símbolo do Dragão? Todos os que tem ouvido a história da Natividade sabem que foi o Rei Herodes que enviou soldados a Belém para destruir a todos os meninos varões, esperando matar entre eles a Jesus. Os soldados de Herodes não encontraram o menino Jesus porque Deus por meio de um sonho havia avisado os seus pais para escaparem. O rei Herodes era um títere dos romanos. Toda a gente conhece também a Pôncio Pilatos — outro administrador romano — que entregou Jesus para ser crucificado. Foi Roma quem intentou destruir a Jesus. O grande dragão vermelho representa primeiramente a Satanás; e em segundo lugar o seu agente — Roma, que atua da parte de Satanás.

“Triunfantemente, depois que Satanás e Roma mataram o nosso salvador, Jesus levantou-Se dos mortos e ‘foi arrebatado para Deus e para o seu trono’ (Apocalipse 12:5), onde está “vivendo sempre [como Sumo Sacerdote] para interceder por eles’ (Hebreus 7:25).

“Frustrado na sua intenção de dar morte ao Filho, o grande dragão vermelho dirige agora o seu ódio contra a mãe do Filho. Mas “a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias” [Apocalipse 12:6] (*Deus Revela o Futuro* Vol 2, p. 321). Como veremos mais adiante, a experiência da “mulher” [desde a ascensão de Cristo ao trono do Seu Pai até que os “demais filhos dela” apareçam e terminem a obra de Deus na Terra pouco antes de fechar o tempo da graça dos últimos dias] enquadra muito melhor com a história da igreja do que com a Virgem Maria.

CAPÍTULO 6

A Profecia dos 1260 dias e a sua relação com o Papado

A profecia dos 1260 dias é mencionada sete vezes nos livros de Daniel e Apocalipse. Existe apenas um período de 1260 dias e não dois como alguns supõem. É mencionado sete vezes para dar a entender que é algo muito importante: em Daniel 7:25 e 12:7 e também em Apocalipse 12:14, como tempo, tempos (ou seja, dois tempos, o plural mais baixo), e metade de um tempo; em Apocalipse 11:2 e 13:5, como quarenta e dois meses; em Apocalipse 11:3 e 12:6, como mil duzentos e sessenta dias. Em profecia bíblica, um ano corresponde a 360 dias, e se multiplicarmos 360 por três e meio, o resultado é 1260. Além disso, em profecias bíblicas de tempo, um dia equivale a um ano (ver Ezequiel 4:6; Números 14:34). Portanto, a Bíblia revela-nos a importante chave para decifrar a profecia dos 1260 dias, que na realidade se interpretam como 1260 anos literais.

O instrumento utilizado por Satanás para dar morte a Cristo e a muitos do povo de Deus foi o **Império Romano**. Operou particularmente por intermédio do rei Herodes, vassalo dos romanos; Pôncio Pilatos, procurador romano da Judéia; o imperador romano Nero, e outros mais. Depois da queda do Império Romano Ocidental (476 DC) perseguiu ao verdadeiro povo de Deus sob o disfarce de uma organização político religiosa que tinha raízes no antigo império dos cézares. Esta perseguição, que se estendeu por um período de 1260 anos, está representada em Apocalipse 12:6 como o “deserto” e em Mateus 24:21 como a “grande aflição”. Durante este tempo pereceram como mártires milhões de fiéis do verdadeiro povo de Deus por negarem seguir os ditames da **Igreja Romana**. A Bíblia havia profetizado com exatidão que o poder papal, representado por um “chifre pequeno” em Daniel 7:8, 20 e 21, e como uma besta “semelhante a um leopardo” em Apocalipse 13:2, faria “guerra aos santos”. Apenas uma organização religiosa foi responsável por mais perseguições e mortes de crentes fiéis cristãos que nenhuma outra seita na história — **A Santa Igreja Católica Romana!**

“Passo a passo, o Império Romano (a serpente) certamente lhe deu o poder, o seu trono e grande autoridade [Apocalipse 13:2] à Igreja Católica... A culminação efetuou-se quando no ano 538 os exércitos do Império [a não caída divisão oriental] expulsaram de Roma os arianos ostrogodos... Portanto, **no ano 538 os 1260 anos poderiam começar**”. (*Deus Revela do Futuro*, v. 2, p. 328). “No século VI tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e declarou-se ser o bispo de Roma a cabeça de toda a igreja. O paganismo cederia lugar ao papado. O dragão dera à besta “o seu poder, e o seu trono, e grande poderio”. (Apocalipse) 13:2. E começaram

então os 1.260 anos da opressão papal preditos nas profecias de Daniel e Apocalipse (Dan. 7:25; Apoc. 13:5-7). Os cristãos foram obrigados a optar entre renunciar sua integridade e aceitar as cerimônias e culto papais, ou passar a vida nas masmorras, sofrer a morte pelo instrumento de tortura, pela fogueira, ou pela machadinha do verdugo. Cumpriram-se as palavras de Jesus: “E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues, e matarão alguns de vós. E de todos sereis odiados por causa de Meu nome.” (Lucas 21:16 e 17). Desencadeou-se a perseguição sobre os fiéis com maior fúria do que nunca, e o mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. Assim diz o profeta: “A mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil e duzentos e sessenta dias.” (Apocalipse 12:6).

O acesso da Igreja de Roma ao poder assinalou o início da escura Idade Média. Aumentando o seu poderio, mais se adensavam as trevas. De Cristo, o verdadeiro fundamento, transferiu-se a fé para o papa de Roma. Em vez de confiar no Filho de Deus para o perdão dos pecados e para a salvação eterna, o povo olhava para o papa e para os sacerdotes e prelados a quem delegava autoridade. Ensinavam-se-lhes ser o papa seu mediador terrestre, e que ninguém poderia aproximar-se de Deus senão por seu intermédio; e mais ainda, que ele ficava para eles em lugar de Deus e deveria, portanto, ser implicitamente obedecido. Esquivar-se de suas disposições era motivo suficiente para se infligir a mais severa punição ao corpo e alma dos delinquentes. Assim, a mente do povo desviava-se de Deus para homens falíveis e cruéis, e mais ainda, para o próprio príncipe das trevas que por meio deles exercia o seu poder. O pecado se disfarçava sob o manto de santidade. Quando as Escrituras são suprimidas e o homem vem a considerar-se supremo, só podemos esperar fraudes, engano e aviltante iniquidade. Com a elevação das leis e tradições humanas, tornou-se manifesta a corrupção que sempre resulta de se pôr de lado a lei de Deus.

Dias de perigo foram aqueles para a igreja de Cristo. Os fiéis porta-estandartes eram na verdade poucos. Posto que a verdade não fosse deixada sem testemunhas, parecia, por vezes, que o erro e a superstição prevaleceriam completamente, e a verdadeira religião seria banida da Terra. Perdeu-se de vista o evangelho, mas multiplicaram-se as formas de religião, e o povo foi sobrecarregado de severas exigências.

Ensinavam-se-lhes não somente a considerar o papa como seu mediador, mas a confiar em suas próprias obras para expiação do pecado. Longas peregrinações, atos de penitência, adoração de relíquias, ereção de igrejas, relicários e altares, bem como pagamento de grandes somas à igreja, tudo isto e muitos atos semelhantes eram ordenados para aplacar a ira de Deus ou assegurar o Seu favor, como se Deus fosse

idêntico aos homens, encolerizando-Se por ninharias, ou apaziguando-Se com donativos ou atos de penitência!

Apesar de que prevalecesse o vício, mesmo entre os chefes da Igreja de Roma, sua influência parecia aumentar constantemente. Mais ou menos ao findar o século VIII, os romanistas começaram a sustentar que nas primeiras épocas da igreja os bispos de Roma tinham possuído o mesmo poder espiritual que assumiam agora. Para confirmar essa pretensão, era preciso empregar alguns meios com o fito de lhe dar aparência de autoridade; e isto foi prontamente sugerido pelo pai da mentira. Antigos escritos foram forjados pelos monges. Decretos de concílios de que antes nada se ouvira foram descobertos, estabelecendo a supremacia universal do papa desde os primeiros tempos. E a igreja que rejeitara a verdade, avidamente aceitou estes enganos.

Os poucos fiéis que construíram sobre o verdadeiro fundamento (I Coríntios 3:10 e 11), ficaram perplexos e entravados quando o entulho das falsas doutrinas obstruiu a obra. Como os edificadores sobre o muro de Jerusalém no tempo de Neemias, alguns se prontificaram a dizer: “Já desfaleceram as forças dos acarretadores, e o pó é muito e nós não podemos edificar o muro.” Neemias 4:10. Cansados da constante luta contra a perseguição, fraude, iniquidade e todos os outros obstáculos que Satanás pudera engendrar para deter-lhes o progresso, alguns que haviam sido fiéis edificadores, desanimaram; e por amor da paz e segurança de sua propriedade e vida, desviaram-se do verdadeiro fundamento. Outros, sem se intimidarem com a oposição de seus inimigos, intrepidamente declaravam: “Não os temais: lembrai-vos do Senhor grande e terrível” (Neemias 4:14); e prosseguiram com a obra, cada qual com a espada cingida ao lado (Efésios 1:17).

As trevas pareciam tornar-se mais densas. Generalizou-se a adoração das imagens. Acendiam-se velas perante imagens e orações se lhes dirigiam. Prevaleciam os costumes mais absurdos e supersticiosos. O espírito dos homens era a tal ponto dirigido pela superstição que a razão mesma parecia haver perdido o domínio. Enquanto os próprios sacerdotes e bispos eram amantes do prazer, sensuais e corruptos, só se poderia esperar que o povo que os tinha como guias se submergisse na ignorância e vício”. (*O Grande Conflito*, cap. 3, p. 52-54).

Prezados amigos, não é agradável os que vos irei descrever, mas vós tendes o direito de saber a verdade. Quando eu era jovem católico e me encontrava na Escola da Anunciação, não apenas havia acendido velas e elevado preces a parentes falecidos enquanto me ajoelhava diante de imagens de “Santos” e da “Virgem Maria” na catedral, mas mais tarde, como aluno adolescente na Escola Secundária de Santa Maria, tinha trabalhado no Armazém de bebidas do meu pai que se encontrava no outro lado da cidade. Ali pude presenciar sacerdotes destas escolas que chegavam sem as suas

habituais roupas sacerdotais para folhearem revistas pornográficas e novelas que se vendiam por ali. Eu escondia-me no quarto de trás porque temia que eles me vissem. Hoje lamento não os ter confrontado com aquilo que faziam!

Em certa altura assistia na celebração da missa como sacristão juntamente com meu irmão. Era a missa das seis, ou missa matutina, e era o próprio monsenhor que oficiava nessa manhã. Cada vez que eu estava incumbido em deitar o vinho no Cálice do monsenhor, notava que ele dava várias pequenas cotoveladas no jarro da qual eu vertia o vinho. Depois de o ter feito duas vezes, o meu irmão mais velho que tinha muito mais experiência do que eu, sussurrou-me ao ouvido, “deita todo o vinho no seu cálice”. Ao refletir agora ao fim de tantos anos, apercebi-me que aquele “santo” homem era um alcoólico. Mas falta-me outro episódio que para mim foi o mais ofensivo de todos. Foi quando assisti à boda católica do casamento de um primo meu italiano. Durante a recepção, recordei ter visto o sacerdote oficiante num bar bebendo um copo de vinho após outro. Os convidados esperavam pacientemente que o sacerdote se unisse a eles para o copo de água e pedisse a benção sobre os alimentos. Finalmente alguém teve a coragem de sussurrar-lhe ao ouvido que os convidados esperavam a sua companhia e a sua benção. Já ébrio, e cambaleando pelo centro do salão, o bom “padre” impacientemente fez o sinal da cruz e gritou para os assistentes, “O que estão a espera? A comida está abençoada! Comam!”

CAPÍTULO 7

A Ferida Mortal foi Curada

Apesar da Igreja Romana ter florescido durante o período dos 1260 anos, Apocalipse 13:3 diz-nos que a *besta* vinha a sofrer **uma ferida mortal** e esta profecia cumpriu-se exatamente no ano 1798. “Em 1798, 1260 anos depois [de 538], o papa foi levado em cativeiro e a Igreja católica recebeu um golpe mortal. Aconteceu tal como o Apocalipse havia predito, com notável exatidão... Durante a Revolução Francesa e ao cumprir as ordens emanadas do governo revolucionário francês, o general Alexander Berthier [um dos generais de Napoleão] lançou uma notificação em Roma a 15 de fevereiro de 1798 para informar ao Papa Pio VI e ao povo de Roma que o papa, dali em diante, ‘não voltaria a exercer função alguma’”. (*Deus Revela o Futuro*, v 2, p. 328). “Napoleão derrubou o papa do trono porque os pontífices tinham monopolizado o poder e apenas eles eram a fonte de ordem, paz, lei e segurança” na Europa Ocidental. (*The Temporal Power of the Vicar of Christ*, p. 27). Em 1798, era a intenção de Napoleão que jamais houvesse outro papa. “O papado desapareceu: não ficou sequer um vestígio da sua existência; e nenhuma das potências católicas romanas daquele tempo intervieram em sua defesa. A Cidade Eterna já não tinha príncipe ou Pontífice. Aquele que tinha sido o seu bispo morria no cativeiro em terras longínquas e já se tinha proclamado o decreto proibindo a eleição do seu sucessor”. (*Rome: From the Fall of the Western Empire*, p. 440). Por outras palavras, o governo da *besta* recebeu uma ferida mortal, tal como a Bíblia o havia profetizado: “Então vi uma das suas cabeças como golpeada [ferida] de morte...” (Apocalipse 13:3a). Mas isso não é tudo. A profecia bíblica continua dizendo **“...mas a sua chaga mortal foi curada. Toda a Terra se maravilhou, seguindo a besta”** (Apocalipse 13:3b).

Mesmo durante a opressão papal dos 1260 anos, quando a “mulher”, a verdadeira igreja de Deus, sofreu tremendas perseguições, Deus “sustentou” ou cuidou dos seus filhos. “E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pela corrente. Mas a terra ajudou a mulher; abrindo a sua boca e engolindo o rio que o dragão lançara da sua boca”. (Apocalipse 12:14-16).

Em Apocalipse 12:14, Deus livra a *mulher* de ser arrebatada dando-lhe “as duas asas da grande águia”- símbolo apropriado do cuidado paternal de Deus para com os seus filhos. Quando os israelitas escaparam da escravidão egípcia, Moisés disse que

Deus os tinha tomado “sobre as asas de águias” (Êxodo 19:4). No Salmo 91:4, lemos: “Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo de suas asas estarás seguro”. E em Deuteronômio 32:9-12 lemos: “Pois a porção do Senhor é o seu povo, Jacó é a sua parte, a sua herança. Achou-o numa terra deserta, num ermo solitário cheio de uivos. Rodeou-o, instruiu-o, guardou-o como a menina dos seus olhos. Como a águia desperta a sua ninhada, adeja sobre os seus filhotes e, estendendo as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas, assim só o Senhor os guiou, e não havia com ele Deus estranho”. Muitos cristãos padeceram como resultado da “corrente” de perseguição que a serpente lançou de sua boca, “mas a terra ajudou a mulher”, dando-lhe amparo em lugares seguros e despovoados. Muitos cristãos escaparam a essas perseguições tais como os Valdenses nas montanhas dos Alpes e alguns cristãos emigraram para as escassamente povoadas colônias britânicas na América do Norte. Perante todos estes fatos, façamos a importante pergunta: Como pode ser que Maria tenha sido a que fugiu do papado para o deserto durante 1260 anos sendo que ela foi elevada por esse mesmo poder — a Igreja Católica Romana- para ser adorada? **Como iriam querer destruir a mulher que é uma das colunas do seu sistema de culto?** Como é pois possível, que a Virgem Maria seja a “mulher” que procurou refúgio durante 1260 anos num lugar deserto? Além disso, onde se registra que a Maria literal teve a experiência de ser perseguida e levada ao deserto após as ascensão do seu Filho Jesus? **Isto simplesmente não se aplica em nenhum sentido à Virgem Maria.**

Por outro lado, Satanás com fúria implacável procura destruir a verdadeira igreja de Deus e persistirá sempre em seus esforços para eliminar a todo o cristão genuíno. Furioso e cheio de frustração por não ter conseguido a destruição da igreja verdadeira durante os 1260 anos, Satanás, nestes últimos dias, dirige os seus cruéis ataques contra o “remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e tem o testemunho de Jesus Cristo” (Apocalipse 12:17). Meus queridos amigos, Satanás valer-se-á de qualquer meio para conseguir o seu propósito de enganar, se possível fosse, até os próprios escolhidos- nem que seja com o Império Romano, a Igreja Católica Romana, ou até mesmo com as **aparições espíritas da suposta “Virgem Maria”**.

“A Igreja Católica confessa que é romana. O seu nome oficial atual, que o tem sido no transcorrer da maior parte de sua longa história é: Santa Igreja Católica Apostólica Romana”. (*Deus revela o Futuro*, v. 2, p. 327). Reexaminemos: Apocalipse 13:2 diz que “o dragão [neste caso, o Império Romano através do qual Satanás operara] deu-lhe [à Igreja Católica Romana dirigida pelo papa] o seu poder, trono e grande autoridade”. “Um trono é símbolo de autoridade. Mas apesar dessa passagem já conter as palavras **‘poder’** e **‘autoridade’**, esperamos que ‘trono’ tenha um significado mais literal. Basicamente, um trono é um lugar onde se senta uma pessoa importante. Outros termos com o sentido trono são a palavra grega **cathedra**, e a latina **sedes**, da qual provêm duas palavras:

‘cátedra’ e ‘sede’. Na Igreja Católica, o edifício no qual se encontra o trono do bispo (ou cathedra), recebe o nome de **‘catedral’**. A cidade na qual se encontra esse trono recebe o nome de **‘sé’**. A sede suprema do catolicismo é a Santa Sé, a cidade na qual se encontra o trono do papa. Essa cidade é **Roma**”. (id. P. 327, 328). “Definitivamente, desde o ano de 1929 quando se firmou o Tratado de Latrão com a Itália, **à Santa Sé foram-lhe restituídas na Cidade do Vaticano uma porção de terras com cerca de 45 hectares situadas na colina do Vaticano, totalmente dentro da cidade de Roma**”. (Id, nota de rodapé, p. 328). Além disso, Apocalipse 17:9 revela outra característica que identifica a grande “prostituta” da profecia bíblica: “Aqui é necessário a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada”. Uma fonte católica reconhece o seguinte: “O Estado do Vaticano, propriamente dito, está totalmente dentro da cidade de Roma, conhecida como **A Cidade de Sete Colinas**” (*The Catholic Encyclopedia*, p. 529). Também podemos referir que o nome “Vaticano” provém das palavras latinas **Vatis**, que significa **adivinho**, e **Can**, que significa **serpente**. Portanto o nome “Vaticano” literalmente significa **A Serpente Adivinhadora**. De fato, na Catedral de Santa Maria em São Francisco, Califórnia, as portas têm puxadores em forma de serpente, e no Museu do Vaticano exibe-se um grande brasão ou escudo papal que ostenta a figura do Dragão. Durante a Idade Média os bispos e outros oficiais da Igreja católica tinham báculos com figuras de serpentes.

O livro de Isaías diz-nos que o desejo e propósito maior de Satanás na vida é usurpar o trono de Deus: “Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o **meu trono**, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e **serei semelhante ao Altíssimo**”. (Isaías 14:12-14). Dou graças a Deus pelo seguinte versículo, o qual revela o destino do Diabo: Mas serás levado à cova, ao mais profundo do abismo” (Isaías 14:15). Não será porventura possível que Satanás possa estar operando através do Papa de Roma, que pretende ter autoridade divina na Terra? Paulo sabia que este poder surgiria, e escreveu sobre ele na segunda epístola aos Tessalonicenses: “Ninguém de maneira alguma vos engane; pois isto não acontecerá [a segunda vinda de Cristo] sem que antes venha a *apostasia*, [uma apostasia dentro da Igreja de Deus- da palavra grega *apostasia*, que neste caso se refere ao surgimento e desenvolvimento da igreja de Roma] e se manifeste **o homem do pecado, o filho da perdição**, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou é objeto de culto; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco?” (2 Tessalonicenses 2:3-5). Se as pessoas estudarem a Bíblia da forma que ela mesmo aconselha: “preceito sobre preceito, regra sobre regra; um pouco aqui, um pouco ali...”

(Isaías 28:10) — ou por outras palavras, comparando Escritura com Escritura — conheceriam a verdade guiadas pelo Espírito Santo.

De acordo com a profecia de Apocalipse 13:3, a ferida mortal realmente não lhe ocasionaria a morte, mas apenas feriria a Igreja Católica e, seguramente há que reconhecer que a dita ferida está sarando. A história diz-nos que em 1801 Napoleão firmou uma “concordata” ou tratado entre a igreja e o estado com um novo papa. “Por outro lado, em 1870 a nova nação italiana, que estava surgindo, aprofundou por um tempo as dificuldades da Igreja ao arrebatar-lhe os estados papais, uma considerável porção na península italiana que havia sido propriedade da igreja por vários séculos... Mas em 1929 Benito Mussolini formou uma concordata que concedeu ao papa plena autoridade sobre a cidade do Vaticano, de uns 45 hectares, localizadas no meio da cidade de Roma, e que inclui a Basílica de São Pedro” (*Deus Revela do Futuro* v. 2, p. 346, 347). O Vaticano havia colocado Mussolini no poder, e agora Mussolini correspondia estabelecendo a Igreja Católica Romana como a única religião em toda a Itália. Como parte do acordo, doou a Igreja 750 milhões de liras com efetivo e 1 Bilhão em forma de créditos do Estado.

A partir de 1929 a ferida tem estado a sarar rapidamente. A América protestante, a qual foi estabelecida sobre o principio constitucional da separação entre a Igreja e o Estado e em quem tempos tinha protestado fortemente contra o estabelecimento do poder papal neste país [a palavra “protestante” teve a sua origem nos “protestos” do povo contra o catolicismo durante o século XVI], e agora dá-lhe as boas vindas de braços abertos. Os tempos certamente têm mudado, e até mesmo os Estados Unidos se maravilham após a besta! Quando em 1951 o Presidente Harry Truman pediu ao senado que aprovasse a nomeação de um embaixador perante o Estado do Vaticano, todo o país se indignou e protestou com veemência. Segundo uma informação, “A maioria das igrejas protestantes do país expressaram a sua oposição formalmente e muitas vezes com aspereza” (*Church, State and Freedom*, p. 302). Como resultado, Truman viu-se obrigado a retirar o seu pedido. Em tempos mais recentes, em 1984, a nomeação de William A. Wilson como embaixador da Cidade do Vaticano pelo presidente Ronald Reagan foi prontamente aprovado pelo senado por uma votação de 81-13. Desta vez apenas uma minoria expressou preocupação pela questão da separação Igreja-Estado. O próximo evento foi incrível pela rapidez com que ocorreu e pelos personagens que participaram dele. Referimo-nos à queda do comunismo na Polónia por intermédio dos esforços combinados do presidente Ronald Reagan e o Papa João Paulo II, que apareceram retratados na capa da revista *Time*, de 24 de fevereiro de 1992. [Meus amigos, não será isto um cumprimento da profecia que “com ela se prostituíram os reis da Terra”? Veja Apocalipse 17:1, 2]. O vaticano é um sistema político-religioso cujo objetivo é controlar o mundo! Prontamente, num **número especial** da revista ***Time*** com

data de 26 de dezembro de 1994/ 2 de janeiro de 1995, João Paulo II apareceu num primeiro plano mais uma vez na capa, em que era designado como **“O Homem do Ano”**. Incrível! Perguntei-me qual teria sido a reação mundial se essa importantíssima revista semanal tivesse publicado o **verdadeiro cognome** do papa dado pelo apóstolo Paulo na sua segunda carta aos Tessalonicenses – **“O Homem do Pecado”** (2 Tessalonicenses 2:3). Esta número da Time foi distribuído somente dois meses e meio depois do número de 9 de Outubro de 1994 da revista **U.S News & World Report** na qual também apareceu em primeiro plano o Papa João Paulo II, sob o título **“Honra a teu Pai”**. Esta era outra declaração blasfema publicada por outra das maiores revistas semanais dos Estados Unidos. Terá esquecido a América protestante que a Bíblia diz claramente: **“E a ninguém na terra chameis vosso pai, pois um só é o vosso pai, aquele que está nos Céus”** (Mateus 23:9)? Sabe o estimado leitor, que de acordo com as doutrinas da Igreja Católica o seu “Pai” espiritual é o Papa de Roma e a sua “Mãe” espiritual é a Virgem Maria? Um catecismo católico declara: **“O Papa é o pai espiritual de todos os cristãos”** e **“A Santíssima Virgem Maria é a nossa mãe também porque somos irmãos de Jesus e portanto, filhos de Maria”**. (*A Catechism of Catholic Doctrine* p. 15, 27). Parece-me bastante curioso que a edição americana deste livro tenha sido originalmente publicada em 1973 por **Marian Publications** [Publicações Marianas]!

Protestantes leais e fiéis, onde estão os reformadores de hoje? Não se trata apenas da Reforma Protestante parecer se uma coisa do passado, mas sim o fato das igrejas do mundo estarem a se unir sobre **pontos comuns de fé**, e que **a suposta Maria possa ser aquela que ajude a continuar “sarando” a antiga ferida**. Além disso, “o Papa João Paulo II reza todos os dias á virgem, a quem ele reconhece ter-lhe salvo a vida”. (Revista *Life*, dezembro de 1996, p. 48). “Em certo momento de 13 de maio de 1981, durante uma audiência papal ao ar livre na praça de São Pedro, na presença de 75.000 pessoas e perante a vista de uns 11 milhões de telespectadores, o Papa João Paulo II avistou uma menina que levava um pequeno retrato de **Nossa Senhora de Fátima**, mãe de Cristo. Justamente ao inclinar-se em seu “papamóvel”, que ia em marcha lenta, para fazer uma ligeira carícia na menina, o assassino Mehmet Ali Agca, disparou dois tiros precisamente na direção onde momentos antes teria apontado à cabeça do papa. Na mesma altura em que dois peregrinos caíam ao solo feridos, ouve-se dois disparos mais, e desta vez o sangue de João Paulo II manchava a sua batina branca” (*The Keys of This Blood*, p. 46). A 12 e 13 de maio de 1991 [e novamente em 1994], João Paulo II foi a Fátima “onde deu graças a Nossa Senhora de Fátima por ter-lhe salvo a vida no atentado do assassinato de 1981” (*O Trovão da Justiça*, p. 157). “Ninguém está mais convencido da validade das visitas de Fátima que o papa atual [João Paulo II]. Ninguém é mais devoto a Maria. João Paulo II, que ‘se dedicou a si mesmo e ao seu pontificado a Nossa Senhora’, leva o M de Maria no seu escudo de armas; o seu lema pessoal, bordado em latim no interior de

suas capas é **totus tuus Maria (Maria, sou todo teu)**” (*Uma Mulher Cavalga a Besta*, p. 471).

“Além disso, João Paulo II está plenamente convencido, como o estão muitas outras pessoas, que foi Maria a que pôs fim ao comunismo em toda a Europa. A sua fé está firmemente baseada nas notáveis profecias que Maria pronunciara em Fátima em 1917. De acordo com a Irmã Lúcia, que formava parte do grupo de crianças que afirmou tê-la visto, a Virgem predisse o surgimento do totalitarismo soviético muito antes deste se tornar realidade. Na visão subsequente, ela indicou ao papa e aos seus bispos que dedicassem a Rússia ao seu Imaculado Coração para dessa forma por fim ao comunismo.

De acordo com Lúcia, os esforços do papa para levar a cabo a dita dedicação fracassaram nos anos de 1942, 1952 e 1982. João Paulo II finalmente cumpriu a ordem em 1984- e o próximo ano com a subida ao poder de Mijail Gorbachov, iniciou a queda do império soviético. Diz o Padre Robert Fox do Santuário Fátima em Alexandria, South Dakota, EUA: **‘O Mundo reconhecerá no seu devido tempo que a derrota do comunismo foi resultado da intercessão da mãe de Jesus’**. (*Time*, 30 de dezembro de 1991, p. 64 e 65). De fato, ao antigo líder soviético Mijail Gorbachov chamou ao Papa João Paulo II “a mais excelsa autoridade na Terra”. Surpreendentemente a declaração daquele que uma vez foi o primeiro mandatário da Rússia comunista!

Na atualidade, João Paulo II encabeça o maior movimento ecumênico da história com o fim de unir todas as religiões sob a hegemonia de Roma. A 27 de outubro de 1986, o papa reuniu-se na cidade de Assis com líderes das principais religiões do mundo para orar pela paz. Integravam o grupo: adoradores de serpentes, budistas, mulçumanos, hindus, espíritas e feiticeiros norte americanos. O papa declarou que todos eles oravam a um mesmo Deus e que as suas orações “criavam uma energia espiritual que produzia um novo ambiente de paz”. A religião mundial que havia sido profetizada (ver Apocalipse 13:3, 4, 12; 17:12-14) está a formar-se perante os nossos próprios olhos e o Vaticano é o ponto de convergência do novo movimento. Não é porventura isto “prostituição espiritual”?

Como dissemos anteriormente, o apóstolo Paulo... “predisse a grande apostasia que teria como resultado o estabelecimento do poder papal. Declarou que o dia de Cristo não viria “sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus”. (2 Tessalonicenses. 2:3 e 4). E, ainda mais, o apóstolo adverte os irmãos de que “já o mistério da injustiça opera”. (2 Tessalonicenses. 2:7). Mesmo naqueles primeiros tempos viu ele, insinuando-se na igreja, erros que preparariam o caminho para o desenvolvimento do papado.

Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente das pessoas, o mistério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século IV, causou grande regozijo; e **o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja.** Progredia rapidamente a obra de corrupção. **O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor.** Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo.

Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do “homem do pecado”, predito na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sobre Ele. Aquele gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás — monumento de seus esforços para sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade.

Satanás bem sabia que as Escrituras Sagradas habilitariam os homens a discernir seus enganos e resistir a seu poder. Foi pela Palavra que mesmo o Salvador do mundo resistiu a seus ataques. Em cada assalto Cristo apresentou o escudo da verdade eterna, dizendo: “Está escrito.” A cada sugestão do adversário, opunha a sabedoria e poder da Palavra. A fim de Satanás manter o seu domínio sobre os homens e estabelecer a autoridade humana, deveria conservá-los na ignorância das Escrituras. A Bíblia exaltaria a Deus e colocaria o homem finito em sua verdadeira posição; portanto, suas sagradas verdades deveriam ser ocultadas e suprimidas. Esta lógica foi adotada pela Igreja de Roma. Durante séculos a circulação da Escritura foi proibida. Ao povo era vedado lê-la ou tê-la em casa, e sacerdotes e prelados sem escrúpulos interpretavam-lhe os ensinamentos de modo a favorecerem suas pretensões. Assim o chefe da igreja veio a ser quase universalmente reconhecido como o vigário de Deus na Terra, dotado de autoridade sobre a igreja e o Estado... **A fim de proporcionar aos conversos do paganismo uma substituição à adoração de ídolos, e promover assim sua aceitação nominal do cristianismo, foi gradualmente introduzida no culto cristão a adoração das imagens e relíquias”.** (*O Grande Conflito* Cap. 3, p. 47-49).

CAPÍTULO 8

Outra Característica do Chifre Pequeno de Daniel 7: A Blasfêmia

Antes de relembrar a minha tarefa de decifrar o papel que há de desempenhar a falsa Virgem Maria na obra de engano mundial, gostaria de referir mais algumas características da “Besta” ou “Chifre Pequeno”. A Bíblia diz que este não somente faria guerra contra os santos e exerceria o poder pelo espaço de 1260 anos, mas que também blasfemaria contra Deus e pensaria em mudar “os tempos e a lei” e procuraria que todos os habitantes da terra o adorassem (ver Daniel 7:25; Apocalipse 13:6-8).

A Bíblia diz-nos que o poder papal “abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome” (Apocalipse 13:6). Na realidade, o título de “papa” deriva do vocábulo *papa*, que significa *pai*. De fato, muitas nações do mundo atualmente reconhecem o papa como o “santo padre”. Também é reconhecido como *Pontifex Maximus* (sumo Pontífice) que significa “O maior construtor de pontes”, o que significa que ele pretende ocupar o lugar de Cristo como a verdadeira “escada” (ou “ponte”) que cruza ou se estende sobre o vazio entre o Céu e a Terra pelo pecado (Ver Gênesis 28:12 e João 1:51). Também é conhecido sob o nome de *Vicarius Filii Dei* (vicário ou representante autorizado do Filho de Deus na Terra). Desta forma pretende possuir o título, ocupar o lugar, e ter a autoridade de **Deus Pai** (*il papa*), **Deus o Filho** (*Pontifex Maximus*) e **Deus o Espírito Santo** (*Vicarius Filii Dei*) [As seguintes passagens bíblicas aclaram que o Espírito Santo é o verdadeiro vicário do Filho de Deus na Terra: João 14:16-18; 15:26; 16:7, 8, 13, 14]. Por isso, ao ser o papa coroado, colocam-se sobre a sua cabeça uma tripla coroa conhecida como tiara para indicar que é rei do Céu, mar e profundidades.

A literatura eclesiástica abunda em exemplos de pretensões arrogantes e blasfemas do papado. Típicos exemplos são as seguintes passagens de uma obra enciclopédica escrita por um clérigo romano do século XVIII, além de outras com datas mais recentes:

“O papa possui uma dignidade tão grande e tal excelsitude que não é um homem, mas é como se fosse Deus e é o vicário de Deus...”

“O papa é, por assim dizer, Deus na Terra, único soberano dos fiéis de Cristo, chefe dos reis, com todos os poderes, a quem o onipotente Deus encomendou a direção não só dos assuntos terrestres mas também os do reino celestial...”

“O papa é de tão grande autoridade e de um poder tão grande que pode modificar, explicar, interpretar ou até mesmo as leis divinas... O papa pode alterar a lei divina, que o seu poder não procede do homem, mas do próprio Deus, e atua como vice regente de

Deus sobre a Terra com amplitude de poder para atar e desatar os membros de sua grei” (*Lucius Ferraris, art. “Papa II, Prompta Bibliotheca, v. 6, p. 25-29*).

“O papa é infalível.. Não pode errar quando, como **Pastor e Mestre de todo o cristianismo**, define uma doutrina concernente a fé ou moral à qual a Igreja inteira há de aderir” (*A Catechism Christian Doctrine, p. 16*).

“As pessoas que o vêem — **e inumeráveis milhões o têm visto** — jamais o esquecem. As suas visitas criam uma impressão eletrizante que **nenhum outro ser humano pode igualar**. Isso explica, por exemplo porque é que nas aldeias rurais do Quênia milhares de meninos, além de uma quantidade de gatos, galos e até hotéis, têm o nome de João Paulo. A única razão porque uma gravação em disco compacto do papa recitando o rosário com música de fundo de Bach e Handel se está tornando tão popular na Europa é porque o pontífice possui um carisma que se arrasta. Com razão declarou estupefata uma jovem que o aclamava e aplaudia na companhia de milhares de outras pessoas num estádio desportivo na cidade de Denver, Colorado: ‘ Eu não reajo desta maneira nos concertos de rock. O que será que tem este homem?’

“Quando fala, não só dirige à sua grei de **mais de um bilhão**, mas espera que o mundo inteiro o escute. E a sua grei e a humanidade inteira na realidade **o escutam**”.

“João Paulo também pode impor a sua vontade e não há exemplo mais formidável e controverso disto que a intervenção do Vaticano na Conferencia Internacional sobre População e Desenvolvimento da ONU levada a efeito no Cairo em setembro. Ali os emissários do papa derrotaram uma proposta apoiada pelos EUA, que João Paulo temia poder fomentar o aborto mundialmente. Os opositores desta ação prognosticam que as suas conseqüências poderiam ser de um caráter catastrófico a nível mundial, sobretudo no superlotado terceiro mundo que tanto admira o papa”.

“O impacto que João Paulo já causou no mundo é formidável e alcança desde o nível **global** ao pessoal. Percorreu centenas de milhares de quilômetros. É como se fosse ele só um exército em si. ‘ Passará à história como o maior dos papas modernos’ diz o Reverendo Billy Graham. ‘Ele tem sido a firme consciência de todo o mundo cristão’ (Time, 26 de dezembro de 1994/ 2 de janeiro de 2005 p. 53-54.). Porventura não foi profetizado em Apocalipse 13:3 que “toda a terra se maravilhou [admirou, se assombrou] seguindo a besta”? E isto inclui jovens, porque o *Stockton Record*, como também muitos outros jornais principais, publicaram em primeiro plano o seguinte artigo da Imprensa Associada: “**Um milhão de jovens reúne-se ao chamado do papa!**” A enorme multidão congregou-se para celebrar a missa **no mais sagrado santuário do Polônia durante o sexto Dia Mundial da Juventude celebrado anualmente** e auspiciado pelo Vaticano, tendo João Paulo sido interrompido por uns dez minutos com aplausos e gritos de ‘Long live the pope! (Que viva o papa!)’.

Também merece atenção o fato de João Paulo II não ser o único que se interessa pelo Dia Mundial da Juventude. A ‘Maria do Novo Advento’ à qual o papa se referiu em Denver está particularmente associada com o Dia Mundial da Juventude, que João Paulo II tem estado a promover durante há alguns anos. Foi exibida durante toda a noite na vigília de oração dos peregrinos que caminharam até o parque Cherry Creek (perto de Denver) para reunir-se com o papa, o qual chegou de helicóptero. Um jornalista que estava presente escrever:” já passaram das 21 horas quando apresentaram **o ícone** (estátua) oficial do Dia Mundial da Juventude. Nesta parte da vigília referem-se à ‘Veneração [adoração] da imagem da Virgem Maria: Nossa Senhora do Novo Advento’...

“No dia seguinte, domingo, o papa regressou no seu helicóptero. Os peregrinos... saúdam-no novamente com renovado entusiasmo Ali celebrou a missa e 3000 sacerdotes tomaram várias horas em ministrar á hóstia à multidão de 375.000. Por vezes dirigindo-se pessoalmente a Maria no Céu durante a sua prática, o papa começou a dizer: ‘Com o meu coração cheio de louvor para com a **Rainha do Céu**, o sinal da esperança e a fonte de consolo na nossa peregrinação de fé a Jerusalém Celestial, saúdo a todos vós que estais presentes nesta solene liturgia... Esta liturgia apresenta-vos, a Maria como **a mulher vestida de sol**... Ó mulher vestida de sol...a juventude do mundo te saúda com tanto amor... Em Maria, a vitória final da vida sobre morte é uma realidade...” (*Uma Mulher Cavalga a Besta*, p. 456, 457). Evidentemente, o papa de Roma destaca-se em seus esforços por vender ao mundo, inclusive à juventude, a idéia de uma Maria falsificada.

O profeta Daniel, seguindo a sua descrição dos traços característicos do “Chifre Pequeno” que em visão viu sair de Roma, diz que **“neste havia dois olhos como olhos de homem, e uma boca que falava com vanglória”** (Daniel 7:8). Além disso, Jesus Cristo advertiu-nos do seguinte por meio do seu servo João: **“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis”**. (Apocalipse 13:18). Ninguém pode imaginar quão surpreendido fiquei o dia em que me apercebi que um dos títulos do papa, que leva na sua mitra, Vicarius Filii Dei, e atribuindo a cada letra o valor numérico romano correspondente (como por exemplo V=5, I=1 (seis vezes), C=100, U=5, L=50 e D=500) — **dá um total de 666!** Isto significa que **todos os papas** que tem existido levaram o numero de 666, e **todos os futuros papas** também levarão o mesmo numero, que é o título do anticristo. Portanto, a profecia aplica-se ao papa atual!

De acordo com a crença católica romana, o papa de Roma não apenas é venerado como o grande líder moral do mundo, mas também como sucessor direto de São Pedro, a quem Roma considera ter sido o primeiro papa- a rocha sobre a qual Jesus Cristo edificou a sua igreja. Amigos, esta é uma falsa conclusão, pois Jesus nunca se

referiu a Pedro como “a rocha”. A passagem bíblica que a Igreja Católica emprega para sustentar a sua alegação de que Pedro é a Rocha é Mateus 16:28: “E também eu [Jesus] te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Mas, se tivermos em conta o que diz o original em grego desse versículo, o seu verdadeiro sentido é o seguinte: Tu és Pedro (Cristo chamou o Apostolo pelo seu primeiro nome, que em grego é *Petros* — **uma pedra roliça**, (segundo *Strong's Concordance*) e sobre esta pedra (Cristo refere-se agora a si próprio como a Rocha, que em grego é uma palavra completamente diferente e do gênero feminino e não masculino, que é *petra*, **uma pedra sólida** (*Strong's Concordance*)-edificarei a minha igreja. De fato isto é comparar um penhasco a uma pedrinha, como é propriamente a divindade em comparação com a humanidade. Alguns versículos mais adiante, quando Cristo disse “que era necessário ir a Jerusalém, padecer muito dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressurgir no terceiro dia”... Pedro começou a recriminá-lo dizendo: “Senhor, tem compaixão de ti. Isto de modo algum te acontecerá”. Pedro estava na realidade a dizer: “De maneira alguma tu terás que morrer”. Amigos, sem a morte de Cristo como cordeiro de Deus, sacrificado pelos pecados do mundo, a salvação seria impossível. Pedro não compreendeu a verdadeira missão de Cristo naquele momento e, portanto, respondeu emocionalmente. Cristo respondeu a Pedro: “Para atrás de mim, Satanás; Tu me serve de pedra de tropeço” (versos 21-23). Devemos recordar que Mateus 16:18 diz que “as portas do inferno [da morte] não prevalecerão” contra a “Rocha”. Desta maneira Satanás acabava de prevalecer contra Pedro, de forma que não era possível que ele fosse a Rocha, mas o diabo certamente nunca prevalecerá contra “A Rocha dos Séculos”- Jesus Cristo!

A Bíblia diz em 1 Coríntios 10:4 que “esta pedra era Cristo”. De fato, o próprio Pedro na sua primeira epístola refere-se a Jesus Cristo como a **“pedra angular, eleita e preciosa...** A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como **a principal de esquina**” (1 Pedro 2:6, 7). “Com infinita sabedoria, escolheu Deus a pedra fundamental, e a colocou Ele mesmo. Chamou-a “firme”. O mundo inteiro pode depor sobre ela seus fardos e pesares; pode suportá-los a todos. Com perfeita segurança podem edificar sobre ela. Cristo é uma “pedra já provada”. Aqueles que nEle confiam, Ele nunca decepcionará. Suportou todas as provas. Resistiu à pressão da culpa de Adão e da de sua posteridade, e saiu mais que vencedor dos poderes do mal. Tem suportado os fardos sobre Ele lançados por todo pecador arrependido. Em Cristo tem encontrado alívio o coração culpado. Ele é o firme fundamento. Todos quantos fazem dEle sua confiança, descansam em segurança perfeita”. (*O Desejado de Todas as Nações* cap 65, p. 645, 646). Cristo é o verdadeiro fundamento, a “principal pedra angular” sobre a qual a igreja cristã está edificada; e ao fazer sua morada em nós através do Espírito Santo, convertemo-nos em pedras vivas em seu templo espiritual, porque estamos “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal

pedra angular. Nele todo o edifício bem ajustado cresce para o templo santo no Senhor. E nele também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito” (Efésios 2:20-22). Mas como a Igreja Católica Romana alega que Pedro era a rocha ou o primeiro papa, o seu raciocínio é que o seus papas, como descendentes de Pedro, juntamente com os bispos e sacerdotes, têm o poder de perdoar pecados, ao qual a Bíblia chama de blasfêmias (Ver Mateus 9:1-6).

Recordo achar-me muitas vezes ajoelhado num confessionário para relatar os meus pecados a um sacerdote que escutava em segredo. Naquele tempo eu não tinha idéia que o confessionário se tinha originado entre os sacerdotes pagãos de Babilônia, o qual discutiremos mais adiante. Depois de ter ouvido o meu confessionário, o sacerdote me ordenou uma quantidade de orações para recitar como parte de minha penitência. Em certa ocasião recebi um rosário [uma enfiada de contas de origem pagã] para rezá-lo ao fazer penitências, o qual incluía **cinquenta e três ave-marias**. “E, orando, não useis de **vãs repetições**, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos” (Mateus 6:7). Como jovem ignorante das escrituras, eu não sabia que a Bíblia dava as seguintes instruções em relação à confissão de pecados: “MEUS filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo”. E também: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça”. (I João 2:1-2; 1:9).

CAPÍTULO 9

Cuidará em Mudar os Tempos e a Lei

Fica-nos por assinalar todavia outro traço característico da besta — “cuidará em mudar os tempos e a lei” (Daniel 7:25). Nunca esquecerei o dia em que me inteirei que a Igreja Católica Romana e o poder papal estavam preditos na profecia bíblica. Um sábado de manhã foi convidado a uma igreja local para escutar um jovem ministro que estava ensinando uma classe sobre as profecias do livro de Daniel. Naquela manhã ele expunha as profecias de Daniel 7, as quais revelam as quatro grandes potencias mundiais que sucessivamente dominariam o mundo. Estes quatro impérios monolíticos eram Babilônia (*o leão*, versículo 4), Medo-Pérsia (*o urso*, versículo 5), a Grécia (*o leopardo*, versículo 6), e Roma (*o animal terrível e espantoso*, versículo 7). Então explicou que o quarto animal, Roma, o qual é o “quarto reino na Terra” (verso 23), sairia um “chifre pequeno” [ou ponta pequena, conforme algumas traduções] (versículo 8), que “proferirá palavras contra o altíssimo, e destruirá os santos do altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos e metade de um tempo” (versículo 25).

“Mas, como procuraria o poder papal mudar os tempos e a lei”?, perguntava o jovem expositor à classe. “Além do mais, que leis específicas seriam as que Satanás atacaria diretamente? Sem dúvida alguma que seria a lei de Deus — **os Dez Mandamentos**”, disse com convicção. Mas o que mais me impressionou foi quando começou a explicar como a Igreja Católica Romana na realidade mudou a Lei: “Eliminaram o segundo mandamento, que diz: **‘Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra’**. (Êxodo 20:4-5). Imediatamente me vieram à memória as imagens de Maria, do menino Jesus e dos santos na Catedral da Anunciação. Como eu reverenciava as estátuas, especialmente a de Maria! Recordo ter-me perguntado, enquanto ouvia falar o ministro, porque é que apesar de tudo haviam estátuas na catedral quando o segundo mandamento proíbe adoração de imagens. Ou as estátuas eram uma violação da lei de Deus, ou o segundo mandamento, como aquele jovem insistia, na realidade tinha sido mudado! E o que dizer dos ícones que sangram e das estátuas que choram? **Será possível que Deus opere milagres através de imagens que Ele mesmo proibiu?**

Desejoso de aprender mais, continuei a escutar com atenção o que o jovem dizia acerca do Chifre Pequeno de Daniel 7: “O papa não comente ‘cuidou’ em mudar o segundo mandamento mas também alterou a numeração dos outros nove mandamentos

convertendo o terceiro, no segundo, o quarto no terceiro e assim por diante. O décimo foi então dividido em dois, criando assim dois mandamentos de um apenas para que todavia houvesse um total de dez mandamentos!” Recordo-me bem um dia em que consultei um catecismo católico para certificar-me disto. Fiquei completamente pasmado. Averigüei que o segundo mandamento tinha desaparecido. O quarto mandamento que diz: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus; (Êxodo 20:8-9), aparecia como terceiro e dizia simplesmente, “Guardar domingos e festas”. O nono dizia, “não desejar a mulher do próximo”, e o décimo, “não cobiçar as coisas alheias”. Perguntei-me que autoridade tinha depois de tudo a Igreja Católica Romana para mudar a lei de Deus. O jovem ministro prosseguiu e desafiou as crenças de toda a minha vida ainda mais quando perguntou, “Como pensaria o chifre pequeno mudar os ‘tempos’?”

Antes de contestar esta pergunta, quero primeiro contar-lhes um pouco mais sobre a minha vida como criança católica. Era me requerido assistir a missa todos os domingos às nove horas da manhã na Catedral da Anunciação. Se faltava um domingo, necessitava trazer uma nota da parte dos meus pais explicando porque havia faltado à missa nesse dia, de contrário teria que ficar detido depois das aulas! Era uma lei!- Uma “lei dominical”! Na realidade, conforme as doutrinas da Igreja Católica Romana é um pecado mortal faltar a missa no domingo. Portanto, fiquei surpreso quando o jovem conferencista começou a questionar a observância do domingo. Começou a dizer que a Bíblia em nenhuma parte considera que o domingo é um “dia santo”. De fato, lê-se em *A Doctrinal Catechism*, pelo Ver. Stephen Keenan, p. 174:

“Pergunta: — Tendes outra maneira de provar que a Igreja tem poder de instituir festas por preceito?

“Resposta: — Não tivesse ela esse poder, e não poderia ter feito aquilo em que concordam todos os teólogos modernos- não poderia ter substituído a observância do sábado do sétimo dia da semana, pela do domingo, o primeiro dia, mudança para a qual não há autoridade escriturística.”

E no Catholic Mirror, órgão oficial do cardeal Gibbons, de 23 de dezembro de 1893, lemos:

“Pergunta: — Qual é o dia de descanso?

“Resposta: — O dia de descanso é o sábado.

“Pergunta: — Porque observamos o domingo em vez do sábado?

“Resposta: — Observamos o domingo em vez do sábado porque a Igreja Católica, no Concílio de Laodicéia (336 DC), transferiu a solenidade do sábado para o domingo”.

(*The Convert Catechism of Catholic Doctrine*, p. 50, 3ª edição, 1913, obra que recebeu a “benção apostólica” do Papa Pio X em 25 de janeiro de 1910).

Ao terminar o jovem ministro o seu discurso que tanto me sacudiu e perturbou, saí correndo da igreja à procura de um dos sacerdotes católicos que supostamente tinham me ensinado a verdade. Por casualidade no dia seguinte estava incumbido de assistir a uma festa que me tinham convidado na semana anterior. E com quem pensam que me encontrei ali? Com um dos sacerdotes da Catedral da Anunciação! Foi algo providencial! Ali estava ele com uma bebida numa mão e um cigarro na outra, aparentemente muito alegre e ver-me depois de tantos anos. A minha mente estava excitada e dentro de pouco tempo surpreendi-o com uma pergunta: “Qual é o dia de repouso?” Olhando-me com certa curiosidade, respondeu-me cautelosamente, “O sábado!” Depois, aprofundando-me um pouco mais, indaguei como foi possível que o dia santo do Senhor (Isaias 58:13), o sábado ou sétimo dia da semana, tenha sido substituído pelo domingo. Desdenhosamente, aquele santo homem, com hálito a licor e tabaco em sua boca, contestou-me- e não minto-”O papa o mudou!” Então perguntei-lhe se era verdade que a Igreja Católica tinha na realidade morto milhões de cristãos durante a Idade Média. Fixando os seus olhos no copo que tinha na mão, disse-me com vacilação: “preferíamos esquecer tal coisa”. E pensar que eu me confessava perante estes “reverentes homens de Deus” em que de fato, a maioria deles, têm pecados tão grandes ou maiores que os próprios leigos que vão ao seu confessorário.

CAPÍTULO 10

A Mudança Gradual do Quarto Mandamento operada por Satanás

Assim tudo batia certo. O jovem ministro tinha dito a verdade naquele sábado de manhã! O “chifre pequeno” de Daniel 7 e a “besta semelhante a um leopardo” de Apocalipse 13 são o papado romano, que pensou em mudar “os tempos e as leis”. Satanás, por intermédio de seu agente na Terra, o papa de Roma, tinha conseguido mudar o tempo no qual devemos adorar ao criador do sétimo dia para o primeiro dia da semana e como resultado há que ter em conta que muitos cristãos, ignorantemente, estão guardando “preceitos de homens”. Porventura não nos advertiu Cristo: “Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens”? (Mateus 15:9). Amigos, em seus esforços por usurpar o trono de Deus e sentar-se nas extremidades do norte (Isaías 14:13, 14) como o próprio Deus, Satanás mudou os “tempos” alterando o dia em que a Bíblia diz que devemos adorar ao criador. Por meio desta mudança **aparente**, a criatura Satanás, através de seus agentes humanos, pretende a autoridade do criador, e milhões de pessoas através de todo o mundo estão sem sabê-lo rendendo homenagem ao “pai da mentira” ao obedecer o seu mandato de celebrar culto no primeiro dia da semana — o venerável dia do sol — o domingo!

“Suprimido o revelador do erro, agiu Satanás à vontade. A profecia declarara que o papado havia de cuidar “em mudar os tempos e a lei”. (Daniel 7:25). Para cumprir esta obra não foi vagaroso. **A fim de proporcionar aos conversos do paganismo uma substituição à adoração de ídolos, e promover assim sua aceitação nominal do cristianismo, foi gradualmente introduzida no culto cristão a adoração das imagens e relíquias.** O decreto de um concílio geral estabeleceu, por fim, este sistema de idolatria. Para completar a obra sacrílega, **Roma pretendeu eliminar da lei de Deus, o segundo mandamento, que proíbe o culto das imagens,** e dividir o décimo mandamento a fim de conservar o número deles.

Este espírito de concessão ao paganismo abriu caminho para desrespeito ainda maior da autoridade do Céu. Satanás, **operando por meio de não consagrados dirigentes da igreja,** intrometeu-se também com o quarto mandamento e **tentou pôr de lado o antigo sábado, o dia que Deus tinha abençoado e santificado** (Gênesis 2:2 e 3), **exaltando em seu lugar a festa observada pelos pagãos como “o venerável dia do Sol”.** Esta mudança não foi a princípio tentada abertamente. Nos primeiros séculos o verdadeiro sábado foi guardado por todos os cristãos. Eram estes ciosos da honra de Deus, e, crendo que Sua lei é imutável, zelosamente preservavam a santidade de seus preceitos. Mas com grande argúcia, Satanás operava mediante seus agentes para efetuar

seu objetivo. **Para que a atenção do povo pudesse ser chamada para o domingo, foi feito deste uma festividade em honra da ressurreição de Cristo.** Atos religiosos eram nele realizados; era, porém, considerado como dia de recreio, sendo o sábado ainda observado como dia santificado.

A fim de preparar o caminho para a obra que intentava cumprir, Satanás induzira os judeus, antes do advento de Cristo, a sobrecarregar o sábado com as mais rigorosas imposições, tornando sua observância um fardo. Agora, tirando vantagem da falsa luz sob a qual ele assim fizera com que fosse considerado, lançou o desdém sobre o sábado como instituição judaica. Enquanto os cristãos geralmente continuavam a observar o domingo como festividade prazenteira, ele os levou, a fim de mostrarem seu ódio ao judaísmo, a fazer do sábado dia de jejum, de tristeza e pesar.

Na primeira parte do século IV, o imperador Constantino promulgou um decreto fazendo do domingo uma festividade pública em todo o Império Romano. O dia do Sol era venerado por seus súditos pagãos e honrado pelos cristãos; era política do imperador unir os interesses em conflito do paganismo e cristianismo. Com ele se empenharam para fazer isto os bispos da igreja, os quais, inspirados pela ambição e sede do poder, perceberam que, se o mesmo dia fosse observado tanto por cristãos como pagãos, promoveria a aceitação nominal do cristianismo pelos pagãos, e assim adiantaria o poderio e glória da igreja. Mas, conquanto muitos cristãos tementes a Deus fossem gradualmente levados a considerar o domingo como possuindo certo grau de santidade, ainda mantinham o verdadeiro sábado como o dia santo do Senhor, e observavam-no em obediência ao quarto mandamento.

O arquienganador não havia terminado a sua obra. Estava decidido a congregar o mundo cristão sob sua bandeira, e exercer o poder por intermédio de seu vigário, o orgulhoso pontífice que pretendia ser o representante de Cristo. Por meio de pagãos semiconversos, ambiciosos prelados e eclesiásticos amantes do mundo, realizou ele seu propósito. Celebravam-se de tempos em tempos vastos concílios aos quais do mundo todo concorriam os dignitários da igreja. Em quase todos os concílios o sábado que Deus havia instituído era rebaixado um pouco mais, enquanto o domingo era em idêntica proporção exaltado. **Destarte a festividade pagã veio finalmente a ser honrada como instituição divina, ao mesmo tempo em que se declarava ser o sábado bíblico relíquia do judaísmo, amaldiçoando-se seus observadores.**

O grande apóstata conseguira exaltar-se “contra tudo o que se chama Deus, ou se adora”. (2 Tessalonicenses 2:4). **Ousara mudar o único preceito da lei divina que inequivocamente indica a toda a humanidade o Deus verdadeiro e vivo. No quarto mandamento Deus é revelado como o Criador do céu e da Terra, e por isso Se distingue de todos os falsos deuses.** Foi para memória da obra da criação que o sétimo

dia foi santificado como dia de repouso para o homem. Destinava-se a conservar o Deus vivo sempre diante da mente humana como a fonte de todo ser e objeto de reverência e culto. **Satanás esforça-se por desviar os homens de sua aliança para com Deus e de prestarem obediência à Sua lei; dirige Seus esforços, portanto, especialmente contra o mandamento que aponta a Deus como o Criador.**

Os protestantes hoje insistem em que a ressurreição de Cristo no domingo fê-lo o sábado cristão. Não existe, porém, evidência escriturística para isto. Nenhuma honra semelhante foi conferida ao dia por Cristo ou Seus apóstolos. A observância do domingo como instituição cristã teve origem no “mistério da injustiça” (2 Tessalonicenses. 2:7) que, já no tempo de Paulo, começara a sua obra. Onde e quando adotou o Senhor este filho do papado? Que razão poderosa se poderá dar para uma mudança que as Escrituras não sancionam?” (*O Grande Conflito* cap. 3, p. 49-52).

O que diz na realidade o quarto mandamento? Certifiquemo-nos: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o SENHOR o dia do sábado, e o santificou”. (Êxodo 20:8-11).

Reconhece a Igreja Católica que não há nenhum mandamento na Bíblia que ordene a santificação do domingo? “Podeis ler a Bíblia desde o Gênesis até o Apocalipse, e não achareis uma só linha que autorize a santificação do domingo. As Escrituras fazem fica pé na observância religiosa do sábado, dia que nós nunca santificamos”. (*Faith Our Fathers*, p. 111).

Compreendeis melhor agora Apocalipse 12:17? “E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, **os que guardam os mandamentos de Deus**, e têm o testemunho de Jesus Cristo”. Lemos também mais a frente em Apocalipse 14:12, “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os **mandamentos de Deus** e a fé em Jesus”. O apóstolo João escreveu também as seguintes palavras sob a inspiração divina: “E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade”. (I João 2:3-4). Depois de tudo, o próprio Cristo disse: “Se me amardes. guardareis os meus mandamentos... do mesmo modo, que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor” (João 14:15; 15:10).

CAPÍTULO 11

O Selo de Deus

Estimado amigo, baseando-nos no que temos vindo a estudar até ao momento, podemos ver claramente que a besta ou o “chifre pequeno” representa o papado romano. Então, o que é a marca da besta, ou seja, a marca do papado? Antes de contestar esta pergunta, permita-me mostrar-lhe o que é o selo de Deus. Um selo pode ser um emblema ou um símbolo estampado em revelo, ou uma estampa numa carta que acompanha um documento legal e lhe dá autoridade. Está relacionado aos assuntos legais. Um selo compõe-se de três partes: o nome do oficial ou governante, o seu título e o território sobre o qual tem jurisdição. A Bíblia dá-nos uma chave importante para descobrir onde se encontra o selo de Deus porque diz em Isaías 8:16: “Liga o testemunho, sela a lei entre os meus discípulos”. Na realidade, o “novo concerto” (Hebreus 8:8) que Deus estabeleceu com o Seu povo tem que ver com sua Lei. Temos em Hebreus 8:10, “Porque esta é a aliança que depois daqueles dias farei com a casa de Israel, diz o Senhor; **Porei as minhas leis no seu entendimento, E em seu coração as escreverei;** E eu lhes serei por Deus, E eles me serão por povo”. Em Apocalipse capítulo 7, versículos 2 e 3 diz: “E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado **nas suas testas** os servos do nosso Deus” (Apocalipse 7:2-3). Por conseguinte, podemos concluir que o selo de Deus tem algo a ver com a lei de Deus em nossas testas, ou seja, em nossas mentes. Atrás da testa está uma parte do cérebro que se chama *lóbulo frontal* através do qual o ser humano toma as suas decisões de caráter moral. É também a parte do cérebro onde se encontra a consciência.

A Lei de Deus é conhecida como os **Dez Mandamentos**- os seus dez princípios de amor. Também é chamada “lei real” ou “lei perfeita da liberdade” pela qual a humanidade será julgada, segundo o indica o apóstolo S. Tiago (Ver Tiago 2:8-10; Eclesiastes 12:13-14). De fato, a Bíblia dá-nos a seguinte definição de pecado: “O pecado é a transgressão da lei” [Os Dez Mandamentos] (I João 3:4). Devido a isso pode-se dizer que Deus está buscando um povo obediente — um povo em cujas mentes está escrita a sua lei moral, a **sua lei de amor**, e se porventura for necessário, preferem morrer do que infringir os seus mandamentos. Deve realçar-se que no próprio centro dos dez mandamentos de Deus- os quais, diga-se de passagem, são impossíveis de guardar a menos que o Espírito Santo grave estes preciosos princípios no coração- aparece o sábado, o único mandamento que indica **o nome, título, posto e território** do Deus todo-poderoso! “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e

farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do **SENHOR teu Deus...** Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o SENHOR o dia do sábado, e o santificou”. (Êxodo 20:8-11). Amigos, este é o único lugar onde podereis encontrar o selo de Deus! O mandamento do sábado contém o Seu nome, “Senhor teu Deus”; o seu título ou posto, [o Criador que] “fez os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há”. Por esta razão Deus declarou por intermédio do profeta Ezequiel: “E santificai os meus sábados, e servirão de **sin**al entre mim e vós, para que saibais que eu sou o SENHOR vosso Deus” (Ezequiel 20:20). **Desta forma, o selo de Deus, que há de estar no coração do ser humano, encontra-se no coração da lei de Deus!** Notemos também que se ordena a santificação do dia de sábado. “Consagrai-vos e sede santos porque Eu sou santo”. (Levítico 11:44). O dia é por si mesmo sagrado porque Deus na criação fez três coisas com ele para estabelecê-lo para sempre como símbolo de sua própria santidade: **descansou** juntamente com o homem no dia de sábado; **abençoou** o dia; e o **santificou** (ou seja, *apartou-o para uso sagrado*). Por isso o sábado é, e para sempre será, um dia santo. “Sei que tudo o que Deus faz durará eternamente...” (Eclesiastes 3:14). *Mas é impossível guardar o sábado enquanto transgredimos um dos outros nove mandamentos, ou princípios da santidade. Portanto, a observância do dia de sábado, de uma forma especial, abrange ou inclui o resto dos dez mandamentos, os quais não de estar selados no coração e na mente. O sábado, em virtude de sua própria função e sob a direção do Espírito Santo “no qual fostes selados para o dia da redenção” (Efésios 4:30) presta-se singularmente para ser o “selo de Deus”.*

Recordo-me bem da primeira vez que li acerca do sábado no livro de Isaías. Uma profunda convicção susteve-me ao inteirar-me de que este profeta se referia ao sábado do Senhor como “dia santo”. Sob inspiração divina ele escreveu: “Se desviares o teu pé do sábado, de fazeres a tua vontade **no meu santo dia**, e chamares ao sábado deleitoso, e o santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falares as tuas próprias palavras, então te deleitarás no SENHOR, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacó; porque a boca do SENHOR o disse”. (Isaías 58:13-14). E, de fato, alguns capítulos mais adiante, o profeta Isaías diz **que na Nova Terra os redimidos adorarão ao Senhor no dia de sábado!** “Como os novos céus, e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante da minha face, diz o SENHOR, assim também há de estar a vossa posteridade e o vosso nome. E será que desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR”. (Isaías 66:22-23). Recordo que me perguntava, “Será possível que Deus tenha ordenado aos seres humanos santificar o sábado ou o sétimo dia no Jardim do Éden (ver Gênesis 2:1-3) e também ao seu povo através do antigo testamento para depois mudar o dia de sábado para o domingo no novo testamento e, em seguida, regressar à observância do

sábado original na Nova Terra?” Claro que não! Que absurdo é pensar assim! **Segundo o Novo Testamento, o Senhor Jesus Cristo guardou o sábado “segundo o seu costume”** (Lucas 4:16) e até se identificou a si próprio como **“Senhor do Sábado”** (Marcos 2:27, 28). O próprio apóstolo S. Paulo também observou o sábado “como tinha por costume” (Ver Atos 13:14; 16:13; 17:1, 2; 18:4)!

“Através do novo testamento, que foi escrito anos depois da ascensão de Cristo, o Espírito Santo, referindo-se ao sétimo dia, chamou-o ‘sábado’ mais de cinquenta vezes... Nas ordenanças levíticas ou referentes aos holocaustos dos serviços do santuário havia sábados e festas anuais relacionadas com comidas e bebidas e observâncias rituais. Mas ao estabelecer estes sábados cerimoniais o Senhor especificamente fez a distinção entre eles e o único sábado semanal, que existia desde o princípio. Disse: ‘Estas são as festas do Senhor... além dos sábados do Senhor’ (Levítico 23:37, 38).

“As festas e os sábados anuais, como todas as ordenanças do serviço levítico, eram sombra do que havia de vir e encontraram o seu cumprimento no grande sacrifício expiatório de Cristo no calvário (Colossenses 2:16, 17). **Mas o sábado do Senhor foi abençoado e santificado por Deus na criação**, antes do pecado ter entrado no mundo, antes de instituir-se qualquer serviço de holocausto simbólico que prefigurasse o futuro redentor. **É uma instituição fundamental e primária que faz parte da ordem moral do governo divino vigente para o ser humano**, e que tem a mesma importância que os deveres delineados nos outros mandamentos... **Descobrimos desta maneira que o sábado é uma planta semeada pelo Pai celestial, arraigada profundamente em toda a Sagrada Escritura, e que perdurará por toda a eternidade no mundo vindouro”**. (*Our Day in the Light of Prophecy*, p. 163, 164).

Já pensou alguma vez que a maioria dos cristãos no mundo guardam apenas nove mandamentos? Esta pode ser a razão porque Deus iniciou o quarto mandamento com a palavra **“Lembra-te”**- devia saber que o iríamos *esquecer*! Além disso, se tivesse havido uma mudança relacionada com o dia em que Deus espera que o adoremos e louvemos, não estaria ela registrada na Bíblia? **E porque não há nem sequer um só versículo nas Sagradas Escrituras em favor da observância do domingo?** As escrituras dizem: *“Eu, o Senhor, não mudo... Desde os dias de vossos pais vis desviastes dos meus estatutos, e não o guardastes. Tornai-vos para mim, e eu tornarei para vós, diz o Senhor dos Exércitos”* (Malaquias 3:6, 7). Antes de considerar outros assuntos importantes relacionados com a “marca da besta”, não esqueçamos, por favor, que Deus procura gravar a Sua Lei nos nossos corações, mas isso só é possível apenas com o nosso consentimento. Uma passagem das escrituras de muito valor para mim que confirma esta promessa é 2 Coríntios 3:3- *“Já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração”*.

Alguns têm perguntado: “Como posso saber que o sábado ou o sétimo dia da semana é o santo dia do Senhor?” Em primeiro lugar, a Bíblia claramente nos diz que o “sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus” (Êxodo 20:10). E realmente a Bíblia diz em Genesis 1 que “criou Deus os céus e a Terra” (incluindo as águas, toda a criatura e a vegetação) em seis dias. E em Gênesis 2:2, 3 acrescenta que **“abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra de criação que fizera”**. O sábado, instituído no Eden, constitui o quarto mandamento da Lei de Deus! Procuremos agora nas nossas Bíblias, no novo testamento o relato da Semana Santa. Encontramos o relato da morte e paixão, sepultura e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho segundo São Lucas, capítulos 23 e 24. Quase todos os cristãos reconhecem que Cristo morreu na sexta feira santa e que ressuscitou no domingo da ressurreição. Lemos em Lucas 23:54 que o dia em que retiraram o corpo de Jesus da cruz “era o dia da preparação, e ia começar o sábado”. Se sábado, o sétimo dia da semana, “ia começar” então o dia da preparação quando morreu Jesus tinha que ser o sexto dia da semana, ou seja, Sexta Feira Santa. O versículo 56 diz que as mulheres regressaram aos seus lares, prepararam especiarias e ungüentos e depois “no sábado, repousaram, conforme o mandamento”. “No primeiro dia da semana [o que o mundo chama de Domingo de Ressurreição]... Acharam a pedra removida do sepulcro, mas quando entraram não encontraram o corpo do Senhor Jesus” porque já tinha ressuscitado (Lucas 24:1-3). Notemos então, que Ele morreu na sexta feira, descansou no sepulcro no sábado “conforme o mandamento”, e ressuscitou no domingo. Portanto, o sétimo dia da semana, o sábado, é o dia do Senhor, que se encontra entre o “dia da preparação”, ou seja, o sexto dia da semana (sexta feira), e o primeiro dia da semana, o domingo! E que ninguém se engane aceitando o argumento de que agora devemos santificar o domingo em lugar do sábado porque Cristo ressuscitou neste dia. Amigos, dizem-nos as Escrituras que esta mudança ocorreu? Recordem ainda que a Igreja Católica diz que não há nenhuma autoridade bíblica para semelhante mudança e que ela assume a responsabilidade de ter estabelecido o domingo como dia de repouso. Além disso, S. Paulo diz-nos em Romanos 6:3-5 que Deus instituiu o batismo em honra da ressurreição, e não o domingo! Qualquer dicionário de língua portuguesa define o sábado como “o sétimo ou último dia da semana”. Podemos até citar dois exemplos, O *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* da Texto Editora diz: “sétimo dia da semana começada ao domingo” e do *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora diz: “dia da semana imediatamente posterior à sexta-feira”. Em inglês existem dicionários, como o *Webster's Ninth New Collegiate Dictionary* que dão como primeira definição de *sabbath* [sábado]: “o sétimo dia da semana observado de sexta feira de tarde a sábado de tarde como dia de descanso e adoração...” Depois de tudo, **não é verdade que até a própria Virgem Maria guardou o sábado, o sétimo dia?** Além disso, tenhamos cuidado com aqueles calendários que falsamente colocam o domingo como o sétimo dia da semana!

CAPÍTULO 12

A Origem do Mistério: “A Grande Babilônia, a Mãe das Prostituições e das Abominações”

No livro de Apocalipse, capítulo 17, descobrimos ainda mais chaves em relação a identidade da “mãe das prostitutas” da profecia bíblica. Mas além disso, há neste capítulo uma grande paralelo relativo à palavra “mistério” que devemos considerar porque é algo que explicará a origem da Mariologia (conjunto de crenças, doutrinas e opiniões concernentes à Virgem Maria) e como se infiltrou dentro da Igreja Cristã. Os primeiros seis versículos do capítulo dizem: “Veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas; com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição. E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de **púrpura e de escarlata**, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um **cálice de ouro** cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição; e na sua testa estava escrito o nome: ‘Mistério, **a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra**’. E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus”. (Apocalipse 17:1-6).

O historiador Alexander Hislop, autor do livro *The Two Babylons* (As Duas Babilônias) dedicou-se durante anos a investigar a relação que pudesse haver entre a Babilônia antiga e o sistema de culto papal. Neste livro ele escreveu: “O gigantesco sistema de corrupção moral e idolatria descrito nessa passagem sob o símbolo de uma mulher que ‘tinha na mão um cálice de ouro’ (Apocalipse 17:4) e dá a beber aos habitantes da terra, o ‘vinho da sua prostituição’ (Apocalipse 17:2; 18:3) é chamado por Deus ‘MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA’ (Apocalipse 17:5). Nenhuma pessoa de mente aberta que tenha cuidadosamente investigado este tema pode duvidar que o equivalente do ‘**Mistério da Iniquidade**’ descrito por Paulo em 2 Tessalonicenses 2:7 é **a Igreja de Roma**... Em virtude deste sistema aqui estar de igual maneira caracterizado pelo nome de “**Mistério**”, podemos confirmar que ambas as passagens se referem ao mesmo sistema. Mas a linguagem que se aplica a Babilônia do Novo Testamento, algo da qual se dará conta o leitor, naturalmente nos remonta a Babilônia antiga. A mulher apocalíptica tem na sua mão um **cálice** com o qual **embriaga os habitantes da terra** e o mesmo se passava com a antiga Babilônia. Ao se encontrar em todo o seu apogeu, aquela Babilônia de então escutou por meio do profeta Jeremias as palavras divinas que anunciavam a sua ruína: ‘Babilônia era uma taça de ouro na mão do SENHOR, ela

embriagou toda a terra. Do seu vinho beberam as nações; por isso agora enlouqueceram'. (Jeremias 51:7). E porque se emprega uma linguagem idêntica respectivamente aos dois sistemas? **A dedução mais lógica seguramente é que a relação entre ambos é que um é o tipo e o outro o antítipo.** Desta forma, assim como a Babilônia do Apocalipse (Apocalipse 17:5) está caracterizada com o nome de 'Mistério', o traço característico do antigo sistema babilônicos eram os 'mistérios' caldeus [práticas religiosas secretas] que formavam parte integral desse sistema [que incluía ritos e cultos de certos deuses e deusas]. E são a estes mistérios que se referem claramente, ainda que em sentido figurado, as palavras do profeta hebreu ao declarar que Babilônia era um 'cálice de ouro'. O consumo de 'bebidas misteriosas'... era indispensável para aqueles que se iniciavam nestes mistérios. Estas 'bebidas misteriosas' compunham-se de 'vinho, mel de abelhas, água, e farinha de trigo' (*The Two Babylons*, p. 4, 5). Eram por natureza intoxicantes e, da mesma forma o 'Mistério da Iniquidade', num sentido espiritual, faz com que os habitantes da terra se embriaguem com 'o vinho da sua prostituição [suas doutrinas embriagantes e misteriosas].

"Existem vestígios dos *mistérios* caldeus até aos tempos de Semiramis... a formosa mas abandonada **rainha da Babilônia... a grande 'Mãe' dos deuses...** a mãe de toda imundície... [a qual] elevou a mesma cidade onde tinha o seu trono... ao nível de grande sede... da idolatria e da prostituição consagrada. Desta forma, esta rainha caldeia chegou a ser o protótipo da 'Mulher' de Apocalipse que leva um cálice de ouro na mão e na sua frente o nome escrito, 'Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e das abominações da terra'. A figura apocalíptica da prostituta que leva um cálice na mão estava incorporada até nos símbolos idolátricos que provinham da antiga Babilônia conforme se podia ver nas exposições dos mesmos na Grécia... e é extraordinário que nos nossos próprios dias, evidentemente pela primeira vez, a Igreja Romana adotou esta mesma figura como emblema preferido. Em 1825... o Papa Leão XII, cunhou uma medalha com a estampa de sua própria imagem de um lado e de uma **'Mulher'** com uma cruz na sua mão esquerda e **um cálice na direita** do outro lado e gravadas em redor as palavras '*sedet super universum*', que querem dizer **'O mundo inteiro é a sua sede'**."

"Por outro lado, era preciso que Babilônia, particularmente a abominável idolatria de um sistema tal como o de Babilônia... fora introduzido sigilosa e furtivamente... Os sacerdotes eram os únicos depositários do conhecimento religioso; só eles eram os herdeiros da verdadeira tradição por meio do qual se podiam decifrar os escritos e símbolos da religião pública e fora **uma submissão cega e absoluta** perante eles, o que era necessário para a salvação não podia saber-se. Compare-se isto com a história do papado e com o seu espírito e *modus operandi* de sempre, e ver-se-á que **a relação é exata!** Teve a sua origem este corrupto sistema de 'Mistérios' babilônicos na época dos

patriarcas? Pelo contrário, foi num tempo de ainda mais conhecimento do que aquele, em que este ímpio e antibíblico sistema teve o seu começo e se desenvolveu plenamente dentro da igreja de Roma. Começou na mesma era apostólica quando aflorava a primitiva igreja, quando se viam por todos os lados os efeitos do Dia de Pentecostes e os mártires selavam o seu testemunho com o seu próprio sangue. Naqueles dias o Espírito claramente declarou o seguinte, mediante o apóstolo S. Paulo: 'Pois já o mistério da injustiça opera' (2 Tessalonicenses 2:7). Aquele sistema de injustiça... no seu devido tempo se manifestaria imponentemente e perdurará até que o Senhor o desfaça pelo 'sopro de sua boca' e o aniquile 'pelo esplendor da sua vinda' (versículo 8). Mas no principio introduziu-se na Igreja sigilosamente 'com todo o engano da injustiça'. **Operou-se com engano e fingimento**, afastando a humanidade da simplicidade da verdade tal como é em Jesus. E fê-lo secretamente, da mesma maneira em que a idolatria foi introduzida nos antigos Mistérios de Babilônia, não era nem seguro e nem prudente fazê-lo de outra forma. A Igreja, apesar de desprovida de autoridade civil, teria despertado e com zelo teria excluído dos seus limites o falso sistema juntamente com todos os instigadores. Se porventura houvesse manifestado abertamente, de uma só vez, toda a sua crueldade, não teria prosperado. **Portanto, introduziu-se furtiva e paulatinamente, abominação após abominação, avançando assim a apostasia. A Igreja apóstata estava disposta a tolerá-la, e por conseguinte, o sistema cresceu até ao seu auge e por fim tornou-se no sistema colossal que atualmente conhecemos como o papado.**

"Astutamente e passo a passo Roma encheu o cimento do seu sistema sacerdotal sobre o qual mais adiante edificaria a sua vasta super-estrutura. Desde os seus começos este sistema levou sobre si a marca de 'mistério'... O poder do clero dentro do sacerdócio romano culminou no estabelecimento do **confessionário**. A própria idéia do confessionário teve a sua origem em Babilônia... A ordem bíblica a respeito da confissão é, 'Portanto, confessai os vossos pecados uns aos outros' (S. Tiago 5:16), o que implica que o sacerdote deve confessar-se com o povo e o povo com o sacerdote, dado haver pecado um contra o outro... Roma abandonou a palavra de Deus e recorreu ao sistema babilônico. Atualmente toda a pessoa se confessa só com o sacerdote e em segredo [sob pena de condenação]. O sacerdote confessor funciona no nome de Deus acreditando-se estar revestido de autoridade divina para examinar a consciência do penitente, julgá-lo, e absolvê-lo ou condená-lo arbitrariamente segundo a sua vontade... **Na Igreja de Roma, se a pessoa não se confessou, não lhe é permitido participar dos sacramentos assim como nos dias do antigo paganismo ninguém podia tomar parte nas celebrações dos mistérios sem haver feito uma confissão adequada...** A confissão é, pois, o **grande eixo** sobre o qual gira todo o 'Mistério da Injustiça' que encerra o papado, o qual cumpre admiravelmente o propósito de fazer escravos do clero e todos aqueles que em todo lugar se submetem a ele" (*The Two Babylons* p. 5-11). [Não é em vão o que disse a falsa

Virgem Maria aos videntes que a viram em Medjugorje: “Devem convidar-se as pessoas a se confessarem uma vez por mês... a confissão mensal será um remédio para a Igreja do Ocidente. Deve transmitir-se esta mensagem ao Ocidente” (*O Trovão da Justiça*, p. 198)].

“Da forma como derivou no principio a idéia do confessionário, a Igreja, ou melhor o clero, pretendeu ser o único depositário da verdadeira fé cristã. Desta forma acreditava-se que unicamente os sacerdotes caldeus possuíam a chave do entendimento da mitologia babilônica que lhes havia sido transmitida desde os tempos mais remotos. Os sacerdotes de Roma estabeleceram-se eles próprios como os únicos intérpretes das Escrituras... Portanto, exigiam que se tivesse uma fé absoluta nos seus dogmas. Toda a humanidade estava obrigada a crer o mesmo que a Igreja, enquanto esta podia então dar a forma que quisesse à sua fé... No verdadeiro sentido, podemos ver quão apropriado é o nome que Roma leva escrito na sua frente, ‘Mistério, a grande Babilônia’”. (*The Two Babylons* p. 11).

CAPÍTULO 13

O Meu Testemunho Pessoal acerca dos Sacramentos

É curioso que a palavra “sacramento”, termo católico romano que significa “um sinal visível e tangível mediante o qual Deus se aproxima de nós, se compenetra em nossas vidas e nos atrai a si mesmo por meio da sua graça...” deriva de uma tradução latina do vocábulo grego *mysterion*, que quer dizer ‘**mistério**’” (*Basics of the Faith: A Catholic Catechism* p. 151). Três dos sete sacramentos ou “mistérios” são: o Batismo Infantil, a Sagrada Eucaristia na qual se diz Jesus estar real e verdadeiramente presente e que é, na realidade, um mistério diferente de todos os demais; e a Ordem Sacerdotal por meio da qual aqueles que ficam constituídos como ministros sagrados ou sacerdotes tomam o voto de castidade como disciplina da Igreja Católica Romana, apesar da Bíblia dizer: “Não é bom que o homem esteja só” e “É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, **marido de uma só mulher**, vigilante, sóbrio... **não dado ao vinho**...” (Gênesis 2:18; I Timóteo 3:2, 3).

Tudo o que temos a fazer é ler e ver as notícias para nos inteirarmos do fruto deste “Sagrado Sacramento” e vermos os escândalos sexuais em que muitos dos sacerdotes são apanhados, desde filhos ilícitos até os casos de homossexualismo e mesmo pedofilia. Não foi porventura acertada a seguinte profecia do apóstolo S. Paulo? — “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência; **que proíbem o casamento, e ordenam a abstinência de alimentos** para os fiéis, e para os que conhecem a verdade...” (I Timóteo 4:1-3). Em vista do que foi exposto, as aventuras ou façanhas sexuais dos sacerdotes católicos supostamente celibatários, em relação as palavras de Paulo ficam bem apropriadas: “hipocrisia de homens que falam mentiras [assim são os prelados que pregam a moral, denunciam o homossexualismo e o aborto, e dizer ter feitos votos de castidade enquanto eles mesmos praticam a depravação sexual] e têm cauterizada a própria consciência”. (I Timóteo 4:2). Roguemos a Deus para que eles se arrependam de tais obras, Como prova adicional de que 1 Timóteo se aplica à Igreja Católica Romana, acrescento que eu me criei num lar católico onde me era proibido comer carne às sextas feiras. Em lugar de carne, a minha mãe servia-me peixe. Posteriormente à Igreja alterou o regulamento aplicando-o apenas à Quaresma. De qualquer forma isto cumpre a profecia.

Estimados amigos, quando eu era criança, não somente confessava os meus pecados aos sacerdotes católicos (muitos dos quais cometiam pecados graves) como

também oferecia orações e acendia velas em favor dos meus entes queridos falecidos. Eu rezava aos santos e a Virgem Maria ajoelhado diante de suas imagens e dizia milhares de ave-marias. Atualmente dou-me conta de muitas outras práticas babilônicas em que tomava parte sem me ter apercebido. Como exemplo, menciono as seguintes: o meu batismo infantil (devido à crença da minha família no pecado original); a minha participação no sacrifício da missa que é uma celebração da Eucaristia (Sagrada Comunhão) na qual tomei parte centenas de vezes; e a minha crença no Purgatório, lugar em que eu podia ser purificado do pecado mesmo depois de morto. Para recuperar o tempo perdido no meu passado, sinto que é necessário expor a procedência pagã destes costumes católicos que constituem outros traços característicos do “Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições” e desta forma ajudar outras pessoas a terem a aprovação de Deus no conflito vindouro:

1. O Batismo Infantil. A Bíblia nem nenhuma parte menciona o batismo infantil. Todavia, ao aceitar-se a doutrina católica romana do pecado original — que toda pessoa que nasce neste mundo herda o pecado, a culpa e a condenação do pecado de Adão-então, se uma pessoa morre antes de ser batizada, seja bebê ou não, perde-se para sempre. Portanto, o catolicismo romano advoga a favor do batismo infantil como meio de limpar ou purificar a criatura do seu pecado original. Atualmente, dou-me conta que quando era bebê, era incapaz de decidir se queria ser católico ou não, e o mesmo se passa com milhões de bebês em todo o mundo. Tornei-me membro dessa igreja antes de poder falar ou pensar por mim mesmo. Tinha eu aceite a Jesus Cristo como o meu salvador pessoal com a idade de quatro meses? Claro que não! Mas a Igreja católica substitui a fé da criança pela da Igreja. Além disso, o batismo, que deve ser feito por imersão [o corpo inteiro é submerso completamente na água (ver Mateus 3:16) e não o derramamento de água sobre a fronte da pessoa], é uma profissão pública da parte do candidato de que **aceitou a Cristo como salvador pessoal dos seus pecados e cuja morte na cruz lhe trouxe redenção**. É uma declaração de que “o nosso velho homem [o homem carnal] é sepultado na água, “para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de não servirmos mais ao pecado” [algo de quem um bebê não sabe absolutamente nada] (Romanos 6:6). O batismo é um “selo da justiça da fé” (Romanos 4:11) que a pessoa recebe **antes de ser batizada**, porquanto está escrito: “Quem crer e for batizado será salvo...” (Mateus 16:16). A fé verdadeira é evidência de um novo coração, de uma natureza regenerada (ver Gálatas 2:20). Estes conceitos pressupõem a maturidade da pessoa e de forma alguma se podem aplicar ao caso de um bebê.

Meus prezados amigos, a doutrina e disciplina do papado romano, como muitas outras de suas doutrinas, carecem de base bíblica. Portanto, a **“regeneração por meio do batismo”**- a crença de que os pecados, inclusive “o pecado original”, são **apagados pela água que se usa** e não pela **fé** no sangue purificador de Cristo que **precedeu a**

cerimônia batismal — é fundamentalmente um dogma da fé romana. É como se fosse o próprio batismo, ou mais propriamente as obras e não a fé, o que justifica e perdoa os nossos pecados. Contrapondo isto, a Bíblia declara: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo sangue [e não pelo batismo que é a declaração pública que uma pessoa efetua depois de haver aceite a Cristo e o seu sacrifício expiatório, e se arrependido e confessado os seus pecados ao seu salvador, pelo qual é chamado ‘batismo de arrependimento, para remissão de pecados’ (Marcos 1:4)], seremos por Ele salvos da ira” (Romanos 5:9; ver também Romanos 3:24, 28; 4:2; 5:1). Roma declara que o batismo é absolutamente necessário para a salvação, tanto assim que as crianças que morrem sem terem recebido o sacramento do batismo não poderão entrar na glória (a menos que, em conformidade com a doutrina católica, tenham recebido o batismo de sangue ou de entrega de vida por amor a Cristo e por meio de uma virtude cristã, como foi o caso dos meninos que foram mortos pelo Rei Herodes) e os benefícios do batismo são tão grandes que se diz que em todos os restantes casos, “nos regenera por meio de um novo nascimento espiritual, fazendo-nos filhos de Deus”. Há de considerar-se como a “primeira porta pelo qual temos de entrar para o redil de Jesus Cristo; portanto, os méritos da sua morte são aplicados às nossas almas por meio do batismo... para satisfazer a justiça divina por causa de todas as acusações que havia contra nós, ou seja, por causa do pecado original ou do atual [o pessoal, o que nós mesmos cometemos]” (*Bishop Hay, Sincere Christianity*, p. 363, 358). Isso contradiz a Bíblia! O que seria se João Batista tivesse morrido ainda no ventre de sua mãe? O que teria ocorrido? Teria sido negada a sua entrada no Céu, segundo o exige a doutrina de Roma? Estas são as perguntas que tal ensinamento suscita. Amigos, esta doutrina não procede da Bíblia; então qual é a fonte de sua origem?

Derivou do paganismo — vem de Babilônia! — Nos mistérios caldeus, antes que se recebesse qualquer instrução, era requerido a todo o iniciante que se submetesse ao batismo como sinal de **uma obediência cega e absoluta** [como é o caso de um bebê que é incapaz de eleger]. Os pagãos batizavam as suas crianças “borrifando com água ou submergindo os recém-nascidos em lagos ou rios” (*Antiquities* v. 1 p. 335).

2. O Sacrifício da Missa, a Presença Real na Sagrada Eucaristia e a hóstia usada na celebração eucarística. De acordo com a doutrina católica, cada missa é um verdadeiro sacrifício no qual Cristo ressuscitado está completamente presente sobre o altar como vítima sob as aparências do pão e do vinho e é oferecido novamente perante Deus o Pai pela Igreja como expiação pelos pecados de todo o mundo. Considera-se que em cada celebração eucarística se renova de modo incruento [sem derramamento de sangue] o sacrifício único e universalmente eficaz feito livremente pelo próprio Cristo na cruz para redimir o mundo. Como é possível redimir alguém por meio de um sacrifício incruento quando a Bíblia claramente diz: **“Sem derramamento de sangue não há**

remissão [de pecado]” (Hebreus 9:22) e “Nele [Jesus] temos a redenção pelo seu sangue, segundo as riquezas da sua graça” (Efésios 1:7)? Apesar disto, segundo a doutrina católica, “A Santa Missa é o sacrifício idêntico ao da cruz, dado que Cristo, o qual se ofereceu a si mesmo ao seu Pai celestial, continua a oferecer-se a si mesmo de modo incruento sobre o altar por meio do ministério dos sacerdotes” (*A Catechism of Christian Doctrine*, p. 47). A missa é o meio pelo qual se aplicam os méritos do Calvário e é algo que se faz repetidamente. Vê-se facilmente que a doutrina da Igreja Católica Romana contradiz as Escrituras. A Bíblia diz: “...Pois Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus; **Nem também entrou para se oferecer a si mesmo muitas vezes... mas agora... uma vez por todas se manifestou**, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, **oferecendo-se uma só vez**, para levar os pecados de muitos...” (Hebreus 9:24-28). “Pois Cristo **padeceu uma única vez** pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus...” (1 Pedro 3:18). Além disso, que quis dizer Jesus quando exclamou da cruz pouco antes de expirar, “Está Consumado!”? (João 19:30).

A Missa é a celebração da Santa Eucaristia. O sacerdote que oferece ou celebra a missa, conhecido como *celebrante*, lê ou canta em latim. Mas a cerimônia é traduzida para vários idiomas para que todos os presentes possam entendê-la. A Santa Missa compõem-se de duas partes básicas: a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. O seu propósito é “voltar a apresentar o maior evento da história da fé cristã — o mistério pascoal- a paixão, morte, ressurreição e ascensão de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo...Na oração eucarística durante a qual a solene Consagração do pão e do vinho se efetua... os católicos crêem que nesse momento, pelo poder soberano e a vontade de Deus, **o pão e o vinho na realidade convertem-se no corpo e sangue de Jesus Cristo**”. “O que recebe não é simbólico... mas come-se realmente o corpo de Cristo e bebe-se o seu sangue apesar dos nossos sentidos os perceberem como pão e vinho... Os cristãos católicos crêem que quando recebem o pão e o vinho eucarísticos, **estão realmente participando do corpo e sangue de Jesus Cristo**” (*Basics of the Faith: A Catholic Catechism*, p. 195, 196, 164, 165). Que blasfêmia tão grande! O sacerdote, ou celebrante — uma mera criatura- **tem o atrevimento de criar, por assim dizer, o próprio criador!** Tendo em conta que se celebram muitas missas semanalmente ao redor do mundo, **vale perguntar se os milhões de hóstias que se utilizam ao mesmo tempo no mundo inteiro se convertem no corpo real de Cristo.**

Há algum tempo telefonei para uma livraria católica para perguntar sobre o que estamos comentando e deu-se a casualidade que a responsável passou o telefone a um sacerdote que se encontrava ali, que segundo ela estava melhor capacitado para

responder à minha pergunta. Perguntei ao clérigo se a fração de pão representava o quebrantamento do corpo de Cristo, ou seja, o Seu sacrifício por nós. Disse-me que sim. Depois perguntei-lhe quantas vezes se levanta a hóstia no altar e disse-me que duas. Então acrescentou: “A segunda vez que a hóstia — o corpo de Jesus- e o cálice do seu sangue são elevados, o sacerdote diz: ‘Por Ele, com Ele e Nele na unidade do Espírito Santo, a ti, Pai Eterno, seja a honra e a glória por todos os séculos’. Então perguntei-lhe se o pão e o vinho eucarísticos se convertem no corpo e no sangue real de Cristo. Respondeu-me dizendo: “O termo filosófico que usamos para referir-nos a isto é transubstanciação, o qual quer dizer que a substância do pão e do vinho se convertem na substância da Deidade, a qual é Cristo”. Então disse: “Um luterano diria que não é nada mais do que pão, mas para um católico **é Cristo!**” “A Missa”, realçou o sacerdote, “é uma nova representação do que aconteceu há 2000 anos e tem significado para nós atualmente”. Acabou-me perguntando se eu compreendia o que ele me havia dito. “Perfeitamente” disse-lhe eu, ao qual ele contestou: “Excelente. Tenho alunos nas minhas aulas que não entendem o que você captou tão prontamente”.

Informam-nos historiadores que não era permitido a oferta de sangue sobre os altares da Vênus Assíria — a grande deusa de babilônia. A mesma forma que tem o sacrifício incruento, ou não sangrento, de Roma pode denotar a sua origem. A hóstia eucarística, que se sacrifica assim como foi o corpo de Cristo, é uma obreia pequena, delgada e redonda. É à sua forma redonda que a Igreja de Roma dá mais ênfase. O que foi que induziu o papado a insistir tanto na forma redonda de seu incruento sacrifício? Não foi, claramente, a Bíblia porque ela não se refere ao uso de uma hóstia redonda na Santa Ceia, pelo contrário, o Senhor tomou o pão, abençoou-o e partiu-o, e disse: “Isto é o meu corpo que é entregue por vós; fazei isso em memória de mim” (1 Coríntios 11:24). Mas se nos fixarmos bem nos antigos altares do Egito, descobriremos ali a hóstia redonda. A imagem de um disco, tão comum entre os emblemas do Egito, **era símbolo do sol em honra de Osíris, a deidade solar**. “No Egito, o disco do sol estava representado nos templos... No grande templo de Babilônia, a imagem dourada do sol exibia-se como objeto de adoração para os babilônicos. Em todo caso, damo-nos conta de quão apropriado é o nome que Roma leva escrita na sua frente, ‘Mistério, grande Babilônia’. É impressionante descobrir que **a imagem do sol, à qual o Israel apóstata rendia culto, havia sido posta em cima dos altares**. Quando o bom rei Josias empreendeu a sua reforma, os seus servos levaram adiante esta obra da seguinte maneira: ‘Foram derrubados os altares dos baalins, fez em pedaços... as imagens de escultura e de fundição...’” [2 Crônicas 34:4] (*The Two Babylons*, p.162, 163). A palavra *Eucaristia* é de uso católico romano, mas com maior frequência está a empregar-se nalgumas igrejas protestantes atualmente. Na verdade, quando João Paulo II visitou os Estados Unidos, muitos protestantes se aglomeraram para vê-lo juntamente com os católicos. Vieram alguns ministros protestantes e seus membros para beijar o anel do papa. Evidentemente

os esforços ecumênicos de João Paulo para organizar todas as igrejas sob o seu comando estão a dar resultados! A ferida mortal está a ser sarada de uma forma espantosa. Na realidade, é possível que tenha sarado completamente!

3. O Purgatório. Apesar de não ser um dos sacramentos, quando eu era católico acreditava na doutrina do purgatório. Segundo a Igreja Católica, o purgatório é um lugar ou estado de sofrimento depois da morte no qual “Deus purga ou purifica o pecado que fica na pessoa como também os efeitos do pecado que impedem que a pessoa goze de uma comunhão completa com o Deus do Céu”. (*Basics of the Faith: A Catholic Catechism*, p. 306). Apesar de não existir nenhuma base bíblica, eu acreditava cegamente nesta doutrina para ter a segurança da salvação. Sempre recordo o purgatório como “esse outro lugar”, fora do Céu ou do Inferno, para onde eu iria parar se a minha conduta não fosse suficientemente boa. Ali receberia o castigo do fogo até ficar suficientemente limpo de todo o pecado e, chegado a este ponto, seria finalmente admitido no Céu. “**A tradição** católica acerca do purgatório inclui o conceito de purificação do pecado por meio do fogo do amor e santidade de Deus. O fogo significa que há dor, por isso não deve surpreender-nos que o purgatório seja doloroso”. (Id., p. 307). Isto é completamente ridículo! Como podemos pensar que Deus literalmente queime as pessoas por determinado tempo com o propósito de purificá-las? Porventura não me haviam ensinado que a oração, as boas obras e a penitência na verdade fomentam a obra de purificação própria, como também a de outras pessoas na terra e a daqueles que estão no purgatório? A oração e o sacrifício em favor dos outros com o propósito de torná-los libertos de todo o pecado são algumas das principais formas mediante as quais os santos — os membros do corpo de Cristo que estão na terra, Céu, ou no purgatório — podem auxiliar-se uns aos outros” (Id., p. 307, 308).

Graças a Deus que hoje creio na purificação pela fé em Jesus Cristo e não na justificação pelas obras para fazer-me credor da salvação. Não creio nas penitências e nem nos “sacramentos” de Roma, mas sim na misericórdia e no poder de Deus e Sua graça! “Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador” (Tito 3:5-6). Apesar disto, *O Trovão da Justiça* assegura que os videntes de Medjugorje alegam ter visto o purgatório, afirmando que nesse lugar “há diferentes níveis, alguns próximo do Céu e outros próximo do Inferno”. E acrescentam: “Maria recomendou que se reze pelo menos sete Pais Nossos, sete Ave-marias, sete Glórias e o Credo dos Apóstolos pelas almas do purgatório e suas intenções. Maria assinalou que as almas do purgatório esperam as nossas orações e sacrifícios” (*O Trovão da Justiça*, p. 203, 204). Uma vez mais, prezados amigos, podemos ver claramente **que quem promove este erro não é a Virgem Maria, mas sim um demônio disfarçado.**

CAPÍTULO 14

Mãe e Filho: Grandes Objetos de Adoração

Ao continuarmos a comparar as semelhanças entre a antiga Babilônia e a “Babilônia” do Novo Testamento, Hislop refere-se aos objetos de adoração de Babilônia e Roma da seguinte forma: “Naqueles países da Europa onde o sistema papal alcançou um maior desenvolvimento... desapareceu quase todo o vestígio de adoração ao Rei Eterno e Invisível, enquanto que a Mãe e o Filho continuaram a ser os principais objetos de culto. Neste último sentido sucedia exatamente o mesmo em Babilônia. A religião popular dos babilônicos **rendia a maior homenagem a Deusa Mãe e a um Filho, representado em pinturas e imagens como um bebê ou um menino nos braços de sua mãe.** Desde Babilônia, este culto à Mãe e ao Menino propagou-se por todo o mundo. No Egito, a Mãe e o Menino eram adorados sob os nomes de Isis e Osíris [este era conhecido mais freqüentemente como Horó]... e na Roma pagã sob os nomes de Fortuna e Júpiter... o menino; e na Grécia como Ceres, a Grande Mãe e com o bebê ao colo...e até no Tibete, China e Japão, os missionários jesuítas surpreenderam-se ao descobrir que o equivalente a Virgem Maria e ao seu Menino eram adorados com tanta devoção nesses lugares como na própria Roma Pagã.

“...Esse Filho, apesar de aparecer representado na forma de menino nos braços de sua mãe, era na realidade uma pessoa de grande renome, bastante poder físico e de conduta admirável. Na Bíblia (Ezequiel 8:14) é conhecido como **Tamuz**... ‘O Lamentado’” (*The Two Babylons*, p. 14, 20, 21). Passemos agora a Ezequiel 8:12-14 e vejamos se estes dados se aplicam ao Israel bíblico: “Então me disse: Viste, filho do homem, o que os anciãos da casa de Israel fazem nas trevas, cada um nas suas câmaras pintadas de imagens? Pois dizem: O SENHOR não nos vê; o SENHOR abandonou a terra. E disse-me: Ainda tornarás a ver maiores abominações, que estes fazem. E levou-me à entrada da porta da casa do SENHOR, que está do lado norte, e eis que **estavam ali mulheres assentadas chorando a Tamuz**”. Prezados amigos, as palavras proféticas de Ezequiel têm uma dupla aplicação. Não somente se aplicam ao que ocorreu no santuário de Deus na antiguidade, mas também ao que se vai passar dentro da igreja nos últimos dias quando “a grande Babilônia” fará que “os habitantes da terra” se embebedem “com o vinho da sua prostituição” [falsas doutrinas] (Apocalipse 17:5, 2). Dado que uma *mulher* é símbolo de uma *igreja*, então as passagens de Ezequiel que acabamos de citar, e refere-se à igreja que vem sendo “a casa de Israel” que em seu estado de apostasia descarada chora pelo deus da Babilônia. Mas este lamentável proceder repetir-se-á a nível mundial nos últimos dias. Por outras palavras, esta apostasia desenfreada existe atualmente dentro das igrejas na forma de objetos de adoração tais como os santos, o

Menino Jesus e a Virgem Maria. Porventura não foi a Semiramis e a Tamuz que eu dirigi as minhas súplicas durante todos os meus primeiros anos de minha vida? Atualmente, constrange-me só de pensar que em tempos passados eu orava aos mortos! E o que dizer das informações sobre estátuas da Virgem que choram? Será que todavia se estará a “lamentar” Semiramis pelo seu filho Tamuz?

Hislop informa-nos que “O Lamentado”, a quem se venerava como menino, era na realidade o esposo de Semiramis e chamava-se Menino, o nome pelo qual é vulgarmente conhecido na história, cujo significado literal é ‘O Filho’... Desta forma, a descrição que nos é dada deste Menino ou ‘Filho’ que aparece acolhido nos braços da Virgem de Babilônia é suficientemente claro para identificá-lo com Ninrod... acerca do qual a Bíblia diz que era ‘poderoso na Terra’ e que **Babel** foi o ‘princípio do seu reino’. [ver Gênesis 10:8-10]” (Id., p.23). A Bíblia nada relata sobre a forma como morreu Ninrod. Continua a comentar Hislop: “A sua esposa Semiramis, que no principio ocupou um posto humilde, ascendeu ao trono de Ninrod como co-regente. Que fazer em tais circunstâncias? Rejeitaria implicitamente o ambiente de pompa e vaidade que a rodeava? Não. Apesar da morte de seu marido ter sido um duro golpe para o seu governo, a sua determinação e ambição desenfreada não foram minimamente afetadas. Pelo contrário, a sua ambição adquiriu uma maior magnitude. Em vida, tinham honrado o seu marido como um herói; **morto, ela faria que o adorassem como deus, sim, como a semente prometida da mulher, de ‘Zero-asta’, que estava destinada a ferir a cabeça da serpente, e ao fazê-lo, o mesmo seria ferido no calcanhar**” (Id., p. 58-59). Incrível! A falsificação de Gênesis 3:15 começou em Babilônia.

Hislop continua a mostrar-nos como foi que esta idolatria flagrante se estendeu por todas as partes do mundo. Outro dos aspectos destes “Mistérios” era a **magia** da qual Hislop chama **“a irmã gêmea da idolatria”**. “Foi por meio de ‘vários truques’ de artes mágicas e de ‘objetos estranhos e extraordinários que Tamuz, o grande deus que era o objeto principal do seu culto’, lhes aparecia na maneira que mais apropriadamente pudesse pacificar os seus ânimos e cativar a sua cega atenção... Tamuz, o que havia morrido e em honra do qual se expressavam lamentos, todavia estava vivo, rodeado de um esplendor divino e celestial... Assim, todo o sistema dos Mistérios secretos de Babilônia tinha como propósito **glorificar um defunto; e uma vez estabelecido o culto a um defunto, o de muitos outros se seguiriam.**

“Foi assim que este artifício habilmente trabalhado se efetuou. Semiramis tornou-se famosa por causa do seu defunto marido; e com o correr do tempo, **ambos**, sob os nomes de Rhea e Nin, ou ‘ Mãe-Deusa e Filho’, foram adorados com um incrível entusiasmo e as suas imagens erigidas e adoradas por todo o lugar... Este Filho, adorado nos braços de sua mãe, era considerado como possuidor de todas as qualidades e eram-lhe aplicados quase todos os nomes do Messias prometido. Assim como Cristo era

conhecido no Antigo Testamento pelo nome hebraico de Adonai — também a Tamuz o intitularam de Adonis. Sob o nome de Mitras era venerado como o ‘Mediador’. E como o mediador e cabeça do pacto da graça, o intitularam Baal-Berite- Senhor do Pacto (Juizes 8:33)... Foi assim de maneira atrativa e direta que foi instalado em Babilônia **um mero mortal** [como foi a Virgem Maria na Babilônia espiritual] em oposição ao “Filho do Bendito” (Id., p. 67-70, 73, 74).

Prezados amigos, não vedes claramente que o papismo é o paganismo batizado? Hislop acrescenta: “Se o menino devia ser adorado, então muito mais a mãe. E, na realidade, **a mãe converteu-se no objeto de culto favorito**. Para justificar este culto, a mãe foi elevada ao nível da divindade juntamente com o seu filho, e era considerada como a que estava destinada a ferir a cabeça da serpente... A Igreja Católica sustenta que não foi tanto a semente da mulher mas a própria mulher que feriria a cabeça da serpente. Opondo-se a toda a regra de gramática, traduz a denuncia divina contra a serpente da seguinte forma: **Ela** te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás a **ela** no calcanhar. O mesmo era sustentado pelos antigos babilônicos e assim o representavam nos seus templos [e também hoje no livro *O Trovão da Justiça*].

“Com o desenrolar do tempo, ao se irem perdendo de vista os atos relativos à história de Semiramis, declarou-se de uma forma audaz que o nascimento do seu filho tinha sido milagroso e por conseguinte, ela foi denominada ‘**Alma Mater**’ [que baseado nos significados antigos quer dizer ‘**a Virgem Mãe**’, segundo o explica Hislop na nota de rodapé da página 76]” (Id., p. 75, 76).

CAPÍTULO 15

O Falso Selo de Deus

No capítulo 11 aprendemos que o selo de Deus é o sábado. O selo de Deus não é um sinal externo que os outros possam ver. Ninguém senão os anjos do Céu, o pode ver porque é algo que tem a ver com o caráter moral da pessoa e revela a quem ela serve. Assim como o selo de Deus está escrito na fronte ou na testa daqueles que constituem o seu fiel e leal povo, o nome “Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições” está escrito na fronte da prostituta, e os seus seguidores, conhecidos pela sua falsa adoração e dedicação, receberão a marca da besta na fronte e na mão. Cito agora o livro *O Trovão da Justiça*, p. 329, para que o leitor veja como definem os seus autores o que é o selo de Deus: “E clamou aos meus ouvidos com grande voz, dizendo: ‘Acercai-vos os que haveis de castigar a cidade!’ E eis que vinham seis homens a caminho da porta superior, que olha para o norte, e cada um com a sua arma destruidora na mão, ... e chamando o homem vestido de linho, que levava o tinteiro de escrivão, disse-lhe: ‘Passa pelo meio de Jerusalém, e põe por sinal uma *cruz* na fronte dos que suspiram por todas as abominações que se cometem no meio dela’. E aos outros disse ele, ouvindo eu: Passai pela cidade após ele, e feri; não poupe o vosso olho, nem vos compadeçais: matai velhos, jovens, virgens, meninos e mulheres, até exterminá-los; mas não vos achegueis a nenhum dos que levam a *cruz*. Começai pelo meu santuário’ (Ezequiel 9:1-6)”.

Notemos que os autores citam Ezequiel 9:1-6. Peço ao leitor que agora mesmo tome a Bíblia e abra no capítulo 9 de Ezequiel. Encontra-se ali porventura a palavra “cruz” em alguns dos versículos? A Bíblia simplesmente diz “...marca com um sinal as testas dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela” (versículo 4) e “matai velhos, jovens e virgens, meninos e mulheres, até exterminá-los, mas a todo homem que tiver o sinal não vos achegueis...” (versículo 6). Não importa qual seja a versão da Bíblia que se esteja a consultar; mas aparece porventura a palavra “cruz” nestas passagens? Não! E porque não? Simplesmente porque ela não se encontra lá! Como é possível que confiemos em partidários do Movimento Mariano que têm a ousadia de acrescentar palavras à Bíblia que não aparecem nos idiomas originais?

A única explicação que pude encontrar do sinal mencionado pelo profeta Ezequiel são as notas de rodapé de algumas bíblias que em resumo dizem que o sinal era literalmente um *Tau*, última letra do alfabeto hebraico que na antiga escrita tinha a forma de uma cruz. Segundo o **New Catholic Version** [Nova Versão Católica] da *Doway Confraternity Bible*, esta foi a conclusão de **S. Jerônimo** e outros intérpretes.

Mas esta conclusão é totalmente absurda porque se investigarmos bem a origem do vocábulo *Tau* e da cruz descobrimos algo verdadeiramente **surpreendente**. Mais uma vez citamos o livro *The Two Babylons* de Alexander Hislop para vermos a seguinte explicação: “O mesmo sinal da cruz que Roma atualmente venera era empregado nos Mistérios babilônicos na prática pagã da magia e reverenciado da mesma maneira. O que agora se chama cruz cristã, não foi na sua origem um símbolo cristão, mas a Tau mística dos caldeus e egípcios — a verdadeira forma original da letra T — **a inicial do nome de Tamuz** que aparece seladas em moedas em hebraico, idioma muito próximo do caldeu. A *Tau* mística **colocava-se como marca na frente daqueles que se iniciavam nos Mistérios** [é curioso que os sacerdotes católicos fazem o sinal da cruz na frente das crianças que batizam] e usava-se de diversas maneiras como símbolo sagrado. Para identificar a Tamuz com o **sol**, empregava-se juntamente com um círculo que era uma representação do sol, e por vezes era posta dentro desse mesmo círculo. É duvidoso que a cruz maltesa que acompanha a assinatura dos bispos romanos como símbolo da dignidade do seu cargo episcopal seja a letra *tau*. Todavia, a cruz maltesa é sem dúvida alguma um símbolo exato do sol porque Layard [autor do livro *Nineveh and Babylon*] a encontrou em Nínive onde o seu uso sagrado particular a tornou possível identificar com o sol. Como símbolo de uma grande divindade, a Tau mística era conhecida como ‘sinal da vida’. Utilizava-se como amuleto sobre o coração e levavam-na gravada nas suas vestimentas os sacerdotes romanos. Os reis levavam-na na mão como sinal da autoridade que divinamente lhes havia sido outorgada. As virgens vestais [relativas a deusa Vesta] levavam-na em seus colares **tal como fazem as freiras atualmente**. Os egípcios e muitas das nações bárbaras com as quais se relacionavam faziam o mesmo, do qual dão testemunho os seus grande monumentos... Foi venerada no México durante séculos antes da chegada dos missionários católicos romanos. Construíam-se enormes cruzeiras de pedra provavelmente em honra do ‘deus da chuva’. A cruz, adorada em tantos lugares ou considerada como símbolo sagrado, era uma representação de Baco, o messias babilônico que levava na cabeça uma cinta coberta de cruzeiras. Este símbolo do deus babilônico venera-se hoje em dia nos desertos da Tartária onde domina o budismo” (*The Two Babylons*, p. 197-199). Será possível que Deus coloque a marca “T” de Tamuz na frente daqueles que pertencem ao seu fiel e leal povo? “Era um princípio essencial do sistema babilônico que o Sol ou **Baal** [deus na natureza] era o seu único deus. Portanto, quando Tamuz era venerado como deus encarnado, isso significava que era uma encarnação do sol. (Id., p. 96).

Recordemos as palavras do profeta Elias quando se enfrentou com o rei Acabe e os quatrocentos “profetas de Baal” sobre o monte Carmelo. O rei perguntou-lhe: “És tu o perturbador de Israel?” [Elias era um profeta reformador, uma voz que clamava no deserto para repreender o pecado e conter a onda de maldade, e procurava que Israel despertasse e se arrependesse e abandonasse a idolatria em favor dos mandamentos do

Senhor]. Elias replicou: **“Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do SENHOR,** [violando o primeiro e o segundo] e seguistes a Baalim... Elias se chegou a todo o povo, e disse: **Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o.** Porém o povo nada lhe respondeu”. (1 Reis 18:17, 18, 21). Mais adiante é relatado que Elias matou os falsos profetas de Baal porque se recusaram arrepender da sua idolatria e continuaram a adorar o deus-sol, à criatura em lugar do próprio criador. A cruz ou o “T” é um sinal ou marca de Tamuz ou Baal, o deus da natureza, e por conseguinte de Satanás, o falso deus que fez com que Cristo morresse suspenso **numa cruz pagã em forma de “T”!** Quantos cristãos não há no mundo que praticam a idolatria, em forma de imagens ou estátuas, ou de “mortos vivos” como a **Virgem Maria** ou os santos, vacilando assim entre 2 pensamentos! Dizem que amam ao Senhor de todo o coração, mas dedicam-se à idolatria que é terminantemente proibida.

Outro moderno costume pagão derivado dos mistérios é o Zodíaco, que os gregos receberam dos caldeus. Encontra-se este abominável sinal em alguma parte do sistema católico? Sim. A roda solar pode encontrar-se não somente nos templos budistas da Índia, mas também nos altares e tetos das catedrais da Igreja Católica Romana — no Notre Dame de Paris, França, e no mosteiro de S. Inácio de Loyola em Espanha. O sistema católico está fundado sobre a astrologia — o estudo do sol, da lua, dos planetas e das estrelas com o propósito de adivinhar o futuro- e remonta-se aos tempos dos caldeus e babilônicos. Dizer “caldeu” ou “babilônico” equivale a dizer astrólogo. **“Indubitavelmente, a maior roda solar da Terra encontra-se na Praça de S. Pedro no Vaticano.** Por vista aérea pode-se observar uma roda dentro da outra em oito raios, um símbolo pagão da energia cósmica. Do centro sobressai um obelisco, antigo símbolo pagão de Osiris, a deidade solar fálica do Egito” [informação obtida do livro *The New Illustrated Great Controversy*]. A astrologia e os signos do zodíaco têm que ver com a adivinhação, os augúrios da boa ou da má sorte e a observância dos tempos; portanto, estão classificados juntos com os feiticeiros e aqueles que consultam os mortos e estes são igualmente considerados como uma abominação perante Deus. (Ver Deuteronômio 19:10-12; Levítico 19:26).

Prezados amigos, voltando agora ao tema do selo de Deus, pode ver-se claramente que o dito selo não é uma tatuagem da cruz pagã que se há de gravar na testa dos santos, mas sim a lei de Deus, o caráter divino que com justa razão estará escrito nas suas testas. Especificamente, o sábado ou quarto mandamento é o sinal ou selo de Deus (ver Ezequiel 20:12 e compare com Romanos 4:11 para ver que as palavras *sinal* ou *selo* de Deus se usam de maneira mutável nas Sagradas Escrituras) porque o sábado os separa como um povo verdadeiro que adora “aquele que fez o Céu, Terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7). É o mandamento que assinala a Deus como criador, o único

ser em todo o universo que merece ser adorado, e ao seu verdadeiro povo que santifica o dia de sábado! Porque é que milhões de pessoas seguem as tradições de Roma em vez de seguirem um “Assim diz o Senhor”? No livro de Deuteronômio lemos o seguinte: “Para que temas ao SENHOR teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos que ordeno... Estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração. Tu as inculcarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. **Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos**”. (Deuteronômio 6:2, 6-8).

Um aspecto importante que deve ser assinalado é que o livro *O Trovão da Justiça* diz que Cristo proclamou a seguinte mensagem em Julka, Zagreb, ex Iugoslávia: “Este será o Pequeno Rebanho e Eu o cobrirei. Nesses dias haverá um só Pastor e uma só Fé, a fé da **Igreja Católica Romana**, a que eu estabeleci quando andava visivelmente na Terra. Depois das calamidades que estou agora a permitir que passem meus filhos obstinados na Terra, levantar-se-á uma raça justa e pura e a Terra abundará os meus dons. Os meus filhos e filhas **obedecerão aos meus mandamentos**, portanto, tudo viverá e crescerá com as minhas bênçãos durante **trinta anos**. Prontamente, o meu povo se inclinará novamente para o mal e para o pecado. Então enviarei a meus mensageiros Elias e Enoque do Céu, para instruir o povo na verdadeira fé” (*O Trovão da Justiça* p. 354).

Estimados amigos, notaram porventura algum engano no parágrafo anterior? Em primeiro lugar, estabeleceu Cristo a Igreja Católica Romana quando esteve na Terra, ou foi este resultado da apostasia segundo havia profetizado o apóstolo S. Paulo? Em segundo lugar, os mandamentos de que se fala na passagem não são os Dez Mandamentos dados por Deus, mas os mandamentos de Roma, que incluem a mudança do sábado ou quarto mandamento para o domingo, classificado por ela como o terceiro mandamento. Em terceiro lugar, em que parte da Bíblia existe uma referencia a um período de trinta anos no final dos tempos? Em quarto lugar, este falso Cristo disse que enviaria os seus mensageiros Elias e Enoque, **dois guardadores do sábado, para ensinar ao povo as doutrinas de Roma!** Elias e Enoque eram ambos notáveis inimigos da apostasia e jamais apoiariam as falsas doutrinas romanas. E, além disso, não haveria que iluminá-los a eles com respeito ao descanso do domingo — “venerável dia do sol” estabelecido pelo papado como o novo dia para louvar a Deus? Elias estaria a enfrentar-se novamente com os profetas de Baal! Que coisa mais absurda! Mas não se poderá dar o caso desses “mensageiros” serem na realidade demônios? Não esqueçamos o que já foi dito: **Satanás misturará sempre o erro com a verdade assim como se oculta o veneno numa boa comida. O veneno torna-se então mais pernicioso do que nunca porque a pessoa ingere-o sem se dar conta!**

É bom notar que aqueles que são destruídos por não terem a “marca” ou o selo de Deus (ver Ezequiel 9:4) são os que têm estado a praticar a **abominável idolatria** que se registra no capítulo anterior, Ezequiel 8. Em Ezequiel 8, o profeta descreve alguns dos costumes atrozes dos “anciãos de Judá” — os sacerdotes que ofenderam o Deus verdadeiro. Ezequiel vê na entrada ou porta do altar (ou seja, na igreja, lugar dedicado ao culto do Deus verdadeiro) imagens de falsos deuses, e duma em particular que provocava a ira de Deus — “a imagem que provoca ciúmes” (versículo 3). Esta imagem que provocava o “ciúme” ou zelo de Deus era a Virgem babilônica, rainha do Céu, que levava o seu menino nos braços. Hislop afirma que a Igreja Católica não pode mitigar ou atenuar “o caráter execrável daquele culto idólatrico” **identificando esta imagem com a Virgem Maria e o Menino Jesus** (*The Two Babylons* p. 88). Entendamos bem que o equivalente moderno ao antigo culto babilônico da Deusa Mãe e seu Filho é a adoração dentro da Igreja Católica Romana à imagem da Virgem (chamada Nossa Senhora) e o Menino Jesus. Porque é execrável ou abominável este culto? Porque a falsa “Nossa Senhora”, em nome de Jesus, o Filho de Deus, conduz multidões de pessoas à perdição. Todavia, é a vontade de Deus que estas mesmas vítimas extraviadas recebam a eterna salvação por meio do sacrifício infinito de Cristo, nosso verdadeiro Redentor. O que está a ocorrer é um sacrilégio e uma blasfêmia! Mas deve notar-se que as vítimas em Ezequiel 9 são **os mesmos idólatras**, incluindo aqueles que fazem parte do Movimento Mariano que tem perpetuado a mentira de que o selo de Deus é o sinal da cruz na fronte das pessoas! Querido leitor, nunca esqueça que Deus mediante o Seu Santo Espírito quer restaurar em nós **a Sua própria imagem** que o homem perdeu no Éden (ver Gênesis 1:26; 2 Pedro 1:3, 4; 2 Coríntios 3:18).

CAPÍTULO 16

A Nossa Senhora de Roma é a Nossa Senhora da Antiga Babilônia

Os autores idólatras do livro *O Trovão da Justiça* de uma forma audaz declaram: “O que estamos a presenciar é a intercessão da Santíssima Virgem Maria, a **Rainha do Céu** e verdadeiro farol de luz para todos os cristãos” (p. 5). Mas, Maria está morta – morta e sepultada! E as pessoas que dizem ter visto a Virgem, realmente estão sendo enganadas por um espírito maligno. E as estátuas da Virgem não são mais do que montões de gesso, pedra ou madeira aos quais se lhes é dado a forma de Nossa Senhora babilônica que lhe deu origem. Estas são palavras fortes, mas são verdadeiras? Se porventura alguém tiver alguma dúvida, volte a olhar para a capa deste livro. Por alguma razão, o segundo mandamento que proíbe a adoração de imagens — e que foi escrito pelo próprio dedo de Deus (Êxodo 31:18) — contém uma linguagem tão forte! Por alguma razão o papa de Roma que está submetido ao paganismo, tirou o segundo mandamento que proíbe a adoração de imagens — porque pronuncia o juízo de um Deus zeloso contra todos os que o infringem até aos seus filhos e filhos de seus filhos! “Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos”. (Êxodo 20:4-6). Estimado leitor, em nenhuma outra parte da lei de Deus encontramos palavras tão fortes como estas: “os que me odeiam”! Deus verdadeiramente se ofende e com justa razão é chamado “Deus zeloso” que visita a maldades dos antepassados idólatras sobre os descendentes **que seguem as suas práticas pagãs, a não ser que se arrependam**. Deus, na sua infinita misericórdia, poderá passar por alto a ignorância e fazer todo o possível para ganhar o seu afeto, mas se persistem em transgredir as suas leis, depois de haverem recebido o conhecimento necessário, por quanto tempo mais retrairá Deus a sua mão? Isto é algo que ninguém sabe. Oséias 4:6 diz: “O meu povo é destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, como meu sacerdócio; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos”.

É bastante interessante reparar que o profeta Jeremias também tinha algo a dizer em relação à adoração de imagens e falsos deuses em Israel, e fê-lo de uma forma bem direta. Enquanto estiveram no Egito como exilados desamparados, em vez de se converterem em testemunhas de Deus contra o paganismo que os rodeava, os israelitas dedicaram-se a esta forma de idolatria tanto como os próprios egípcios. Jeremias foi

enviado por Deus para anunciar a ira de Deus contra o seu povo se este persistisse em render culto à “rainha dos céus”, mas as suas admoestações caíram em ouvidos surdos: “Então responderam a Jeremias todos os homens que sabiam que suas mulheres queimavam incenso a outros deuses, e todas as mulheres que estavam em pé, em grande multidão, como também todo o povo que habitava na terra do Egito, em Patros, dizendo: **Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do SENHOR, não obedeceremos a ti;** Mas certamente cumpriremos toda a palavra que saiu da nossa boca, queimando incenso à *rainha dos céus*, e oferecendo-lhe libações, como nós e nossos pais, nossos reis e nossos príncipes, temos feito, nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém; e então tínhamos fartura de pão, e andávamos alegres, e não víamos mal algum”. (Jeremias 44:15-17).

Alexander Hislop, autor de *The Two Babylons*, declara: “A prática do culto à deusa-mãe que leva o menino nos seus braços continuou a observar-se no Egito até que entrou no cristianismo. Se o Evangelho tivesse chegado com poder ao povo, a adoração desta deusa-rainha teria caído por terra. Para a maioria, o Evangelho chegou só de nome. Portanto, em vez de expulsar a deusa babilônica, na maioria dos casos somente lhe mudaram o nome. Foi chamada a Virgem Maria e, juntamente com o menino, cristãos professos a adoravam com o mesmo fervor que antes o faziam abertamente os que eram pagãos declarados... Significava que ao aceitar-se que Cristo era verdadeiramente Deus, digno de receber honras divinas, então **a sua mãe, da qual ele herdou somente a sua natureza humana**, também teria que ser aceite ao mesmo nível que Ele e, portanto, deveria ser exaltada acima de toda a criatura **e adorada como parte da Deidade**. A divindade de Cristo depende inteiramente da divindade de sua mãe. O papismo assim é... Todavia, isto é uma cópia exata da doutrina da antiga Babilônia referente a à grande deusa-mãe. A Nossa Senhora de Roma é, então, a mesma Nossa Senhora de Babilônia. A ‘Rainha do Céu’ de um dos sistemas é a mesma que do outro... **A Nossa Senhora Romana e a Nossa Senhora Babilônica são a mesma coisa**” (*The Two Babylons* p. 82, 83, 85). Com razão Alexander Hislop intitulou o seu livro de *The Two Babylons* [As 2 Babilônias] já que a Babilônia do Novo Testamento não é mais do que uma versão moderna da Babilônia do Antigo! Em muitos dos casos apenas o nome mudou. Por exemplo, as estátuas dos antigos deuses do Panteão, antigo templo situado em Roma dedicado ao culto de todos os deuses, encontram-se agora no Museu do Vaticano, exceto a grande estátua de Júpiter, a qual foi modificada, lhe foi mudado o nome e assente no trono da Basílica de S. Pedro em Roma com o nome do apóstolo S. Pedro. Milhares de peregrinos beijam os pés a Júpiter ao pensarem que esta é a estátua do apóstolo S. Pedro.

Hislop assinala outro traço característico comum nas duas Nossas Senhoras, a de Babilônia e a de Roma: **o nimbo ou círculo luminoso** (halo, ou auréola) que

freqüentemente rodeia as suas cabeças, como também as dos santos e de Cristo. Qual foi a origem dessa figura? Em que partes do vasto conteúdo das Sagradas Escrituras nos é dito que a cabeça de Cristo estava rodeada de um disco ou círculo de luz? O que de forma alguma se encontra nas Escrituras, encontra-se nas representações artísticas dos grandes deuses e deusas de Babilônia. O disco ou halo, mas especialmente o círculo, “eram os bem conhecidos **símbolos da Deidade Solar**, e figuravam principalmente no simbolismo do Oriente. A cabeça da Deidade Solar aparecia rodeada deste círculo ou disco. Era o mesmo caso na Roma pagã. Apolo, como filho do Sol, freqüentemente era representado assim. As deusas que pretendiam ter parentesco com o Sol, freqüentemente era representadas com o nimbo ou círculo luminoso ao redor da cabeça... e assim está representada também a Nossa Senhora da Roma Moderna.” (Id., p. 87).

Prezados amigos, permitam-me agora citar os últimos versículos do capítulo 8 do livro de Ezequiel: “E levou-me à entrada da porta da casa do SENHOR, que está do lado norte, e eis que estavam **ali mulheres assentadas chorando a Tamuz**. E disse-me: Vês isto, filho do homem? Ainda tornarás a ver abominações maiores do que estas. E levou-me para o átrio interior da casa do SENHOR, e eis que estavam à entrada do templo do SENHOR, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do SENHOR, e com os rostos para o oriente; e eles, **virados para o oriente adoravam o sol**. Por isso também eu os tratarei com furor; o meu olho não poupará, nem terei piedade; ainda que me gritem aos ouvidos com grande voz, contudo não os ouvirei”. (Ezequiel 8:14-16, 18).

Estimado leitor, da passagem anterior podemos imediatamente extrair dois pontos, para além dos que já abordamos. Em primeiro lugar, “mulheres” e não apenas uma mulher, estavam ali “assentadas chorando por Tamuz”, deus de Babilônia. Recordamos das palavras que estavam escritas na testa da prostituta de Apocalipse 17? — “MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA”? Notemos que a “Mãe” tem as suas prostituições ou ramos de prostituição. Aparentemente, existe uma quantidade de outras igrejas apóstatas que estão a seguir os caminhos ou dogmas de sua mãe, Roma. Quem são estes ramos da prostituição? Em segundo lugar, “as abominações maiores dos que estas” têm que ver com a adoração do sol. De alguma forma, a adoração do sol ao estilo babilônico infiltrou-se nas igrejas. Tem isto alguma coisa a ver com as igrejas dos Estados Unidos da América? De que maneira adoram elas o Sol? Terá algo a ver com o domingo — dia venerado nos Estados Unidos e em toda a parte do mundo e que é contrário ao dia que o Senhor assinalou como dia de culto? Responderemos a todas estas perguntas no capítulo seguinte que fala sobre “a marca da besta”.

CAPÍTULO 17

A Marca da Besta e o papel dos Estados Unidos na Profecia Bíblica

O capítulo 13 de Apocalipse começa com o relato de uma besta que sobe do mar. A primeira coisa que notamos é que esta é uma besta com vários elementos. É “semelhante ao **leopardo**, e os pés como os de **urso**, e a sua boca como a de **leão**. O **dragão** deu-lhe o seu poder, o seu trono e grande autoridade” (Apocalipse 13:2). Segundo o relato, é uma besta com corpo de leopardo e é, como já foi dito, uma representação do papado romano. As quatro bestas que compõem esta besta híbrida e que representam a **Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma** são as que o profeta Daniel viu em visão segundo está registrado em **Daniel 7**. É constatável que a Roma papal herdou alguns dos traços característicos de cada uma dessas feras, evidentes todavia nas práticas do atual sistema de religião falsa conhecido como a Igreja Católica Romana. De Babilônia, o papado herdou o sacerdócio pagão; da Medo-Pérsia, a adoração do sol; da Grécia, as filosofias humanas; do dragão ou da Roma pagã, o seu poder, trono e autoridade [e ainda o título de *Pontifex Maximus* próprio do sumo sacerdote e que os césaes haviam usurpado, como também o latim, idioma comum de Roma Pagã que até o dia de hoje é o idioma oficial da sede papal]. Portanto, é acertada e muito apropriada a descrição do sistema papal como uma besta que subia do mar, ou seja, dos lugares populosos (ver Apocalipse 17:15), e composta de várias partes com os traços característicos de outras bestas ou reinos (ver Daniel 7:23). Visto que é a primeira das duas bestas que aparecem neste capítulo, referimo-nos ao papado como a primeira besta de Apocalipse 13.

Mas o profeta diz: “E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro...” (Apocalipse 13:11). Tanto a aparência desta besta como a forma como sobe indicam-nos que a nação que ela representa é diferente de todas as outras que foram apresentadas sob os símbolos anteriores. Os grandes reinos que tem governado o mundo foram apresentados a Daniel como animais carnívoros de aspecto monstruoso que subiam enquanto “os quatro ventos do céu agitavam o Mar Grande” (Daniel 7:2). Em Apocalipse 17, um anjo explica que as águas representam “povos, multidões, nações e línguas” (Apocalipse 17:15). Os ventos são um símbolo de luta ou guerra. Os quatro ventos do Céu que combatem o mar grande representam as terríveis cenas de conquista e revolução por meio das quais os reinos adquiriram o seu poder.

“Mas a besta de chifres semelhantes aos do cordeiro foi vista a “subir da terra”. Em vez de subverter outras potências para estabelecer-se, a nação assim representada deve surgir em território anteriormente desocupado, crescendo gradual e pacificamente. Não poderia, pois, surgir entre as nacionalidades populosas e agitadas do Velho Mundo

— esse mar turbulento de “povos, e multidões, e nações, e línguas”. Deve ser procurada no Ocidente.

Que nação do Novo Mundo se achava em 1798 ascendendo ao poder, apresentando indícios de força e grandeza, e atraindo a atenção do mundo? A aplicação do símbolo não admite dúvidas. Uma nação, e apenas uma, satisfaz às especificações desta profecia; **esta aponta insofismavelmente para os Estados Unidos da América** do Norte. Reiteradas vezes, ao descreverem a origem e o crescimento desta nação, oradores e escritores têm emitido inconscientemente o mesmo pensamento e quase que empregado as mesmas palavras do escritor sagrado. A besta foi vista a “subir da terra”; e, segundo os tradutores, a palavra aqui traduzida “subir” significa literalmente “crescer ou brotar como uma planta”. E, como vimos, a nação deveria surgir em território previamente desocupado. Escritor preeminente, descrevendo a origem dos Estados Unidos, fala do “mistério de sua procedência do nada” (G. A. Townsend, *O Novo Mundo Comparado com o Velho* p. 462), e diz: “Semelhando a semente silenciosa, desenvolvemo-nos em império.” Um jornal europeu, em 1850, referiu-se aos Estados Unidos como um império maravilhoso, que estava “emergindo” e “no silêncio da terra aumentando diariamente seu poder e orgulho”. — *The Dublin Nation*...

“E tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro.” Os chifres semelhantes aos do cordeiro indicam juventude, inocência e brandura, o que apropriadamente representa o caráter dos Estados Unidos, quando apresentados ao profeta como estando a “subir” em 1798. Entre os exilados cristãos que primeiro fugiram para a América do Norte e buscaram asilo contra a opressão real e a intolerância dos sacerdotes, muitos havia que se decidiram a estabelecer um governo sobre o amplo fundamento da liberdade civil e religiosa. Suas idéias tiveram guarida na Declaração da Independência, que estabeleceu a grande verdade de que “todos os homens são criados iguais”, e dotados de inalienável direito à “vida, liberdade, e procura de felicidade”. E a Constituição garante ao povo o direito de governar-se a si próprio, estipulando que os representantes eleitos pelo voto do povo façam e administrem as leis. Foi também concedida liberdade de fé religiosa, sendo permitido a todo homem adorar a Deus segundo os ditames de sua consciência. **Republicanismo e protestantismo tornaram-se os princípios fundamentais da nação.** Estes princípios são o segredo de seu poder e prosperidade. Os oprimidos e desprezados de toda a cristandade têm-se volvido para esta terra com interesse e esperança. Milhões têm aportado às suas praias, e os Estados Unidos alcançaram lugar entre as mais poderosas nações da Terra.

Mas a besta de chifres semelhantes aos do cordeiro “falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a Terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada. E ... dizendo aos que

habitam na Terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia”. (Apocalipse. 13:11-14).

Os chifres semelhantes aos do cordeiro e a voz de dragão deste símbolo indicam contradição flagrante entre o que professa e pratica a nação assim representada. A “fala” da nação são os atos de suas autoridades legislativas e judiciárias. Por esses atos desmentirá os princípios liberais e pacíficos que estabeleceu como fundamento de sua política. A predição de falar “como o dragão”, e exercer “todo o poder da primeira besta, claramente anuncia o desenvolvimento do espírito de intolerância e perseguição que manifestaram as nações representadas pelo dragão e pela besta semelhante ao leopardo. E a declaração de que a besta de dois chifres faz com “que a Terra e os que nela habitam adorem a primeira besta”, indica que a autoridade desta nação deve ser exercida **impondo ela alguma observância que constituirá ato de homenagem ao papado.**

Semelhante atitude seria abertamente contrária aos princípios deste governo, ao espírito de suas instituições livres, às afirmações insofismáveis e solenes da Declaração da Independência, e à Constituição. Os fundadores da nação procuraram sabiamente prevenir o emprego do poder secular por parte da igreja, com seu inevitável resultado — intolerância e perseguição. A Magna Carta estipula que “o Congresso não fará lei quanto a oficializar alguma religião, ou proibir o seu livre exercício”, e que “nenhuma prova de natureza religiosa será jamais exigida como requisito para qualquer cargo de confiança pública nos Estados Unidos”. Somente em flagrante violação destas garantias à liberdade da nação, poderá qualquer observância religiosa ser imposta pela autoridade civil. Mas a incoerência de tal procedimento não é maior do que o que se encontra representado no símbolo. É a besta de chifres semelhantes aos do cordeiro — professando-se pura, suave e inofensiva que fala como o dragão.

Dizendo aos que habitam na Terra que fizessem uma imagem à besta.” Aqui se representa claramente a forma de governo em que o poder legislativo emana do povo; uma prova das mais convincentes de que os Estados Unidos são a nação indicada na profecia.

Mas o que é a “imagem à besta?” e como será ela formada? A imagem é feita pela besta de dois chifres, e é uma imagem à primeira besta. É também chamada imagem da besta. Portanto, para sabermos o que é a imagem, e como será formada, devemos estudar os característicos da própria besta — o papado.

Quando se corrompeu a primitiva igreja, afastando-se da simplicidade do evangelho e aceitando ritos e costumes pagãos, perdeu o Espírito e o poder de Deus; e, para que pudesse governar a consciência do povo, procurou o apoio do poder secular. Disso resultou o **papado**, uma igreja que dirigia o poder do Estado e o empregava para favorecer aos seus próprios fins, especialmente na punição da “heresia”. A fim de

formarem os Estados Unidos uma imagem da besta, o poder religioso deve a tal ponto **dirigir** o governo civil que a autoridade do Estado também seja empregada pela igreja para realizar os seus próprios fins.

Quando quer que a Igreja tenha obtido o poder secular, empregou-o ela para punir a discordância às suas doutrinas. As igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma, formando aliança com os poderes do mundo, têm manifestado desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Dá-se um exemplo disto na prolongada perseguição aos dissidentes, feita pela Igreja Anglicana. Durante os séculos XVI e XVII, milhares de ministros não-conformistas foram obrigados a deixar as igrejas, e muitos, tanto pastores como do povo em geral, foram submetidos a multa, prisão, tortura e martírio.

Foi a apostasia que levou a igreja primitiva a procurar o auxílio do governo civil, e isto preparou o caminho para o desenvolvimento do papado — a besta. Disse Paulo que havia de vir “a apostasia”, e manifestar-se “o homem do pecado”. (2 Tessalonicenses 2:3). Assim a apostasia na igreja preparará o caminho para a imagem à besta.

A Escritura Sagrada declara que antes da vinda do Senhor existirá um estado de decadência religiosa semelhante à dos primeiros séculos. “Nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens *amantes de si mesmos*, avaros, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, *sem amor para com os bons*, traidores, obstinados, orgulhosos, *mais amigos dos deleites do que amigos de Deus*, **tendo aparência de piedade**, mas negando a eficácia dela.” (2 Timóteo 3:1-5). **“Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios.”** (1 Timóteo 4:1). Satanás operará “com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça”. E todos os que “não receberam o amor da verdade para se salvarem”, serão abandonados à mercê da “operação do erro, para que creiam a mentira”. (2 Tessalonicenses 2:9-11). Quando for atingido tal estado de impiedade, ver-se-ão os mesmos resultados que nos primeiros séculos.

A vasta diversidade de crenças nas igrejas protestantes é por muitos considerada como prova decisiva de que jamais se poderá fazer esforço algum para se conseguir uma uniformidade obrigatória. Há anos, porém, que nas igrejas protestantes se vem manifestando poderoso e crescente sentimento em favor de **uma união baseada em pontos comuns de doutrinas**. Para conseguir tal união, deve-se necessariamente **evitar toda discussão de assuntos em que não estejam todos de acordo**, independentemente de sua importância do ponto de vista bíblico.

Carlos Beecher, em sermão pronunciado em 1846, declarou que o ministério das denominações evangélicas protestantes “não somente é formado sob terrível pressão do mero temor humano, mas também vive, move-se e respira num meio totalmente corrupto, e que cada instante apela para todo o elemento mais vil de sua natureza, a fim de ocultar a verdade e curvar os joelhos ao poder da apostasia. Não foi desta maneira que as coisas se passaram com Roma? Não estamos nós desandando pelo mesmo caminho? E que vemos precisamente diante de nós? Outro concílio geral! Uma convenção mundial! Aliança evangélica, e credo universal!” — Sermão sobre: A Bíblia Como um Credo Suficiente, pronunciado em Fort Wayne, Indiana, a 22 de fevereiro de 1846. Quando, pois, se conseguir isto nos esforços para se obter completa uniformidade, **apenas um passo haverá para que se recorra à força.**

Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apóie as instituições, a América do Norte protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a aplicação de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável.

A besta de dois chifres “faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita ou nas suas testas; para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome”. (Apocalipse 13:16 e 17). A advertência do terceiro anjo é: “Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus.” “A besta” mencionada nesta mensagem, cuja adoração é imposta pela besta de dois chifres, é a primeira, ou a besta semelhante ao leopardo, do capítulo 13 do Apocalipse — o papado. A “imagem da besta” representa a forma de **protestantismo apóstata** que se desenvolverá quando as igrejas protestantes buscarem o auxílio do poder civil para imposição de seus dogmas. Resta definir ainda o “sinal da besta”.

Depois da advertência contra o culto à besta e sua imagem, declara a profecia: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus.” Visto os que guardam os mandamentos de Deus serem assim colocados em contraste com os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal, é claro que a guarda da lei de Deus, por um lado, e sua violação, por outro, deverão assinalar a distinção entre os adoradores de Deus e os da besta.

O característico especial da besta, e, portanto, de sua imagem, é a violação dos mandamentos de Deus. Diz Daniel a respeito da ponta pequena, o papado: “Cuidará em mudar os tempos e a lei.” (Daniel 7:25). E Paulo intitulou o mesmo poder “o homem do pecado”, que deveria exaltar-se acima de Deus. Uma profecia é o complemento da outra.

Unicamente mudando a lei de Deus poderia o papado exaltar-se acima de Deus; quem quer que conscientemente guarde **a lei assim modificada**, estará a prestar suprema honra ao poder pelo qual se efetuou a mudança. Tal ato de obediência às leis papais seria um **sinal de vassalagem ao papa** em lugar de Deus.

O papado tentou mudar a lei de Deus. O segundo mandamento, que **proíbe o culto às imagens**, foi omitido da lei, e o quarto foi mudado de molde a autorizar a observância do primeiro dia em vez do sétimo, como sábado. Mas os romanistas aduzem como razão para omitir o segundo mandamento ser ele desnecessário, achando-se incluído no primeiro, e que estão a dar a lei exatamente como era o desígnio de Deus fosse ela compreendida. Essa não pode ser a mudança predita pelo profeta. É apresentada uma mudança intencional, com deliberação. “Cuidará em mudar os tempos e a lei.” A mudança no quarto mandamento cumpre exatamente a profecia. Para isto a única autoridade alegada é a da Igreja. Aqui o poder papal se coloca abertamente acima de Deus. [*Recordemos que, de acordo com o ‘Papa II’, os papas têm o direito de modificar as leis divinas, autoridade que lhes é dada por Deus e não pelos homens. Pura blasfêmia!*]

Enquanto os adoradores de Deus se distinguirão especialmente pelo respeito ao quarto mandamento — dado o fato de ser este o sinal de Seu poder criador, e testemunha de Seu direito à reverência e homenagem do homem — **os adoradores da besta salientar-se-ão por seus esforços para derribar o monumento do Criador e exaltar a instituição de Roma**. Foi por sua atitude a favor do domingo que o papado começou a ostentar arrogantes pretensões; seu primeiro recurso ao poder do Estado foi para impor a observância do domingo como “o dia do Senhor”. A Escritura Sagrada, porém, indica o sétimo dia e não o primeiro, como o dia do Senhor. Disse Cristo : “O Filho do homem é Senhor até do sábado.” O quarto mandamento declara: **“O sétimo dia é o sábado do Senhor.”** E pelo profeta Isaías o Senhor lhe chama: “Meu santo dia.” (Marcos 2:28; Êxodo 20:10; Isaías 58:13).

A alegação tantas vezes feita, de que Cristo mudou o sábado, é refutada por Suas próprias palavras. Em Seu sermão no monte, disse Ele: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos Céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos Céus.” (Mateus 5:17-19)...

Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado foi feita pela sua igreja, e declaram que os protestantes, observando o domingo, estão reconhecendo o poder desta. No “Catecismo Católico da Religião Cristã”, em resposta a uma pergunta

sobre o dia a ser observado em obediência ao quarto mandamento, faz-se esta declaração: “Enquanto vigorou a antiga lei, o sábado era o dia santificado, mas a igreja, instruída por Jesus Cristo, e dirigida pelo Espírito de Deus, substituiu o sábado pelo domingo; assim, santificamos agora o primeiro dia, e não o sétimo dia. Domingo quer dizer, e agora é, dia do Senhor.”

Como sinal da autoridade da Igreja Católica, os escritores romanistas citam “o próprio ato da mudança do sábado para o domingo, que os protestantes admitem; ... porque, guardando o domingo, reconhecem o poder da igreja para ordenar dias santos e impor sua observância sob pena de incorrer em pecado”. — *Resumo da Doutrina Cristã*, H. Tuberville p. 58. Que é, pois, a mudança do sábado senão o sinal da autoridade da Igreja de Roma ou “o sinal da besta”? [*Numa carta dirigida ao Cardeal Gibbons a 11 de novembro de 1895, um dignatário católico disse que havia respondido da seguinte maneira ao perguntar-lhe alguém se a mudança do sábado para o domingo havia sido efetuada pela Igreja Católica: ‘Certamente que sim! E o dito ato é uma marca do seu poder e autoridade no que se refere a questões religiosas’*].

A igreja de Roma não renunciou a suas pretensões à supremacia; e, se o mundo e as igrejas protestantes aceitam um dia de repouso de sua criação, ao mesmo tempo em que rejeitam o sábado bíblico, acatam virtualmente estas pretensões. Podem alegar a autoridade da tradição e dos pais da igreja para a mudança, mas, assim fazendo, ignoram o próprio princípio que os separa de Roma, de que — “A Bíblia, e a Bíblia só, é a religião dos protestantes”. Os romanistas podem ver que estão enganando a si mesmos, fechando voluntariamente os olhos para os fatos em relação ao caso. À medida que ganha terreno o movimento em favor do repouso dominical obrigatório, eles se regozijam, na certeza de que, por fim, todo o mundo protestante será reunido sob a bandeira de Roma.

Os romanistas declaram que “a observância do domingo pelos protestantes é uma homenagem que prestam, malgrado seu, à autoridade da Igreja [Católica]”. — *Mgr. Segur, Plain Talks About Protestantism of Today*, p. 213. A imposição da guarda do domingo por parte das igrejas protestantes é uma obrigatoriedade do culto ao papado — à besta. Os que, compreendendo as exigências do quarto mandamento, preferem observar o sábado espúrio em lugar do verdadeiro, estão desta maneira a prestar homenagem ao poder pelo qual somente é ele ordenado. Mas, no próprio ato de impor um dever religioso por meio do poder secular, formariam as igrejas mesmas uma imagem à besta; daí a obrigatoriedade da guarda do domingo nos Estados Unidos equivaler a impor a adoração à besta e à sua imagem.

Mas os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que em assim fazendo estavam a guardar o sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos

em todas as igrejas, não excetuando a comunhão católica romana, que crêem sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. Deus aceita a sinceridade de propósito de tais pessoas e sua integridade. Quando, porém, a observância do domingo for imposta por lei, e o mundo for esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. Prestará homenagem a Roma, e ao poder que impõe a instituição que Roma ordenou. Adorará a besta e a sua imagem. Ao rejeitarem os homens a instituição que Deus declarou ser o sinal de Sua autoridade, e honrarem em seu lugar a que Roma escolheu como sinal de sua supremacia, aceitarão, de fato, o sinal de fidelidade para com Roma — “o sinal da besta”. E somente depois que esta situação esteja assim plenamente exposta perante o povo, e este seja levado a optar entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que, então, aqueles que continuam a transgredir hão de receber “o sinal da besta”.

A mais terrível ameaça que já foi dirigida aos mortais, acha-se contida na mensagem do terceiro anjo. Deverá ser um terrível pecado que acarretará a ira de Deus, sem mistura de misericórdia. Os homens não devem ser deixados em trevas quanto a este importante assunto; a advertência contra tal pecado deve ser dada ao mundo antes da visita dos juízos de Deus, a fim de que todos possam saber por que esses juízos são infligidos, e tenham oportunidade de escapar. A profecia declara que o primeiro anjo faria o anúncio a “toda a nação, e tribo, e língua, e povo”. A advertência do terceiro anjo, que faz parte da mesma tríplice mensagem, deve ser não menos difundida. É representada na profecia como sendo proclamada com grande voz, por um anjo voando pelo meio do céu; e se imporá à atenção do mundo.

No desfecho desta controvérsia, toda a cristandade estará dividida em duas grandes classes — os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, e os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal. Se bem que a igreja e o Estado reúnam o seu poder a fim de obrigar “a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos”, a receberem “o sinal da besta” (Apoc. 13:16), o povo de Deus, no entanto, não o receberá. O profeta de Patmos contempla “os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número de seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, ... e o cântico do Cordeiro”. (Apocalipse 15:2 e 3)”. (*O Grande Conflito*, cap. 25, p. 439-451).

Estejam alerta, prezados amigos. As profecias que acabam de ler cumprir-se-ão muito em breve. A besta está fazendo os seus movimentos estratégicos. A 7 de Julho de 1998 o Vaticano publicou a **Carta Apostólica** do Papa João Paulo II intitulada **Dies Domini — Como Santificar o Dia do Senhor**, um documento de 104 páginas. Esta carta constitui um ataque direto contra o Quarto Mandamento da Lei de Deus que ordena

a observância do sábado ou sétimo dia da semana e mesmo contra o criador que o instituiu. No ponto 67 de *Dies Domini* diz o seguinte: “Por isso, é natural que os cristãos se esforcem para que, também nas circunstâncias específicas do nosso tempo, a legislação civil tenha em conta o seu dever de santificar o domingo”. No mesmo dia o jornal *The Denver Post* publicou esta citação do Vaticano: **“Os que o violem devem ser castigados como hereges”**.

A agenda de Roma, tão notória na epístola **Dies Domini**, mostra também no subtítulo da *Exortação Apostólica* dada por João Paulo II aos líderes leigos católicos romanos na Assembléia Sinódica efetuada na Cidade do México a 22 de janeiro de 1999, o seguinte: **“O Caminho Para a Conversão, Comunhão e Solidariedade na América”**. A Igreja Católica Romana insiste na solidariedade, a qual se tem que conseguir na América no terceiro milênio cristão (*Exortação Apostólica, Ecclesia na América*, Artigo 3). A agenda de Roma é na realidade **um novo estilo agressivo de evangelismo** em solo americano empreendido em nome da unidade. Desempenhará a falsa Virgem Maria um papel essencial neste *novo evangelismo*? Certamente que sim! À medida que o tempo passa, os pastores e fieis de igual forma dão-se conta do papel que Maria há de desempenhar na evangelização da América. A Virgem de Guadalupe é venerada como a **“Rainha de toda a América... e a Estrela da primeira e da nova evangelização**. Eu [João Paulo II] aceitei com regozijo a proposta dos Padres do Sínodo que a Festa da Nossa Senhora de Guadalupe, Mãe e **Evangelizadora da América**, se celebre através de todo o continente a 12 de dezembro. É o meu sincero desejo que ela, cuja intercessão foi responsável pelo fortalecimento da fé dos primeiros discípulos (cf. João 2:11), mediante a sua **maternal intercessão** dirija agora a igreja na América, favorecendo-a com o derramamento do Espírito Santo assim como o fez uma vez para a igreja primitiva (cf. Atos 1:14), para que a nova evangelização redunde num rico florescimento da vida cristã” (Id. Art. 11). Com estas palavras o papa dedicou a América a Maria!

João Paulo II deixou o melhor para a ultima parte da sua *Exortação*, Artigo 73, a qual se intitula **O Desafio das Seitas**: “As atividades proselitistas das **seitas e os novos agrupamentos religiosos** da América são um **grave estorvo** para a obra de evangelização”. Não tenhamos dúvidas de que nos encontramos nos últimos dias!

CAPÍTULO 18

A Nova Eva da Nova Era Vindoura

Prezados amigos, os eventos finais serão rápidos “pois o Senhor executará e abreviará a sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a” (Romanos 9:28). Portanto, Satanás sabendo que lhe resta pouco tempo, opera diligentemente para enganar o mundo por meio dos seus sofismas enganosos, e o Movimento Sacerdotal Mariano é um dos seus instrumentos mais efetivos. Essa entidade continua o seu ataque contra as verdades da Palavra de Deus alegando que Maria é a “Segunda ou Nova Eva”, porque, como nossa presumível “Co-redentora, Mediadora e Advogada” ela desempenha um papel de maior importância no que se refere a nossa salvação. De fato, a Virgem Maria apareceu na capa da revista *Newsweek* de 25 de agosto de 1997. No seu artigo de primeiro plano intitulado “Hail Mary” [Ave Maria] comentou-se que “há um crescente movimento dentro da Igreja Católica a favor de que o papa proclame um novo e controverso dogma: **que Maria é a co-redentora**. Será feito antes deste milênio?” Acrescentou a *Newsweek*: “No espaço dos últimos quatro anos, o papa recebeu 4.340.429 assinaturas procedentes de 157 países — uma média de 100.000 por mês — em favor da doutrina proposta”.

Diz porventura a Bíblia em João 3:16 que “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu a *Virgem Maria*, para que todo o que *nela crê* não pereça mas tenha a vida eterna”? Certamente que não! Foi Cristo quem levou os pecados do mundo. A Ele se chama o segundo Adão porque assumiu a natureza humana e passou pelo solo em que caíra o primeiro Adão. “Pois na verdade ele não socorre a anjos, mas sim à descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante a seus irmãos... a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hebreus 2:16, 17). Ainda assim, os autores de *O Trovão da Justiça* ousadamente porfiam que em vista de que Cristo foi concebido no ventre de Maria por intervenção do Espírito Santo [ver Mateus 1:18, 20] então **Maria é a esposa do Espírito Santo** e juntos eles estendem o chamado, “O Espírito e a Esposa dizem: Vem. E que ouve diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida” (Apocalipse 22:17). Mas esse não é o sentido deste versículo! A “esposa” neste versículo [ou noiva noutras versões] refere-se à cidade santa, a Nova Jerusalém. “E eu, João, **vi a santa cidade, a nova Jerusalém**, que de Deus descia do Céu, **adereçada como uma esposa** ataviada para o seu marido”. “E veio a mim um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, **a mulher do Cordeiro**. E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a **santa Jerusalém**, que de Deus descia do céu”. (Apocalipse 21:2, 9, 10). Seguramente não é a Virgem Maria, mas sim a

voz aprazível e delicada do Espírito Santo e a terna súplica da santa cidade ou esposa que as instam com todo pecador a regressar ao Lar — à “casa” de “muitas moradas”, preparada para aqueles que escolham juntar-se ao número de redimidos de Deus. Todos nós deveríamos procurar uma pátria melhor, “isto é, a celestial. Pelo que também Deus não se envergonha deles, de ser chamado de seu Deus, pois **já lhes preparou uma cidade** [a Nova Jerusalém]” (Hebreus 11:16).

Este mundo não é o meu lar, e espero que tampouco seja o seu. O meu lar é a Nova Jerusalém que descerá dos céu à Terra depois de (a Terra) por mil anos ter sido a desolada prisão de Satanás, e que ficará estabelecida por toda a eternidade como a capital do mundo novo (Apocalipse 21:1, 2). Estaria então equivocado João, o Revelador, quando escreveu as palavras citadas anteriormente — palavras que nem sequer por uma vez identificam a Virgem Maria como a “Esposa” mencionada no livro do Apocalipse? Porventura ter-lhe-ia Deus dado uma visão falsa concernente aos últimos dias? Ou será que as aparições, as estátuas que sangram e as palavras da presumível Maria são na realidade uma mentira? **As palavras da falsa virgem Maria voltam a contradizer as Sagradas Escrituras!**

O último ponto, mas não menos importante, é que a falsa Virgem Maria se identifica a si mesmo como a “Rainha da Era Vindoura”. Em que parte da Bíblia é nos dito que uma “Rainha” há de governar a Nova Terra? Pelo contrário, a Bíblia diz-nos que o **“Rei dos Reis, e Senhor dos senhores”** (Apocalipse 19:16) reinará na Nova Terra e que “um rio de água da vida, claro como cristal” fluirá do **“trono de Deus e do Cordeiro”** (Apocalipse 22:1).

Falta tão pouco tempo! No sábado 21 de dezembro de 1996 apareceu a seguinte reportagem no jornal *The Denver Post*: **“Aumentam as aparições da Virgem Maria à medida que nos aproximamos do novo milênio.** Milhares se aglomeram para ver a aparição na torre de um edifício de escritórios”. O artigo dizia que cerca de 250.000 pessoas têm visitado o edifício de *Seminole Finance Corporation* em Clearwater, Flórida (EUA) para ver o reflexo nos cristais das janelas que se assemelham à Virgem Maria. “Nesta época de pecado e confusão, nestes dias próximos do começo de um novo milênio, os crentes dizem que a Mãe de Deus está visitando a Terra com **maior frequência**”, noticiou o Diário Port. “Ver é crer” dizia-se. Mas é realmente assim? Podemos confiar nos nossos sentidos hoje em dia? Deveríamos de fato confiar neles? O que diz a Bíblia? — “A Lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva” (Isaías 8:20).

CAPÍTULO 19

O Ato Capital do Drama do Engano: Satanás faz-se passar por Cristo

Meus estimados amigos, acredito que em muito em breve a falsa Virgem Maria, que é obra de demônios, aparecerá no mundo em forma corporal e por meio desta obra-mestra de Satanás milhões de pessoas inocentes irão ser enganadas. E possivelmente esta falsa Maria (um demônio disfarçado) apresentará a seu Filho, um falso Jesus, ao mundo. E esse Jesus não será outro senão **o próprio Satanás**. Se suceder assim, então este será o ato capital dos enganos do Diabo! Mas é possível que antes disso ocorrer vejamos demônios fazendo-se passar pelos apóstolos, como por exemplo Pedro e Paulo, que falarão contradizendo o que uma vez escreveram por inspiração do Espírito Santo quando estiveram na Terra. Eis aqui uma amostra deste tipo de profecia: “Depois de três dias de obscuridade, S. Pedro e S. Paulo descenderão do Céu, pregarão em todo o mundo e elegerão um novo papa. Uma grande luz brilhará dos seus corpos e repousará sobre o cardeal que será nomeado papa. O cristianismo difundir-se-á por todo o mundo. Ele será o Santo Pontífice escolhido por Deus para suportar a tormenta. No final, terá o dom de fazer milagres e o seu nome será louvado por toda a Terra. Nações inteiras voltarão à Igreja e a face da Terra será renovada. Rússia, Inglaterra e China voltarão à Igreja” (*O Trovão da Justiça*, p. 353). É perigoso concluir que “ver é crer”. Satanás vale-se deste conceito enganoso para enganar a todos os habitantes do mundo.

Não sei se Satanás com os seus artifícios infernais fará transcorrer a cena relatada no parágrafo anterior exatamente como foi descrita, mas estou bem seguro de que as Escrituras nos advertem que “tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, **transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.** Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras”. (2 Coríntios 11:13-15).

“**Terríveis cenas de caráter sobrenatural** logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios, operadores de prodígios. Os espíritos diabólicos sairão aos reis da Terra e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a se unirem a Satanás em sua última luta contra o governo do Céu. Mediante estes agentes, serão enganados tanto governantes como súditos. Levantar-se-ão pessoas pretendendo ser o próprio Cristo e reclamando o título e culto que pertencem ao Redentor do mundo. Efetuarão maravilhosos prodígios de cura, afirmando terem recebido do Céu revelações que contradizem o testemunho das Escrituras.

Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja tem há muito tempo professado considerar o advento do Salvador como a realização de suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo veio. Em várias partes da Terra, Satanás se manifestará entre os homens como um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus dada por João no Apocalipse (Apocalipse 1:13-15). A glória que o cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa nos ares a aclamação de triunfo: “Cristo veio! Cristo veio! O povo se prostra em adoração diante dele, enquanto este ergue as mãos e sobre eles pronuncia uma bênção, assim como Cristo abençoava Seus discípulos quando aqui na Terra esteve. Sua voz é meiga e branda, cheia de melodia. Em tom manso e compassivo apresenta algumas das mesmas verdades celestiais e cheias de graça que o Salvador proferia; cura as moléstias do povo, e então, em seu pretenso caráter de Cristo, **alega ter mudado o sábado para o domingo**, ordenando a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. Declara que aqueles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de Seu nome, pela recusa de ouvirem Seus anjos à eles enviados com a luz e a verdade. É este o poderoso engano, quase invencível. Semelhantes aos samaritanos que foram enganados por Simão Mago, as multidões, desde o menor até o maior, dão crédito a esses enganos, dizendo: “Esta é a grande virtude de Deus.” (Atos 8:10).

Mas o povo de Deus não será desencaminhado. Os ensinamentos deste falso Cristo não estão de acordo com as Escrituras. Sua bênção é pronunciada sobre os adoradores da besta e de sua imagem, a mesma classe sobre a qual a Bíblia declara que a ira de Deus, sem mistura, será derramada.

E, demais, não será permitido a Satanás imitar a maneira do advento de Cristo. O Salvador advertiu Seu povo contra o engano neste ponto, e predisse claramente o modo de Sua segunda vinda. “Surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. ... Portanto se vos disserem: Eis que Ele está no deserto, não saiais; eis que Ele está no interior da casa, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra até ao Ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem.” (Mateus 24:24-27, 31; 25:31; Apocalipse 1:7; 1 Tessalonicenses 4:16, 17). Não há possibilidade de ser imitada esta vinda. Será conhecida universalmente, testemunhada pelo mundo inteiro.

Apenas os que forem diligentes estudantes das Escrituras, e receberem o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganos que dominam o mundo. Pelo testemunho da Bíblia estes surpreenderão o enganador em seu disfarce. Para todos virá o tempo de prova. Pela cirandagem da tentação, revelar-se-ão os verdadeiros crentes. Acha-se hoje o povo de Deus tão firmemente estabelecido em Sua Palavra que não

venha a ceder à evidência de seus sentidos? Apegar-se-á nesta crise à Bíblia, e a Bíblia só?” (*O Grande Conflito*, cap. 39, p. 629, 630).

Oh, amigos, não se trata destas coisas poderem vir a suceder mas sim quando irão suceder! Os mesmos autores dos livros *O Trovão da Justiça* professar crer que assim como Maria deu à luz a Jesus e o trouxe ao mundo pela primeira vez; **ela própria será a que anunciará a sua segunda vinda ao mundo**. Isto é algo que eles dão por certo: “Assim como João Batista preparou o caminho para a primeira vinda de Jesus, Maria prepara o caminho para a segunda vinda. Maria proclama a próxima chegada de um mundo e uma era novos, e o triunfo do Seu Coração Imaculado e o Segundo Pentecostes (o derramamento do Espírito Santo) darão lugar ao Reinado do Sagrado Coração de Jesus. A 23 de novembro de 1990, a Nossa Mãe Santíssima falou através do Padre Gobbi, acerca do glorioso reinado de Jesus e da sua segunda vinda: ‘O reino glorioso de Cristo, que será instaurado entre vós, com a segunda vinda de Cristo ao mundo, está próximo. Este é o seu retorno glorioso, para instaurar entre vós o seu reino e devolver toda a humanidade, redimida pelo seu Preciosíssimo Sangue, ao estado do Seu novo Paraíso terrestre. **O que se está preparando é algo tão grande como jamais existiu desde a criação do mundo**’” (*O Trovão da Justiça*, p. 12, 13).

A conclusão dos autores de *O Trovão da Justiça* é que, com base nas suas expectativas e prognósticos, não só se verão maiores aparições de Maria num futuro não muito distante (talvez em forma completamente corporal para que milhões de pessoas possam ver), mas que verão também quantidades de outros fenômenos, como por exemplo, a manifestação permanente no Céu da cruz vermelha pagã à vista de todos (em forma de “T” de Tamuz). Além disso, “ela prometeu deixar um sinal visível para toda a humanidade em Medjugorje, lugar das suas aparições” (Art. **“The New Fátima”**, *Newsweek*, 25 de agosto de 1997, p. 52; *O Trovão da Justiça*, p. 207). Outros dizem que até o ano 2000 Maria deixará um sinal proeminente que será visto pelo mundo inteiro. Não nos resta outra alternativa do que esperar para ver se é verdade. **E a falsa “Mãe de Deus”, juntamente com todos os esforços ecumênicos do papa, inclinarão a balança da opinião pública a favor da união de todas as igrejas do mundo e o retorno das suas ramificações de prostituição ao seio da sua mãe?** Queridos amigos, não só tudo isso é possível, como Maria, que segundo a doutrina católica nunca viu a corrupção e foi elevada ao Céu, ou que se converteu num “espírito vivente” depois da morte, conforme a crença da maioria dos demais cristãos e não cristãos, pode também ser precisamente a personagem que consiga unificar todas as igrejas para perseguir fins comuns sob o impulso do espiritismo no seu aspecto moderno — **o movimento da Nova Era! Assim se formará uma tríplice união de catolicismo, protestantismo apóstata e espiritismo sobre a base das doutrinas comuns: a santidade do domingo [o culto ao deus-sol de Babilônia conhecido pelos partidários da Nova Era como “pai”] e a doutrina da**

imortalidade da alma [que eles conhecem simplesmente como “reencarnação”]. Deus predisse que esta trílice união há de efetuar-se, e foi revelada a João na seguinte linguagem simbólica: “Então vi três espíritos imundos, semelhantes a rãs, saírem da boca do dragão, [o sortilégio ou o espiritismo pagão] e da boca da besta, [a Igreja Católica Romana] e da boca do falso profeta [o protestantismo apóstata]. **São espíritos de demônios, que operam sinais;** os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, a fim de congregá-los para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas roupas, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas”. (Apocalipse 16:13-15). A doutrina da imortalidade da alma, não importa em que forma se manifeste, é a razão principal por detrás da adoração de imagens e da Virgem Maria e prepara o caminho para a adoração de demônios! Se o prezado leitor crê que os mortos podem comunicar-se com os vivos, é uma vítima fácil para ser surpreendido pela fraude cativante da **Nova Era — a Rainha da Nova Era Vindoura.**

Não será porventura possível que seja a Virgem Maria quem consiga convencer os maometanos a que se unam com as demais religiões na base de pontos comuns de doutrina? Um dado curioso é que a famosa localidade de Fátima em Portugal, onde se diz que a Virgem Maria apareceu algumas vezes, tem o nome de Fátima, a filha de Mahoma. Além disso um dos livros do Corão intitula-se *Mariam o Marium* (A Virgem Maria). Os mulçumanos em todo o mundo têm muito respeito a Maria e conhecem-na como “a mulher piedosa da palavra” e que, segundo me têm dito alguns mulçumanos, já está no Céu!

CAPÍTULO 20: EPÍLOGO

A Mensagem dos Três Anjos

Antes de dar por terminado este livro, quero dizer-lhes que eu amo os católicos. De fato, quase todos os meus parentes são católicos romanos. Portanto, ninguém interprete esta mensagem como um ataque contra as pessoas que são católicas. O meu propósito é desmascarar o sistema católico romano e dar a conhecer porque razão ele é o Anticristo. Muitos dos que pertencem a esta denominação religiosa são cristãos verdadeiros. Não é a minha intenção, de forma alguma, pôr-me a julgar o coração destas pessoas. Tenho, sim, querido demonstrar a falsidade do sistema do qual eles são membros devotos. Creio que isto é muito necessário, particularmente nestes dias em que o dito sistema está a procurar impor as suas idéias e práticas babilônicas ou pagãs no mundo inteiro, sob o disfarce de uma Nova Ordem Mundial. Em dias como os nossos, aplica-se perfeitamente a seguinte declaração bíblica: “Pois os seus pecados se acumularam até ao Céu” (Apocalipse 18:5).

Muitas vezes os meus próprios pais perguntaram-me: “Porque andas a criticar a afiliação religiosa e as crenças dos demais?” Creiam-me, prezados amigos, não me comprazo em expor os pecados de Babilônia, mas faço-o por ordem de Deus porque o Anticristo tem intentado usurpar o Seu trono e o Seu poder, e as multidões que o seguem vão perder-se. Outros me dirão: “Isso não é amor, e tu professas ser cristão!” Temos que recordar o seguinte pensamento: “O verdadeiro amor busca primeiro a honra de Deus e a salvação das almas. Os que possuem este amor não se esquivarão à verdade para se abrigarem dos incômodos resultados de falar claramente. Quando as almas estão em perigo, os ministros de Deus não considerarão o eu, mas falarão a palavra que lhes é ordenada, recusando desculpar ou atenuar o mal” (*Profetas e Reis*, p. 138). No campo da batalha entre o Bem e o Mal, o Verdadeiro e o Falso, a Verdade e a Mentira, onde está em jogo o destino eterno das pessoas, teria sentido abster-se do escrutínio das falsas crenças simplesmente porque se trata de religião? No fim de contas, a isso mesmo se refere, em essência, “o grande conflito entre Cristo e Satanás”!

Amigos, a guerra entre Cristo e Satanás tem-se desenrolado durante séculos. Diz Apocalipse 12:7, 8: “E houve guerra no céu; Miguel [Cristo] e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus”. [ver Judas 9; 1 Tessalonicenses 4:16 e João 5:26-29]. Foi assim que o grande conflito entre o bem e o mal, que se originou no Céu sendo Satanás um formoso querubim chamado Lúcifer, continuou na terra desde o tempo de Adão e Eva. Satanás usará qualquer meio disponível, inclusive as entidades religiosas e políticas

e até as supostas aparições da Virgem Maria com o objetivo de conseguir a destruição do povo de Deus. Assim como o grande enganador usou a serpente, usou também se igual maneira o faraó do Egito, a Nabucodonosor rei da Babilônia, e vários dos reis de Israel, a Herodes rei da Judéia, e aos escribas e fariseus. Atualmente está a usar o papado romano para cumprir os seus nefastos propósitos que hão de chegar ao seu ponto culminante num futuro próximo. Visto que o catolicismo romano tem empenhado ou envenenado quase todas as organizações religiosas e também aos reis e habitantes da terra, Satanás está pronto para lançar seu último ataque a qualquer momento.

Segundo as profecias bíblicas e a marcha dos acontecimentos ao nosso redor que claramente estão relacionados com o cumprimento das ditas profecias, **estamos a ponto de presenciar o pleno desenvolvimento do drama da “marca da besta” contra o “selo de Deus”, representado de uma forma patente nos capítulos 13 e 14 de Apocalipse. A Nova Ordem Mundial com a sua Religião Mundial (que requer a santificação do domingo de parte de todos os habitantes da terra) está a ponto de entrar em vigor. Está Deus preparado para enfrentar esta crise? Certamente que sim! E a Sua resposta está contida em Apocalipse 14:6-12 — A Mensagem dos Três Anjos!** “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, [o único evangelho das Sagradas Escrituras] para o proclamar [a mensagem tem de ser escutada] aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz [é uma mensagem de vida ou morte]: Temei a Deus, [colocar a nossa vida em harmonia com Seus Mandamentos] e dai-lhe glória; [refletir o seu caráter ou lei no viver diário] **porque é vinda a hora do seu juízo** [é hora de prestar contas]. **E adorai aquele** [ao Deus criador e não à besta ou a Roma ou à sua imagem que é o protestantismo apóstata] **que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.** [linguagem do **quarto mandamento ou lei do sábado** — em outras palavras, ‘Observai o meu dia santo’]. E outro anjo seguiu, [a mensagem é suficientemente importante para que se lhe preste bastante atenção], dizendo: Caiu, caiu Babilônia, [as igrejas protestantes começaram a rejeitar a mensagem do primeiro anjo em favor das tradições pagãs de Babilônia], aquela grande cidade, que a todas as nações [o mundo inteiro] deu a beber do vinho [símbolo das falsas doutrinas tais como a santificação do domingo e a imortalidade da alma que a maioria das igrejas tem aceito] da ira da sua prostituição [adultério espiritual]. E seguiu-os o terceiro anjo, [anotando as mensagens dos dois primeiros anos com a admoestação mais severa de toda a Bíblia] dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal [o domingo- mandamento de homem] **na sua testa, [crendo-o] ou na sua mão,** [submissamente o aceita] também este beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre [o fogo eterno consumirá completamente os ímpios e os seus resultados são eternos (ver Malaquias 4:1, 3; Judas 7)] diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; [o vocábulo

grego **aion** indica um lapso de tempo, podendo ser curto ou longo, dependendo da gramática da oração. Os ímpios recebem o castigo conforme as suas obras. Claramente, a duração do castigo de uns será diferente dos outros. O que sofrerá durante mais tempo será Satanás. Não obstante, todos os ímpios serão consumidos totalmente (ver Apocalipse 20:12-14; 2 Tessalonicenses 1:8, 9; e uma vez mais Malaquias 4:1, 3)] e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome [em desprezo e desconsolo perecem para sempre]. Aqui está a paciência dos santos; aqui estão **os que guardam os mandamentos de Deus** [não os de Roma] **e a fé de Jesus** [porque é apenas pela fé em Cristo e mediante a Sua graça que podemos obedecer os Seus mandamentos]”.

A mensagem dos três anjos é a mais solene de todas nas Escrituras pois é, a última admoestação ao mundo antes de terminar o tempo da graça! Realmente, não é muito difícil compreender as profecias do livro do Apocalipse quando se sabe o que significam os sinais e símbolos. Recordo-me quando li pela primeira vez as Mensagens dos Três Anjos depois de ter recebido sabedoria e entendimento do alto. Enamorei-me delas e senti um profundo desejo de compartilhá-las com todo o mundo, e rogo a Deus que esta seja a sua experiência também, portanto elas contêm a mensagem de salvação. **Compartilhe este livro com o maior número possível de pessoas. Envie-o pelo correio aos seus amigos e familiares, e se possível a uma cidade inteira!** Mas não importa o que faça, por favor faça-o rapidamente! Deus o recompensará ricamente! Temos a promessa divina: “Bem-aventurado aquele que lê, e bem-aventurados os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo”. (Apocalipse 1:3). Que a graça do Deus Todo-Poderoso seja convosco meus amados irmãos, e não esqueçam que não têm nada a temer porque o Senhor dos Exércitos e a Sua verdade triunfarão no fim.

“E depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, [um quarto anjo une-se aos Três Anjos de Apocalipse 14:6-12 para dar mais ímpeto às mensagens] e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: **Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e aborrecível;** porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias. [esquece-se Deus aqui ao falar de uma forma tão negativa dum sistema global, supostamente religioso, que rejeita a última admoestação misericordiosa de Deus — a Mensagem dos Três Anjos; que impõe castigos ameaçando a vida dos fieis que proclamam as últimas admoestações divinas sob o grande poder do Espírito Santo; que voluntariamente se submete aos ‘poderes das trevas’ na forma de espiritismo? Eventualmente, ao levar a sua obra e etiqueta de ‘religião’, estará legalmente isenta de

que se exponha a sua falsidade à luz da Palavra de Deus? Ou será que as leis que se estão maquinando solapadamente para proibir os ‘ataques’ contra outras comunhões religiosas não são mais que manobras sagazes do ‘pai da mentira’ para evitar que se descubram as suas artimanhas e enganos perniciosos que levam multidões a perdição?]. E ouvi outra voz do céu, que dizia: **Sai dela, povo meu**, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela. Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber, dai-lhe a ela em dobro. Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto em tormento e pranto; porque diz em seu coração: **Estou assentada como rainha**, [porque o mundo inteiro é a sua sede, mas dentro de pouco tempo os ímpios do mundo voltar-se-ão contra ela porque foram vítimas dos seus enganos] e não sou viúva, e não verei o pranto; **Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, o pranto e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga.** (Apocalipse 18:1-8).

CAPÍTULO EXTRA

Maria continuou virgem após o nascimento de Jesus?

Este capítulo não consta na versão impressa do livro “A Virgem Maria: Está Morta ou Viva?”. De autoria de Allen, digitalizador da versão digital do livro, foi feito com o objetivo de sanar uma questão importante de que não foi tratada na versão impressa.

É de conhecimento universal, que Maria se achou grávida pela operação do Espírito Santo, antes que tivesse mantido relações sexuais com José [seu marido] (ver Mateus 1:18). É fato bíblico incontestável de que a virgem concebeu e deu a luz ao Messias. (Mateus 1:23). A questão que se levanta aqui é: Maria continuou virgem após o nascimento de Cristo? Ela manteve, após o nascimento de Jesus, relações sexuais com seu marido, José? Será que a Bíblia traz alguma luz sobre este assunto?

Vejamos o que diz Mateus 1:25 em diversas traduções das Sagradas Escrituras:

1- Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada

*“Contudo, não a conheceu, **enquanto** ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.”*

2- Versão: Nova Tradução na Linguagem de Hoje

*“Porém não teve relações com ela **até que** a criança nasceu. E José pôs no menino o nome de Jesus.”*

3- Versão: João Ferreira de Almeida Atualizada

*“...e não a conheceu **enquanto** ela não deu à luz um filho; e pôs-lhe o nome de JESUS.”*

4- Versão: Spanish: Reina Valera (1909)

*“...Y no la conoció **hasta que** parió á su hijo primogénito: y llamó su nombre JESUS.”*

5- Versão: Spanish: Sagradas Escrituras (1569)

*“...Yno la conoció **hasta que** dio a luz a su hijo Primogénito; y llamó su nombre JESUS.”*

6- Versão: English: King James Version (Versão do Rei James)

*“And knew her not **till** she had brought forth her firstborn son: and he called his name JESUS.”*

7- Versão: English: Young's Literal Translation (Tradução Jovem Literal)

“... and did not know her **till** she brought forth her son -- the first-born, and he called his name Jesus.”

8- Versão: La Santa Bíblia (Católica)

“Y no la conocía **hasta que** ella dio a luz un hijo, y le puso por nombre Jesús.”

Nada menos que oito traduções diferentes colocam um limite de tempo definido para a virgindade de Maria. Todas elas afirmam que José não a conheceu **até**, [*hasta que, till*] que ela deu à luz ao menino e lhe colocou o nome de Jesus. O nome era colocado, ou confirmado pelo sacerdote, no dia da circuncisão (Lucas 2:21), ou seja, no oitavo dia de vida do bebê. É evidente entre os leitores da Bíblia, que a expressão *conheceu*, é utilizada na Palavra de Deus para denotar a relação sexual, e que o versículo 25 do primeiro capítulo de Mateus foi escrito especialmente para elucidar esta questão! No entanto, a palavra *conheceu*, é omitida na conhecida tradução católica romana da Bíblia Ave Maria:

Versão: Bíblia Ave Maria

“E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus.”

Totalmente absurdo! Já que a própria tradução católica ‘La Santa Bíblia’ (em espanhol), nos confirma que “Y no la **conocía hasta que** ella dio a luz un hijo”. Todo estudante universitário sabe, que em questões controvertidas deve-se buscar a opinião de vários autores. No caso, buscamos a ‘opinião’ de diversas traduções diferentes. E a maioria esmagadora está de acordo que Maria permaneceu virgem até o dia da circuncisão de Jesus. Depois manteve relações sexuais normalmente com seu marido.

Mas, como podemos saber qual tradução está correta? Será que as 8 traduções mostradas estão erradas e somente a Versão da Bíblia Ave Maria está correta? Será que tudo não faz parte de uma conspiração sem base nenhuma? Afinal como bilhões de pessoas podem estar enganadas sobre algo tão fundamental? Para solucionar esta dúvida, basta pesquisar os originais em grego. Qualquer pessoa que tenha acesso a internet pode fazer isso hoje em dia, não sendo necessário conhecer a língua grega e nem passar anos em cursos de teologia. Os sites traduzem palavra por palavra do grego para uma língua atual. Vejamos o que diz Mateus 1:25 em grego transliterado (para nosso alfabeto latino):

*kai ouk eginôskên autên **eôs** ou eteken tsb=ton uion tsb=autês tsb=ton tsb=prôtotokon kai ekalesen to onoma autou iêsoun*

A palavra grega que é traduzida por *até, ou enquanto* é Heos ou Eôs, sendo identificado nas pesquisas como “Strong # 2193” e é definido como “conjunção, preposição e advérbio de continuação (**tempo** ou lugar)”. Como já havíamos dito, Mateus 1:25 foi escrito para definir o **tempo**, ou período que Maria permaneceu virgem, sendo criminosamente omitido na tradução da Bíblia Ave Maria por razões óbvias (especialmente para quem já leu todo este livro).

Por isso mesmo, em nenhuma passagem das sagradas escrituras, principalmente na fase adulta do messias, encontram-se a expressão ‘Virgem Maria’. E considerando que o ato sexual, realizado dentro do casamento, nunca foi e nunca será pecado, Maria continua santa como sempre foi. Lembrando que ela será ressuscitada quando na segunda vinda, o “Senhor Jesus descer do Céu” e “dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro”. (I Tessalonicenses 4:15-18). Entendimento este, baseado na autoridade divina não de concílios de homens, mas da Palavra de Deus:

“Estou pronto a honrar com toda humildade a Igreja Romana, nada colocar acima dela, nem no Céu e nem na Terra, a não ser o Deus único e Sua Palavra. Não me retratarei a menos que se possa convencer-me pelos testemunhos da Escritura ou por razões evidentes; de fato, não creio nos papas e nem nos concílios, pois é claro como o dia que eles erraram frequentemente e caíram em contradição. Estou cativado pelas Santas Escrituras que citei, e minha consciência está ligada à Palavra de Deus. Não posso e nem quero retratar-me em nada, porque não é seguro... agir contra a consciência. Deus me ajude! Amén”. (Lutero ao eleitor da Saxônia e na Dieta de Worms – citado por *André Alba, Tempos Modernos, São Paulo, Mestre Jou, 1968. p. 40-41*).

Referências do capítulo extra:

1- Fonte de pesquisa das 8 traduções bíblicas e do original em grego:

<http://www.bibliaonline.net> (Acessar “Pesquisa Bíblica Avançada”)

2- Fonte de pesquisa da tradução bíblica “Ave Maria”:

<http://www.bibliacatolica.com.br>

Finalizado em 24 de dezembro de 2007.